

a melhor forma de enterrar o teu marido

alexia casale

Tradução de José Remelhe

**PARA TODAS AS MULHERES
QUE LUTAM POR OUTRAS MULHERES.**

**E TODAS AS MULHERES QUE TORNAM
A MINHA VIDA MARAVILHOSA.**

(P. S.: É bom que acreditem que a promessa de ajuda ao enterro de cadáveres é legítima. Naturalmente, espero que seja uma recíproca ligação de amor, devoção e, se necessário, desmembramento.)



1.

A CAÇAROLA DA AVÓ

Uma das minhas primeiras memórias é a avó a fazer bolinhos galeses numa caçarola de ferro fundido, que já então era velha e enegrecida pelo tempo, ainda que bem cuidada.

Recordo-me da primeira vez que me deixou pegar nela, a mão por debaixo da minha, porque era mais pesada do que parecia. Recordo-me do dia em que me ensinou a lavá-la e a fazer a têmpera para manter a pátina sempre sedosa. Todas as memórias são lavadas numa luz dourada, embora não houvesse janelas na sua minúscula cozinha para deixar entrar o sol.

Deixou-me a caçarola em testamento.

— Como se fosse uma relíquia de família — escarneceu o pai. Mas também o amor nunca foi o seu ponto forte.

Quando fomos viver juntos, o Jim ofereceu-se para me comprar uma nova. Riu quando abracei a caçarola da avó ao ouvir tal sugestão.

Agora, está no meio dos destroços do pequeno-almoço, a beira a espreitar pelo rebordo do balcão, com sangue a escorrer pela orla.

Só penso numa coisa ao fitar a caçarola: se eu tivesse morrido hoje, como é que o Jim explicaria isso?

Teria começado pela manhã de hoje? Pelo confinamento? Pelo dia em que nos conhecemos?

Há uma fotografia desfocada desse momento no nosso álbum — eu com 17 anos, ele com 24. Estamos numa festa particular repleta de moda dos anos noventa e refrescos de bebida gaseificada com álcool, a comemorar o décimo oitavo aniversário da minha melhor amiga. Depois da avó, a Janey era a minha pessoa preferida do mundo.

Nos cinco minutos anteriores, eu recomfortara uma rapariga que estava a chorar por causa da dissolução de uma *boysband*, transformando as suas lágrimas de choro em lágrimas de riso... depois ajudara um gajo com o dobro da minha altura e a cambalear a sentar-se num cadeirão, onde poderia perder os sentidos à vontade... depois salvara a casa de um inferno provocado por quatro adolescentes bêbedos que tentaram acender dezoito velas num pequeno bolo todo torto.

Os incendiários, encabeçados pela aniversariante, tinham estado a chamar-me para os ajudar, mas a rapariga chorosa e o gajo que estava a cambalear tinham-me atrasado o suficiente para chegar no preciso momento em que uma vela caiu do bolo e em cima de uns guardanapos prudentemente colocados mesmo ao lado. Num abrir e fechar de olhos, levei a barafunda fumegante para a banca e meti-a debaixo da torneira.

Ao afastar-me para fazer uma vénia debaixo de fortes aplausos, senti uma sombra ao meu lado.

— Aquilo podia ter acabado mal — alguém disse. E lá estava o Jim.

Nunca me perdorei por, em vez de ver aquilo que estava à minha frente — um homem a destilar ressentimento por uma vida já frustrada pela sua própria mediocridade —, me ter permitido acreditar que ali estava uma pessoa que ninguém se dedicara a apreciar: uma boa alma descartada devido a um visual indiferente e modos desajeitados.

Dá a entender que era uma idiota chapada, mas nada do que se seguiria teria acontecido se não me tivesse sentido tão cruel quando, de repente, o Jim passou um braço à minha volta, puxando-me para ele, e eu estaquei, horrorizada... para perceber depois que a Janey estava à nossa frente com a sua câmara novinha em folha, a tirar fotografias ao grupo de pessoas à volta do bolo.

Porque quereria tirar uma fotografia com um caso perdido como tu? escarnecera uma voz na minha cabeça. Horrorizada com a imediata crueldade dos meus pensamentos, sentira-me a ruborizar de vergonha.

— Tenho de pedir uma cópia daquilo.

Senti uma pontada de culpa quando fiquei toda arrepiada de repulsa com o seu olhar lúbrico e demasiado alegre, embora desse para perceber que ele tentara um charme brincalhão.

Parecera-me que o poder estava todo nas minhas mãos — nunca me passara pela cabeça que houvesse algum perigo. Assim, quando a avó morreu um mês depois e, de súbito, não tinha ninguém onde me refugiar da infelicidade da minha mãe e da ruindade do meu pai, parecera-me um milagre ter o Jim, com um salário e pais dispostos a dar a entrada para uma hipoteca. Nunca poderia acompanhar a Janey até uma universidade — o que é que uma pessoa

como eu faria com uma formação universitária e as dívidas que lhe estão associadas? Acabaria presa em casa, a pagar renda ao meu pai, ao invés de ter a possibilidade de poupar para dar um sinal para uma casa. Durante anos, ir viver com um namorado continuaria a ser a minha única esperança de escapar.

Não podia esperar tanto tempo. Não quando havia a promessa de um lar seguro mesmo à frente do meu nariz. E o que tem ser tão nova? Disse a mim mesma que o universo me devia um golpe de sorte e que ali estava ele: a minha escapatória.

Casámos três semanas depois do fim das aulas.

A Janey aproveitou a desculpa de me entregar o meu buquê de casamento para murmurar:

— Sally, de certeza que queres isto? — mas apenas ri como se ela estivesse na galhofa e lá segui pelo corredor da igreja.

Quando o pai me levantou o véu no altar, parou, tirou o lenço do bolso e começou a limpar um borrão não existente na minha cara, enquanto trocava um olhar solidário com o Jim e deixava uma marca vermelha na minha cara, como um hematoma. A mãe desviou vincadamente o olhar, fingindo estar à procura de algo na bolsa, como se algo tivesse de ser resgatado das suas profundezas.

Saberia ela que eu ia direitinha a caminho de uma vida como a dela? Se sabia, não me disse. Apenas me abraçou com um pouco de força de mais enquanto me desejou felicidade, antes de o Jim me levar pelo braço para fora da igreja, debaixo de uma chuva de arroz e pétalas.

Agora, pestanejo e como que desejo voltar ali, porque tudo faria mais sentido do que estar na minha cozinha, na minha casa, com a caçarola da avó a pingar sangue para o chão.

Mas se calhar não foi a minha vida que, de um momento para o outro, ficou irreconhecível. Se calhar fui eu. Porque, em vez de sentir que estou no meio de um pesadelo e só tenho de acordar, pela primeira vez em mais de vinte anos estou acordada.

De súbito, consigo perceber que não é apenas a caçarola que não faz sentido. É a dor no meu pulso e os hematomas de ontem e de anteontem e do dia anterior a esse. É o facto de a minha vida durante o confinamento ser praticamente igual à minha vida antes disso.

Como permiti que o meu mundo se tornasse pouco maior do que os limites da casa, com todas as minhas amizades a esfumar-se no passado, e até o contacto com os filhos a diminuir? Sei a resposta, é claro. O problema era que, antes de hoje, me recusara a fazer essa pergunta.

Agora, caio na realidade com tanta intensidade que, por um segundo,

cambaleio, mas o chão ainda não me fugiu de debaixo dos pés, ainda estou na cozinha silenciosa. O bramido na minha cabeça são vinte anos de memórias a reorganizar-se numa história completamente diferente da que tenho contado a mim mesma.

Como a última vez que fui a um clube de leitura local há cinco anos. Naquela altura, não sabia que era um clube de leitura, nem que assinalaria o fim de toda e qualquer socialização regular. Estava demasiado absorta com as gargalhadas de todos os presentes para perceber que fora para ali com um casaco de malha num abrasador dia de verão. Por debaixo, as marcas de dedos de um azul-não-me-esqueças, mas não me demorei a pensar nisso, demasiado ocupada a fingir que estava a rir com os outros, porque só queria que fosse aprazível, tranquilo — uma hora de sorrisos e gargalhadas. E foi. A sensação de alívio que senti levou-me a cantar pelo caminho até casa. Só que, quando lá cheguei, o Jim estava lá, chegara a casa mais cedo, com dores de cabeça. E disse a mim mesma que o que aconteceu a seguir foi culpa minha: que ele estava com enxaqueca — não estava a ver bem. Ele não quisera despejar a água a ferver da chaleira em cima da minha mão.

Tal como não fora de propósito que me trilhara os dedos na porta do armário ou me dera uma cotovelada tão forte que fiquei com dores nas costelas durante um mês. Foram meros acidentes. Apenas acidentes.

Tantos acidentes.

Mas os nossos filhos estavam quase a concluir os estudos, pelo que ainda não podia ir embora — tinha de me aguentar mais um pouco. Só que depois veio a universidade e eles quiseram uma casa onde passar as férias e, depois de tantos anos, o que eram mais alguns para os ter outra vez debaixo do mesmo telhado durante semanas seguidas, a minha última oportunidade antes de irem embora, deixarem o ninho...

O Charlie licenciou-se, arranjou emprego e mudou-se, precisamente quando a Amy terminou o curso e voltou para casa enquanto poupava para juntar para uma entrada, de modo a poder viver com o namorado. Depois também ela foi embora, mesmo antes do Natal, e quando já pensava que ficaria tudo bem...

Confinamento.

E lá estávamos nós. Só eu e ele. O mês de março inteiro, e depois abril, e nenhum sinal de um abrandamento...

Assim, dá para entender como cheguei aqui, à manhã de hoje, comigo a levar uma chávena de chá ao Jim, sentado à mesa da cozinha e a olhar para o chá — um pouco claro de mais — e a expressão dele...

A mão dele, sem cor, a agarrar o meu pulso e a puxar-me para o balcão

com um repelão tão forte que dei um passo em falso e bati com a cabeça na tampa do fogão. Atrapalhada à procura de onde me segurar, a minha mão a fechar-se na beira da placa do fogão, os dedos a roçar a pega da caçarola. Ao meu lado, o Jim a agarrar a chaleira, a salpicar a minha mão com água quente. A carne a mirrar com a memória da última vez que estivemos assim ao balcão.

Quanto tempo me prenderá desta vez? Até a voz na minha cabeça soou trémula de medo, porque, durante o confinamento, sem ninguém para saber e ninguém para ver, também não houve ninguém para o travar, se decidisse continuar a despejar, sem parar...

Tal como toda a gente, eu lera notícias de jornais sobre mulheres que ripostaram, mas não conseguia compreender essas mulheres. Durante anos, pareceram-me uma espécie diferente. Costumava questionar-me se era um tipo de desespero que ainda não experienciara ou uma reserva interna de força e coragem — e, se assim fosse, onde encontraria alguma.

Depois fui e bati com a caçarola da avó na cabeça do Jim.



2.

UM VASO DE PETÚNIAS

Agora que expliquei, compreende, não compreende? Não só como aconteceu, mas porquê. E, se compreende porquê, saberá que foi um acidente. Porque foi mesmo um acidente. Mais ou menos.

Um acidente ao estilo do Jim.

Pelo menos, consegue compreender que não foi com intenção — não foi planeado. Nem sequer pensei, a minha mão apenas... moveu-se como que com vontade própria.

Mais ou menos.

De qualquer forma, não há que censurar alguém por agir em legítima defesa. Quero dizer, além de ser legal, também é perfeitamente adequado e correto: apropriado em termos morais.

Olho para a caçarola. Cai outra gota de sangue do rebordo.

Vejo-a esparramar-se no chão ao lado do Jim, que está de barriga para baixo, a cara virada para o outro lado. Até parece que decidiu tirar ali uma soneca, a não ser pelo charco de sangue a alastrar à volta da cabeça.

— Vês o que me obrigaste a fazer?

Pensei que as palavras saíam rancorosas e com uma satisfação maldosa, mas a minha voz é um sussurro, cavernosa como um eco. Corre-me nas veias desespero e não triunfo.

Cambaleio até ao balcão, pego no telefone e marco o primeiro número do serviço de emergências. E outra vez. O meu dedo paira...

Bato o auscultador com estrondo no suporte, depois saio pela porta dos fundos, a cambalear para o jardim.

Lá fora, está tudo normal, terrivelmente normal: sons normais, vistas normais, cheiros normais para início de maio no sudeste da Inglaterra suburbana. O céu está nublado, mas não escuro, o sol um brilho esbranquiçado por detrás das nuvens. No jardim da Nawar, na casa ao lado, a cerejeira está a largar as últimas flores e a magnólia está viçosa. Está tudo como dantes. Exceto que, nas minhas costas, na cozinha, o Jim está morto.

Escondido atrás de um regador, um vaso de amores-perfeitos de várias cores chama-me a atenção. Pego nele e embalo-o junto ao peito, uma mão sobre a mensagem impressa na lateral — *Melhor Mãe do Mundo! Amor da Amy e do Charlie x.*

— Lamento — murmuro, um aperto de mágoa no peito ao ponto de me doer ao respirar e cada batimento do coração ser agonizante. Escorrem-me lágrimas pelas bochechas enquanto fecho os olhos com força. — Lamento, lamento, lamento...

Afago com a mão o vidro cerâmico e frio enquanto as folhas dos amores-perfeitos roçam os meus dedos como que a tentar reconfortar-me.

Volto para dentro aos tropeções. Desviando os olhos do chão, pouso as flores delicadamente no centro da mesa, onde as quisera pôr desde o início. O Jim disse que eram um estorvo, pegou no vaso e atirou-o pela porta dos fundos, arrancando um amor-perfeito ao embater no tijolo. Encontrei-o mais tarde, abandonado no chão.

Faço um esforço para ir até ao balcão e levanto o telefone outra vez. Ranjo os dentes e primo o primeiro número.

O meu olhar adeja até aos amores-perfeitos. Desta perspetiva, vejo a mensagem no vaso à justa. Quero virar-me para o outro lado, mas para isso teria de enfrentar o que a *Melhor Mãe do Mundo* acabou de fazer ao pai dos seus filhos.

O telefone treme na minha mão, o número a ficar desfocado no visor. Depois apaga-se, decorrido o tempo limite.

Primo-o outra vez, depois fico de novo sem reação.

Assim que telefonar para a polícia, os meus filhos perderão os dois pais.

Como deixei chegar a isto? Dececionei-os tanto, de tantas formas, mas isto não é dececionar: isto é uma desgraça total.

Devagar, pouso o auscultador outra vez no carregador. Afundo-me numa cadeira virada de costas para a chaleira, a caçarola, o telefone, o Jim, fitando antes as soberbas cores dos amores-perfeitos. Parece-me que as pequenas flores me devolvem o olhar, sorridentes. O azul, inclinado, parece quase solidário, como um amigo à espera de ouvir os meus problemas.

Janey, diz o meu coração. *Quero a Janey.*

Mas, mesmo que não tivesse destruído a nossa amizade, como é que a poderia envolver nisto?

— Sempre quis experimentar falar com a parede, como a Shirley Valentine — digo ao pequeno e paciente amor-perfeito, a jovialidade da minha voz a fazer o mundo deformar-se com irreabilidade —, mas acho que mais vale matar dois coelhos de uma cajadada... — Olho de relance para o Jim. — Por assim dizer. — Viro-me outra vez. — E dizem que as plantas florescem quando falamos com elas, ao contrário, por exemplo, das paredes ou... — Resisto ao impulso de olhar outra vez para o Jim. — Vou-te chamar Petúnia, porque o Jim iria detestar. Ele detestava parvoíces. E ignorância. E eu.

Afasto um pequeno torrão de terra da lateral do vaso.

— Provavelmente pensas que era óbvio, mas tenho sido de compreensão lenta.

As flores roxas e azuis da esquerda podem parecer bastante indulgentes, mas a magenta do meio tem uma expressão decididamente incrédula.

— Está bem, passaram-se vinte e tal anos — digo, com brusquidão. — Mas pelo menos agora já sei com que linhas me coso.

Posto isto, não consigo deixar de olhar para o Jim. Parece que o charco de sangue deixou de se alastrar, o que é um alívio: vai ser o diabo limpá-lo do enchimento entre os ladrilhos.

Isto é um mau pensamento. O pensamento errado. Mas lá vamos nós.

— Sei que tenho de ligar à polícia, mas não quero, Petúnia — ouço-me a dizer. — Não quero ir para a prisão agora que, por fim, estou livre.

Ao lado do meu cotovelo, o jornal do Jim mostra apenas notícias sobre o confinamento por causa da Covid.

— Bem, é óbvio que não posso ir a sítio nenhum nem encontrar-me com ninguém, mas podia... comer uma fatia de bolo.

Como o Jim já não pode dizer-me que sou um pote de banha, caminho até ao balcão e abro o armário de cima. Fita-me um muro de feijões cozidos. Olho para o Jim, depois para os feijões cozidos. Instantes depois estou a arrastar para lá o caixote do lixo, na iminência de atirar todos lá para dentro, depois paro. Vou buscar um saco e atiro-os lá para dentro.

— O banco alimentar pode ficar com eles, Petúnia, mas nunca mais volto a comer os malditos feijões e torradas.

Ponho na mesa uma faca, um prato e um garfo, depois faço um compasso de espera e, com um olhar provocador para o Jim, começo a comer diretamente da forma de bolos. Ninguém me arranca a comida das mãos e a atira para o caixote porque sou asquerosa e indigna. Por instantes, não acontece nada de mal.

Até que alguém toca a campainha.



3.

VEADO QUERIDO MORTO¹?

Estaco, creme de manteiga a azedar entre os dentes. Olho para a janela e espero ver vizinhos horrorizados e de olhos arregalados a olhar por cima das cercas, talvez um polícia a subir o caminho do jardim... mas não está ali viva alma, nem um pardal à cata de minhocas.

Saberão ou apenas terão suspeitas? Tento esconder o Jim ou não faço barulho e espero que se vão embora?

A campainha toca outra vez. Sinto uma vaga de resignação como se me tivessem injetado chumbo nas veias.

As prisões já não são o que eram, reconforto-me. Agora têm eletricidade. E biblioteca. Mas o mais certo é a comida...

Olho para o saco de feijões cozidos. Antes de ter tempo de ceder ao ímpeto de me virar e fugir a correr desesperadamente pela porta dos fundos — provavelmente têm um agente à espera no beco nas traseiras da casa —, vou a arrastar os pés até ao átrio. A porta da frente agiganta-se à minha frente e, do outro lado, o fim de tudo.

Apenas quando carrego no trinco para abrir a porta é que reparo que ainda tenho o garfo na mão. Talvez isso me ajude a alegar demência na minha defesa.

Pisco os olhos a olhar para o jovem de máscara que está de pé em cima do tapete. Por instantes, esqueço a pandemia e questiono-me se veio para me assaltar e, se assim for, o que fará quando encontrar o Jim.

— Preciso de uma assinatura — diz e estende-me um ecrã tátil.

¹ No original, trocadilho entre as palavras *deer* (veado) e *dear* (querido), cuja pronúncia é semelhante. (N. do E.)

— Ah? — pergunto, espreitando por cima do ombro dele, a ver se vejo a polícia.

A rua está deserta. Só se vê o pequeno carrinho do correio com o seu saco de correspondência pendente.

— Não queria interromper o seu lanche da manhã. Algo doce hoje, é?

Sigo o olhar dele para o garfo na minha mão.

— Bolo — explico. — Estou a comer bolo. Gosta de bolo? — soo transtornada.

— Hum — diz ele, circunspectamente, apresentando-me o ecrã tátil outra vez.

Observo a mão a subir, o dedo esticado a desenhar um padrão espiralado no ecrã. É a minha assinatura? Parece não fazer diferença, porque o distribuidor do correio limpa o ecrã com um pano, larga um pacote aos meus pés e afasta-se apressadamente.

Fico assim, o garfo ao alto e a boca escancarada. As cortinas da sala da frente da casa do outro lado da rua movem-se, mas não vem ninguém prender-me.

Passado algum tempo, cambaleio para trás e fecho a porta. Por instantes, fico a olhar para a porta, depois para o garfo, depois para a porta, depois para o garfo outra vez. Espero desfazer-me em gargalhadas ou lágrimas, mas, quando nada disso acontece, atravesso o corredor, a arrastar os pés, e volto para a cozinha.

Sinto-me melhor depois de devorar o resto do pão de ló, embora o meu cérebro esteja sempre a bombardear-me com más recordações associadas a bolos e festas. O meu pai a atirar o bolo do meu sétimo aniversário contra a parede e a avó a pegar em mim ao colo, apesar de ser velha de mais e eu grande de mais, e a levar-me a passar uma semana na casa dela. A festa em que conheci o Jim. O bolo do nosso casamento. E, no entanto, as festas a que o meu cérebro regressa são aquelas a que não fui. Perdi tantas ao longo dos anos, mas o vigésimo aniversário da Janey foi o primeiro.

Passara semanas a assegurar-me de que o Jim não teria dificuldade em olhar pelo Charlie — nosso filho quando lhe convinha, meu quando era preciso fazer algo que desse trabalho. Mas, com oito meses, o Charlie estava por fim a fazer duas refeições por dia com leite para bebé sem fazer um berreiro, pelo que pensei que me poderia ausentar pelo menos algumas horas.

A cantar em voz baixa enquanto descia as escadas, os meus sapatos de salto alto na mão, descalçara os chinelos de quarto em cima do tapete toda contente —parecera-me a primeira vez em séculos.

Depois levantara a cabeça e dera de caras com o Jim, imponente à entrada

da sala de estar, e a expressão que fez enquanto percorria o meu corpo com o olhar... Puxara o vestido para cima de forma a tapar o peito, mas os seus olhos ensombreceram. No andar de cima, o Charlie começou a chorar.

Esperara que o Jim passasse por mim para ir reconfortar o nosso filho. Porém, ele virara costas, regressara para a sala de estar e fechara a porta. O choro do Charlie aumentara de intensidade e desatara aos berros. E eu ficara assim, a olhar para a porta, desejando que voltasse a abrir-se, desejando que o Jim fosse o homem que eu pensava que era...

Pouco depois, tinha os chinelos outra vez calçados, os sapatos de salto alto abandonados no tapete, enquanto eu subia as escadas, a arrastar-me.

Foi o primeiro golpe grave na minha relação com a Janey. Soube-o então, mas disse a mim mesma que haveria tempo para a compensar.

Um mês mais tarde, ela ajudou-me a organizar o funeral do meu pai tal como eu a ajudara com o dela e, durante umas semanas, pareceu que estava tudo bem... só que continuei a cancelar planos. Continuei a não lhe devolver as chamadas. Continuei a deixar o tempo alongar-se entre as nossas conversas. Continuei a desiludi-la. A desiludir-me a mim mesma.

Continuei a permitir que nos afastássemos cada vez mais até ter tantas saudades dela que era doloroso, mas pareceu-me impossível fazer algo em relação a isso com o Charlie tão pequeno. Pensei que as coisas melhorassem quando o Charlie fosse para o infantário, mas ele só tinha 10 meses quando descobri que engravidara outra vez porque eu e o Jim eramos uns azarados com os preservativos. *Então*, disse a mim mesma...

O meu cérebro para — recua.

... engravidara outra vez porque eu e o Jim eramos uns azarados com os preservativos...

A verdade escorre-me para as bochechas, embora a constatação não seja recente e crua, mas sim atrasada e apodrecida.

Eu sabia. É claro que sim. Nem eu sou tão estúpida como o Jim sempre dizia que era.

Quando não podia continuar a fingir que o período estava atrasado, sabia que ninguém tinha assim tanto azar com os preservativos, mas estava tão ocupada a aceitar o facto de estar grávida outra vez, que foi fácil ignorar a verdade do que o Jim fizera. E o motivo.

Algures no meu íntimo sabia que o fizera para me prender, mas o horror de este homem a quem estava unida não só pelo matrimónio, mas também por dois filhos, era tão imenso que me entorpeceu.

Mas, mesmo então, não foi apenas horror e desespero, também havia amor.

Eu não decidira engravidar com o Charlie, nem de novo com a bebé que se tornaria a Amy, mas, assim que descobri, passei a amá-los, pelo que nunca me arrependeria de os ter. Não havia uma decisão a tomar: amava-os e era tudo. Foi a única parte que foi fácil. E sabe Deus que precisava de algo que fosse fácil, porque apenas agora que está tudo acabado é que posso olhar para trás e perceber porque cedi, em vez de sair pela porta para ir ao aniversário da Janey apesar dos gritos do Charlie e do silêncio soturno do Jim por detrás da porta da sala de estar.

O ódio borbulha pelo meu corpo como sob as chamas de um incêndio florestal... mas depois, com a mesma rapidez com que chegou, esfuma-se, deixando-me fria e cansada na cozinha, com o Jim ainda morto no chão.

Mas a porta da frente está fechada e o carteiro há muito foi embora, pelo que ninguém sabe do sucedido.

— Pensei mesmo que estava feita ao bife — digo ao Jim. — Pensei que ia parar à prisão: sem passar pela casa de partida, sem receber... — A vontade de rir deixa-me atordoada. Agarro-me à beira do balcão e expiro para afastar o pânico dos pulmões. — Talvez possa receber *algo* antes... gelado! Posso ir buscar gelado. — Viro-me para o Jim. — Ouviste, querido? Bolo ao almoço e gelado à sobremesa. Um último petisco antes de voltar aos feijões e torradas... para sempre.

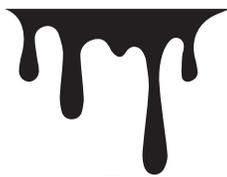
Ligo o rádio para preencher o silêncio. Está a tocar o tema *I Can See Clearly Now*. Por instinto, abro a boca para o acompanhar a cantar... depois olho para o Jim e fecho-a. Talvez seja melhor guardar a cantoria para um último banho de chuveiro — embora um demorado banho de molho na banheira talvez seja apropriado para uma lista de desejos antes de ir para a prisão. Talvez seja ainda mais difícil ligar para a polícia quando acabei de pensar em todas as coisas que perderei, mas preciso de *alguns* prazeres, por muito pequenos que sejam, antes de passar de um pesadelo para outro. Sei que não posso ficar para sempre no limbo entre matar o Jim e enfrentar as consequências.

Porém, a parte de mim que pegou na caçarola ainda não terminou. Sei que deveria sentir apenas aflição e desespero, mas, de algum modo, furiosamente, tenho uma estranha sensação de... esperança.

Talvez seja o choque, porque não há forma de recuperar os miolos do Jim que estão espalhados pelo chão da cozinha.

Mas não me sinto derrotada.

Pela primeira vez em mais tempo do que me consigo lembrar, sinto-me poderosa.



4.

O ÚLTIMO BANHO

Abro o selo de um frasco de óleo aromático de luxo que estou a guardar há anos e despejo uma quantidade generosa na água, depois deito a espuma e recosto-me com um copo de vinho na mão. É apenas um vinho de culinária do supermercado, mas nos últimos tempos tenho desenterrado uns bastante decentes, pelo que me posso refastelar-me com um copo de vez em quando sem correr o risco de ficar com um olho negro por esbanjar o dinheiro ganho a muito custo do Jim.

A Petúnia está na beira do lavatório, a perscrutar a cordilheira de bolhas de espuma que se forma à minha volta. Por instantes, passa-me pela cabeça deslizar para debaixo de água e não voltar à tona, mas não quero morrer afogada. Nem mesmo para não ter de ir para a prisão.

De repente, ouço a voz da Janey, animada, alegre e trocista, como se estivesse aqui comigo. «Ei, Coragem, onde está a tua coragem?» É uma frase feita que roubámos e depois adaptámos à nossa realidade, baseada numa aula de História especialmente enfadonha no início do ensino secundário.

Ao longo dos anos, gritei-a para ela quando paralisou no seu grande momento numa peça da escola. Ela gritou-a para mim quando hesitei no desafio de tirolesa quando a mãe dela nos levou a um parque-aventura pelo seu décimo sexto aniversário. Gritámo-la com a voz rouca pelos campos de jogos da escola quando nos mandaram correr à volta dos mesmos. Murmurámo-la antes dos exames. Uivámo-la entre gargalhadas sempre que qualquer uma de nós atendia o telefone. «Quem fala?», e a outra respondia a gritar: «Ei, Coragem! É a Coragem!»

Como pude deixar passar tanto tempo desde que nos falámos pela última vez? Parte da resposta está deitada lá em baixo, na cozinha, mas apenas parte.

A saudade vem ao de cima como uma vaga de lágrimas, mas neste momento não me posso dar ao luxo de as ter, pelo que sorvo um trago de vinho retemperador, depois balanço o copo do lado de fora da banheira como vi mulheres fazer em filmes. É extremamente desconfortável.

Pouso o copo no chão e meto as mãos na água quente, apertando bolhas entre os dedos.

— Ainda não estou a ter pensamentos tristes, Petúnia — admito, levantando um pé da água e agitando os dedos cheios de espuma. — E acho que não os terei, porque percebi que sou feliz.

As pequenas pétalas da Petúnia ficam confortavelmente imperturbáveis com a minha confissão.

— Se não fosse pela história da prisão, isto seria a única coisa boa que me aconteceu desde que os miúdos saíram de casa. Mas não posso dizer isso à polícia, pois não? Quero dizer, podia, mas o resultado seriam decididamente lágrimas... minhas, dos miúdos, de todos aqueles que ainda me amam...

A minha intenção fora dizer estas palavras com um toque trocista. Pelo contrário, sinto um nó na garganta.

Sinto os olhos a arder, mas quase me consigo convencer de que é do sabonete.

Sorvo mais um pouco de vinho e deslizo a mão pelo chão até tocar com os dedos na tigela de batatas fritas que ali deixei.

— Mas o que — mastigo — direi — mastigo mais — à polícia? Principalmente agora que o Jim está mais calmo... Ah! Calmo! Literalmente!... há horas no chão da cozinha? Se — volto a mastigar — houvesse uma hipótese de acreditarem em mim, o mais certo é ter deitado tudo a perder com o bolo e agora... isto.

Lá acabo por sair da água. Depois de me limpar, faço um compasso de espera quando estou a pegar no roupão velho e puído. Largo a toalha, pego na Petúnia e na garrafa de vinho e desfilo nua até ao quarto. Tenho de subir para uma cadeira para chegar à caixa que está no armário por cima do guarda-fatos. Tiro de lá o roupão de seda que comprei há dois anos numa tentativa vã de me dar um estímulo, mas acabara por perceber que tinha demasiado medo do que o Jim faria ao ver-me e nunca o usara.

O tecido desliza-me pelas mãos como água. Quando enfio um braço numa manga e depois o outro, é como se estivesse a usar mercúrio. O frio da seda obriga-me a enfiar umas cuecas de senhora por debaixo.

— Sim, sei que são enfadonhas e básicas — digo à Petúnia. — Terei de comprar umas melhores.

Fico sem reação. Não terei cuecas novas a não ser que façam parte do uniforme da prisão.

Caminho maquinalmente até à cozinha.

— Se ao menos me pudesses ver agora, querido — digo ao Jim quando vou a passar por ele. — É uma pena que estejas para aí ocupado em decomposição. — Pretendo soar alegre e descontraída, mas as palavras saem-me ásperas e azedas, como se tivesse a voz desafinada.

O meu telemóvel faz um zunido ao receber uma mensagem do Charlie: é uma ligação do *YouTube* para a música *Here Comes the Sun*. Não escreveu nada. Desde que o confinamento começou que não escreve. Presos em casa o dia inteiro, todos os dias, o Jim começara a exigir ver as mensagens que recebia. Demorei quatro dias a perceber que ele andava a apagar metade das mensagens do Charlie antes de eu as ler e a responder às outras com uma enxurrada de críticas. O único tipo de mensagens seguras eram ligações para músicas, pois o Jim nunca se interessou por música.

O meu dedo paira por cima da ligação. Como posso aceitar o consolo do meu filho com o pai dele morto a um metro e meio de distância?

No balcão, o ponto vermelho do botão do telefone fixo brilha para mim. Chegou a hora de ligar para a polícia e admitir o meu crime, não de perder tempo a pensar em ouvir música.

Here comes the sun, arrelia-me a voz na minha cabeça.

E, sem mais nem menos, a decisão está tomada.

— Não vou chamar a polícia, pois não? — murmuro para a Petúnia. — Já cumpri pena, já fui castigada. Agora, o caso mudou de figura. — Toco com os dedos dos pés no tornozelo do Jim.

O chinelo cai-lhe do pé.

— Só me resta esperar que a sorte bafeje os desesperados tal como o faz aos intrépidos, porque não lamento que tenhas sido tu e não eu.

Viro-lhe costas e levo a Petúnia e a garrafa de vinho até à mesa.

— A única coisa de que tenho pena é da caçarola. Terei de a retemperar, o que dá uma trabalhadeira, mesmo quando não temos de nos livrar de um cadáver.

Faço um esforço para rir, mas só sai um arquejo.

— Não posso simplesmente levar-te para a lixeira. — Faço um compasso de espera com o copo de vinho a meio caminho da boca, mas descarto a possibilidade. A lixeira está fechada há quinze dias e forçar a entrada com um cadáver não acabará bem. — De certeza que perceberiam a urgência, mas não deveriam gostar do pormenor do cadáver.

Desesperançada, olho fixamente para o Jim.

— Mesmo que te ponha no jardim, vou demorar algum tempo a escavar um buraco suficientemente fundo e não podes ficar aí até então, a começar a cheirar mal. — Inclino a cabeça pensativamente, pego no telemóvel e começo a escrever na caixa de pesquisa.

— Como... descartar... um... veado²... morto? Não era bem assim que te descreveria, mas vai ter de servir.

² De novo o trocadilho *deer/dear*, que se perde na tradução. (N. do E.)



5.

O INGREDIENTE SECRETO

Tempos desesperados, e as subsequentes medidas desesperadas, estavam a revelar-se um tema bastante local quando, a menos de um quilómetro e meio de distância, Samira parou a meio das escadas, carregada de roupa, enquanto a sua vida desmoronava à sua volta.

Ia a caminho de levar um monte de toalhas lavadas para a casa de banho quando o timbre da voz do marido por detrás da porta do quarto a fez estacar. Ele não gritou, nem vociferou uma ordem, nem mesmo estalou a língua da forma que era costume pressagiar a dor iminente. Porém, ela percebeu, mesmo antes de ouvir a primeira palavra, que a catástrofe estava a envolvê-la, tal como, na noite anterior, a mão dele envolvera a sua garganta, quando ela tentara impedir que a explosão de irascibilidade dele se abatesse sobre a filha.

Por detrás da porta ouviu o ruído de algo a raspar e a silvar, depois uma segunda voz a crepitar de forma agoirenta no pequeno altifalante do computador portátil com o volume no máximo. Um minuto depois, o futuro da filha estava traçado. Porém, ao contrário da conversa que pusera o seu próprio casamento em movimento, não haveria um encontro cuidadosamente orquestrado entre os dois jovens antes de se realizar o *nikah*. Leila não veria o futuro marido, nem sentiria o coração a iluminar-se de esperança, ao ver o sorriso dele, depois a bater mais depressa, ao assimilar as suas feições, a silhueta aprazível do seu corpo. Não ficaria ansiosa nem entusiasmada por ir conhecer o homem de que tanto ouvira falar — o homem que todas as pessoas que mais a amavam no mundo disseram que seria o seu par perfeito. Não se prepararia para o *walima*, rodeada de familiares alegres, convicta de que aquilo seria o início da felicidade, da segurança, de uma vida boa.

Para Leila, haveria apenas infelicidade, pavor e o azedume da traição. O Islão exigia o consentimento da noiva e do noivo, mas Leila não daria o seu — não obstante, o casamento realizar-se-ia. Em vez de se insurgir contra esta injustiça — contra Deus e contra a sua filha —, o pai dela assinaria o *nikah* em nome dela, não para demonstrar o seu apoio a ela ou ao enlace, mas para impedir a presença dela e a conseqüente recusa.

Em relação ao *walima*, Samira lera uma notícia do jornal em que a noiva — ainda criança, mais nova do que Leila — fora medicada para nem perceber o que estava a acontecer. Será que, um dia, Leila assistiria a uma filmagem da sua cerimónia matrimonial e ver-se-ia a sorrir em vez de a debater-se? O que pensaria, ao ver a sua família reunida para fingir que eram testemunhas de um casamento verdadeiro, apesar de todas as células dos seus corpos deverem estar a rebelar-se pela vergonhosa traição contra ela e contra a sua fé?

— O noivo é que deve pagar o *mahr* à noiva, não eu pagar aos pais dele o dobro desse valor! — gritou o marido no ponto mais afastado do outro lado da porta.

— Um pequeno custo para repor o respeito e a reputação da nossa família, Yafir — crepitou a voz do outro lado da chamada. — Ela tem sorte de ter um par como este. Não encontrarás melhor para ela.

Yafir suspirou em concordância.

— Assim que as viagens internacionais voltem a ser permitidas, iremos para aí. A cerimónia deverá realizar-se assim que chegarmos.

Samira prostrou-se encostada ao corrimão, as vozes a confundir-se com o ruído branco. Quando regressassem dessa viagem, a sua filha estaria casada contratualmente e o ato consumado — se é que ela regressaria com eles. Porque Leila não aceitaria o seu destino com submissão: rebelar-se-ia e daria luta e, quando tentassem contrariar a sua obstinação, ela debater-se-ia mais, até o preço dessa desobediência ser a morte. Se não se tivesse ainda ocupado, ela mesma, da tarefa.

Samira sentiu os olhos fechados a vultear com memórias de notícias sobre a rapariga que bebera lixívia para escapar a um casamento forçado. Sobrevivera às lesões apenas para os pais a assassinarem uns meses mais tarde.

Lá em baixo, na sala de estar, Samira conseguiu ouvir as filhas a conversar tranquilamente. O que é que a lixívia fazia à voz cheia e forte de Leila? O que é que o marido lhe fazia quando ela se recusasse a ir obedientemente para a cama, porque, para ela, não estavam deveras casados e não tinha qualquer obrigação para com ele ou, através dele, para com Deus?

Este é o momento em que o poderia ter impedido, diria com os seus botões dentro de um mês, um ano, quando já só tivesse uma filha para abraçar.

Apertou a roupa lavada com tanta força que os ossos lhe doeram com a pressão.

A partir do dia seguinte, estariam implementados planos para assegurar que o enlace se realizaria assim que pudessem viajar. A partir do dia seguinte, toda a gente saberia — incluindo Leila. A partir do dia seguinte, poderia não interessar não haver maneira de impedir a viagem, impedir o casamento quando lá chegassem. A partir do dia seguinte, Leila recusaria pela primeira vez.

De uma forma ou outra, pela mão do pai ou pela da própria, a partir do dia seguinte, a vida da filha estaria terminada.

E tudo por causa de rumores. Insignificâncias. Uma rapariga a dar uma rosa à sua filha em segundo plano numa fotografia da escola no Dia de São Valentim. Porque é que alguém acreditaria que era mais do que amizade, só porque as suas mãos se estavam a tocar? Como é que esta coisa simples e insignificante podia ser suficiente para desfiar as suas vidas, e no entanto...

Este é o momento em que acontece se não o impedir.

A sua cabeça retumbou com o eco do pensamento, depois ficou em silêncio, o terror e o pânico a esvaziar-se até apenas perdurar uma calma ressonante e uma única réstia de pura intenção.

Colocou as toalhas na casa de banho, alisando-as cuidadosamente, com gestos tão ternos como se estivesse a adormecer as filhas. Quando ocupava as mãos, os seus pensamentos redemoinhavam de uma ideia para outra. Mas o pânico esfumara-se. Na realidade, de súbito, pareceu-lhe não sentir coisa alguma. Com tanto para fazer, não lhe restava tempo para sentir.

Desceu as escadas e tentou abrir a porta, que, já era de esperar, estava trancada e sem a chave na fechadura, como era normal. O corredor pareceu-lhe infinito e depois ficou normal ao entrar para a cozinha. A porta das traseiras também estava trancada, a chave não mais debaixo do frasco de coentros no peitoral da janela. Porém, a pequena porta lateral que dava para a garagem abriu-se quando a empurrou. Mesmo na meia-luz conseguiu ver que o comando do portão da garagem desaparecera da prateleira mais próxima, mas mesmo assim certificou-se disso tateando com os dedos, deslizando-os pelo plástico macio de latas pulverizadoras contra o bolor e tira manchas, pelas arestas afiadas de uma ratoeira ferrugenta, pelo cartão grosso de uma caixa de veneno para ratas, depois por um frasco de desentupidor de canos e outro de lixívia.

Voltou a lembrar-se da rapariga que sobrevivera à lixívia para depois ser assassinada.

Este é o momento em que acontece se não o impedir. Não havia como sair de casa. Discutir acabaria em ferimentos e ripostar era mais do que inútil.

— Apanha-se mais moscas com mel do que com vinagre. — Ouvira esta expressão uma vez na televisão e agora saltou-lhe à mente. Tinha poucas maneiras de agradar ao marido, mas cozinhar sempre fora uma delas.

Pouco depois estava de novo na cozinha, deixando que a familiaridade de cortar, fatiar e triturar afastasse os pensamentos sobre a tarefa que a aguardava no fim da linha. Tachos silvaram e caçarolas fervilharam enquanto mexia e temperava, impregnando o ar com o cheiro a alho, cebola e especiarias. De mangas arregaçadas, os hematomas que lhe mosqueavam os braços quase poderiam ser confundidos com o padrão de uma camisola interior.

— Estás a ouvir? — perguntou Leila, assomando ao seu lado. — A prima Huma ouviu-os a falar e disse que já estão a falar sobre onde iremos viver quando eu fizer 18 anos e ele puder pedir um visto de cônjuge para vir para aqui. Eles não estão apenas a tentar arranjar alguém para mim... estão a um dia de terem tudo concordado!

Leila deixou escapar um gritinho abafado quando Samira não levantou a cabeça e continuou a mexer, a mexer.

— Não acreditas em mim e vai ser tarde de mais.

— Deixa-me dar de comer ao teu pai e depois...

— Depois, o quê? Não vou ficar de braços cruzados enquanto me casam com um desconhecido. Sabes o que ele me vai fazer quando eu recusar, mas simplesmente não posso aceitar isso!

— Ele não te tocará.

— Olha para os teus braços! Tentarás proteger-me, mas não podes. A menos que eu concorde com o casamento. Quero que estejas segura, é claro que sim, mas não posso casar com alguém que não quero... Não posso... Quando eu recusar, ele não se limitará a magoar-te. Primeiro *mata-te* a ti e depois a mim! Temos de fugir. Temos de sair desta casa e...

Samira levantou uma tampa. O vapor de cheiro intenso adejou pela cozinha.

— A porta da frente está fechada à chave e a das traseiras também. Ele tem as chaves todas — disse, sem parar de mexer. A colher escorreu um molho vermelho para a caçarola. — E para aonde iríamos com este confinamento? — Abanou a cabeça. — Só temos de aguentar esta refeição, depois vais levar a Maryam para cima para fazer os trabalhos de casa e eu resolverei o assunto com o teu pai.

— Nem o teu frango Lahori consegue fazer milagres — disse a filha, o pescoço esguio curvado em desespero.

— É o que veremos. Agora, vai chamar a tua irmã e certifica-te de que lava as mãos.

— Mãe, por favor... Se conseguirmos sair, podemos ir à polícia, aos serviços sociais...

— Agora vamos almoçar, Leila — disse Samira, a voz fria como o gume da sua faca predileta. Não deixaria o terror de Leila arrastá-la do delicado abraço da estranha calma que a envolvera nas escadas. De momento, toda a sua concentração estava focada na segurança das filhas. Porque ela as manteria em segurança. A qualquer custo.

— Vai chamar o teu pai — ordenou Samira. — Depois volta aqui para ajudares a Maryam a pôr a mesa. Só pioraremos as coisas se criarmos problemas de barriga vazia.

Leila afastou-se com um soluço. Consoante o barulho dos passos da filha diminuiu ao atravessar o corredor, Samira virou-se para a prateleira de especiarias cheia de frascos. Entalado por detrás da casca de canela e das sementes de mostarda negra, estava o ingrediente extraespecial que trouxera da garagem para juntar ao prato do marido.

O canto visível do pacote mostrava uma caveira e dois ossos cruzados.



6.

O ESPECTADOR À JANELA

— **A**lecrim! Quem diria que te encontraria aqui. — Sorrio abertamente enquanto pego no pequeno arbusto que está na prateleira de artigos com desconto na loja de bricolagem, abro a cadeirinha para bebês do carrinho de compras e pouso lá o vaso. — A Petúnia está farta de perguntar quando poderia levar um amigo lá a casa.

Deambulo pelo corredor dos produtos para animais, a cantarolar enquanto a música *Feeling Good* toca nos altifalantes. Pego no telemóvel e envio uma ligação da música no *YouTube* para o Charlie.

— Hoje em dia encontra-se tudo na *Internet*, Alecrim. Por exemplo, se tiveres um cadáver que não podes deslocar, talvez um rato morto numa cavidade na parede, uma forma de nos livrarmos do cheiro é deitar-lhe areia para gatos. O produto desidrata o corpo e acaba com o cheiro. Genial!

Arrasto um saco enorme de areia para gatos para o carrinho e, depois de uma pausa, junto-lhe um segundo.

— Pelo que dizem, colocar vinagre e bicarbonato de sódio perto também ajuda, mas disso há lá em casa — digo ao Alecrim ao passar por um expositor com jornais. Os títulos, muito úteis, informam-me de que *A violência doméstica subiu a pique durante o confinamento!*

Quantas outras mulheres estiveram hoje à beira da banca da cozinha com os maridos a agarrar-lhes os pulsos e a chaleira a rugir enquanto fervia?

Aconteça o que acontecer a seguir, nunca voltarei a ser essa mulher.

No corredor seguinte, uma criança de cerca de 7 anos está sentada no chão, a teclar um jogo portátil. Não está ninguém à beira dela, mas, quando olho para mais adiante, vejo uma adolescente com umas botas de um roxo

glorioso a condizer com o *hijab* — evidentemente a irmã mais velha. Está a olhar através de umas cortinas de chuveiro com imagens de destinos remotos — uma selva, uma praia, uma gruta por detrás de uma queda de água.

— O que posso dizer? — silva para o telemóvel quase encostado aos lábios. — Oh, lamento, tio Ayaan, mas o pai está ocupado em Bali neste momento. — Olha em redor deliberadamente e estremece quando me vê.

Brindo-a com o sorriso mais radioso que consigo, esperando espelhá-lo nos olhos, ainda que não consiga ver-me a boca por detrás da máscara.

— Tudo bem? — pergunto animadamente e dou uma olhadela ao carrinho ao passar por ela. Não sei para o que uma adolescente quer corda e fita isoladora, mas fico tranquila ao ver também dois enormes sacos de areia para gatos. Estava com medo de que a minha parecesse suspeita, em especial com as outras coisas aparentemente aleatórias que levo, mas se calhar combinações estranhas de produtos sejam o novo normal, por causa da pandemia.

Tenho uma sensação de *déjà vu*, mas fico perplexa ao ver o número de serras em exposição. Não sabia que havia assim tantos tipos. Observo as etiquetas, mas nenhuma ostenta informações úteis como, por exemplo, «ideal para desmembramento». Nem sequer há uma que diga «adequada para madeira e osso».

Com um suspiro, escolho uma com pega de madeira e uma lâmina do comprimento do meu braço. Passado um pouco, junto uma pequena serra de arco, mas troco a de cabo azul por uma de cabo vermelho-vivo no último instante.

— Para não se notarem as manchas de — olho à minha volta — ferrugem. Junto uma terceira serra para dar boa sorte.

Quando, por fim, chego às caixas, estou tão absorta a pensar nos horrores que me esperam, que apenas quando paro numa das marcas que assinalam o distanciamento social é que percebo que a rapariga do carrinho com produtos semelhantes aos meus está na fila ao lado, a olhar inexpressivamente para o telemóvel. Dá um pulo quando a irmã mais nova chega à beira dela e atira uma embalagem de doces para dentro do carrinho, mas a mais velha retira-a de imediato.

A criança arregala os olhos a implorar.

— Se o pai está em isolamento na garagem, não ficará a saber. Por faaaavor, Leila!

Leila vira as atenções para o telemóvel.

— Uma rapariga da minha turma diz que a mãe dela diz que o mundo está a acabar — continua a mais nova, sem se deixar dissuadir. — Isto é a Praga e depois virá a Fome. Se vai haver Fome, devemos comer doces enquanto podemos.

Leila não desvia os olhos do telemóvel.

— Não é justo! — choraminga a mais nova e dá um pontapé na roda do carrinho. — Ai! — guincha, agarrando-se ao pé.

— Lembras-te de perguntar o que é «carma instantâneo» no outro dia? É isso — diz Leila, apontando.

A mulher atrás de mim aclara a voz ruidosamente. Percebo que a minha caixa está livre, avanço apressadamente e começo a tirar as compras do carrinho.

— Quem me dera ter pensado numa lona — lamenta-se a mulher da registadora. Quase deixo cair o rolo de corda ao virar-me para olhar para ela.

Ela franze o cenho ao ver a minha expressão.

— Para pôr debaixo da caixa de areia. Está a ensinar o cão a ir à areia, não está? Ou arranjou um gato e não um cachorrinho para o confinamento?

— Um gato! — grito. — Sim! Arranjei um gato! Gatinho! Gato!

A mulher olha para mim como se eu fosse maluca. Depois a minha coleção de serras desliza pelo tapete rolante.

— Não são para o gato! É evidente. Ah, ah — digo, animadamente. Depois percebo que disse o «ah, ah» demasiado alto. — É... São... para um arbusto — prossigo, desesperada. — Tenho de podar. Podar arbustos.

A empregada da caixa ainda está a olhar para as serras.

— A maioria das pessoas usa tesouras de podar — diz, vagamente. — Posso pedir para lhe trazerem umas, se quiser?

— Sim! Tesouras de podar. Bestial! Obrigada!

A mulher faz o pedido pelo intercomunicador com ar de quem preferiria estar a pedir um colete de forças.

— E, hum, disse caixa de areia? — pergunta, a medo.

— Caixa de areia?

— Para o gato — diz ela, olhando de forma contundente para os enormes sacos de areia.

— Oh, sim! Ou melhor, não. Já tenho tudo o que preciso.

A mulher estende a mão para recolher as serras, mas apresso-me a guardá-las com o resto das compras.

— Levo isto na mesma. As ferramentas nunca são de mais, não é? E tenho todo o confinamento para decidir como as usar, não é? Quem sabe o que conseguirei consertar?

Quando estou a tirar a areia de gato do carro, vinte minutos mais tarde, as cortinas mexem-se na divisão da frente da casa do outro lado da rua. Baixo-me

para a bagageira do carro e tiro de lá o saco com as serras, a espreitar por um dos lados. Atrapalho-me com a chave ao metê-la na fechadura, ansiosa por pousar o saco por detrás da porta da frente sem mostrar a minha carga aos curiosos.

Isto levanta a questão de como conseguirei levar o Jim diante do olhar de ave de rapina da Edwina, a fiscal oficiosa das regras da Covid do bairro, que mora mesmo em frente. Talvez se fizer muitas coisas esquisitas antes, ninguém suspeite de nada quando passar para a fase de eliminação do cadáver da minha vida de viúva secreta.

— Dá a entender que ela afasta todas as pessoas logo à primeira oportunidade — digo ao Alecrim ao levantá-lo do banco do passageiro onde o prendera com o cinto de segurança para fazer a viagem —, mas não é palerma nenhuma. Se ao menos estivesse senil, mesmo que me visse a fazer coisas suspeitas, ninguém acreditaria nela.

Ao olhar para as enérgicas cortinas da Edwina, um movimento no canto do meu campo de visão chama-me a atenção.

Vem uma mulher a descer a rua com dificuldade, a arfar com o peso de quatro sacos de compras a transbordar. Mesmo assim, desce para a rua quando se aproximam dois adolescentes.

— Boa tarde! — diz quando passam por ela.

Um dos rapazes estica-lhe o dedo do meio enquanto o outro, ocupado a meter o papel de um rebuçado numa sebe, a ignora completamente.

Suspiro e digo a mim mesma que terei de o tirar dali depois de levar as compras para dentro, mas a mulher já está a tirá-lo do meio das folhas. Dobrou-o como se fosse um lenço e meteu-o ao bolso.

Algo nela me intriga — não sei nada sobre esta mulher, porém, naquele momento, foi como se fôssemos a mesma pessoa.

Aquilo faz com que a casa pareça ainda mais lúgubre, quando entro e me junto outra vez ao Jim na cozinha. *Ficarei para sempre aqui sozinha*, penso, ao pousar as minhas novas serras no balcão.

Antes de hoje, o confinamento era uma catástrofe que transformara a minha vida num pesadelo. Agora, é uma comutação de pena — mas uma que não durará muito. Quando o mundo voltar ao normal, terei de me ter livrado do Jim de uma vez por todas.



7.

A ARTE DA DESIDRATAÇÃO

— **A**lguma ideia? — pergunto ao Alecrim e à Petúnia, enquanto olho para o Jim e o encerado estendido ao lado dele. — Suponho que o pudesse rebolar, mas...

Se o puder evitar, não quero ver o que a caçarola da avó lhe fez à cabeça. Só de pensar nisso fico agoniada, mas não o posso deixar aqui.

Calço umas luvas de borracha, agacho-me aos pés dele e levanto-os, mas dou um guincho e afasto-me atabalhoadamente, chocada com a flexibilidade do corpo dele. Por um segundo horrível, espero que ele se dissolva, como num filme de terror. Quando não acontece nada, chego-me à frente outra vez e toco-lhe na perna.

— Pensei que estarias rijo como uma tábua — digo-lhe. — O *rigor mortis* virá mais tarde? — Olho para o telemóvel. — Outra coisa que é melhor pesquisar. O veado morto foi uma coisa, mas não pode parecer um padrão.

Respiro fundo, levanto-lhe os pés outra vez, pouso-os no encerado e depois arrasto-me até à cintura dele.

— Levanta as pernas — lembro a mim mesma enquanto, com um gemido, consigo virar a secção média do corpo dele. Posiciono-me à beira dos ombros, fecho os olhos e levanto-lhe o tronco.

Algo a ranger obriga-me a abrir um olho, depois o outro. A testa do Jim, a roçar pelo chão, está a enrugar a beira da lona.

Com um gemido de nojo, levanto-lhe os ombros o suficiente para não tocarem na lona, depois pouso-o de barriga para baixo. Repetindo o processo de cima a baixo, aos poucos, desloco-o de lado até ter o corpo todo a uns bons noventa centímetros da beira. Quase sinto vómitos ao ver a mixórdia

que ficou no sítio onde tinha a cabeça. Reconponho-me, pego no pano e na lixívia que já tinha preparado e meto mãos à obra, atirando-me ao enchimento entre os ladrilhos com a escova de dentes do Jim até não haver vestígios de ter acontecido algo funesto. Bem, a não ser o corpo no encerado.

De seguida, ponho o pano, a escova de dentes e as luvas ao lado dos pés do Jim, sirvo um enorme copo de xerez de culinária e como a maior parte de uma fatia de Brie.

— Preciso de algo para enxugar o álcool — digo ao Alecrim e à Petúnia, que, sensatamente, nada dizem.

De seguida, depois de muito levantar e empurrar, consigo levar os enormes sacos de areia para gatos até ao lado do encerado. Ataco a parte de cima de um com uma faca de cozinha, deixando um rasgão recortado no plástico.

Recolho granulado com um jarro de medição, levanto-o por cima dos pés do Jim e estaco.

Depois disto, não há como voltar atrás. Assim que a areia para gatos entrar em contacto com o corpo dele, a polícia nunca acreditará que foi um acidente ou legítima defesa. Pareceria suspeito demorar tanto tempo a chamá-los, mas ainda vou a tempo. Se o fizer já.

Olho para o telefone, depois para o jarro que tenho na mão. Ter-me-ia ele matado se não o tivesse agredido com a caçarola?

E se tivesse chamado a polícia quando percebi como o confinamento seria terrível? E se os tivesse chamado no dia em que a Amy saiu de casa? E se o tivesse deixado há anos? Pegado nas crianças e partido... ou nem sequer me tivesse juntado a ele.

Mas sem o Jim não teria tido o Charlie e a Amy.

Olho fixamente para o pai deles morto. Como será possível conjugar essas duas peças? O meu amor pelos meus filhos e aquilo que fiz? Se calhar não é possível. Mas também não é possível mudá-lo, e tudo é melhor do que os meus filhos descobrirem a verdade sobre os pais. Agora, só assim os posso proteger.

Deixando-me arrebatado pela estonteante sensação de irrealidade, levanto outra vez o jarro.

Fá-lo, digo com os meus botões. *Não tens opção, por isso despeja esse jarro em cima do cadáver do teu marido.*

Solto um ronco e depois uma gargalhada. A Alice está bem metida na toca do coelho, mas, se ficar um pouco louca for a única forma de conseguir fazer o que tem de ser feito, pois que seja.

— Um brinde, querido — digo e despejo jarro em cima dos pés do meu marido.

Forma-se uma nuvem de poeira que me obriga a cambalear até à porta dos fundos para a deixar sair para o jardim. Quando a poeira assenta, ponho uma máscara e retomo o processo de despejar a areia para gatos — num gotejar lento e regular — sobre os tornozelos, as barrigas das pernas, os joelhos e as coxas do Jim. Assim que o saco fica meio vazio, pego nele, cambaleio com o peso e despejo-o por cima da cintura e das costas dele. Por fim, por cima da cabeça.

Repito o processo com o segundo saco, depois descalço as luvas, vou até ao armário e tiro de lá todos os sacos de arroz e sal que encontro e polvilho por cima. Se é costume colocar telemóveis que caíram à água em arroz para os salvar, deve ter uma ação semelhante à areia para gatos. E o sal deve manter a bicharada à distância.

— Tal como no dia do nosso casamento! — digo ao espalhar arroz por cima do meu marido. — A única diferença é que já deixámos toda a violência para trás.

Com esse pensamento feliz, puxo a beira mais curta da lona por cima das costas do Jim e ponho-me de cócoras ao lado do corpo, uma mão no ombro dele e a outra na anca mais próxima. Se quero que a areia para gatos e o arroz surtam efeito, preciso que o Jim fique bem embrulhado e estanque ao ar. E, se a areia para gatos e o arroz não surtirem efeito, será ainda mais importante conter o cheiro e as prováveis... infiltrações.

Cambaleio até à pia e salpico água fria para o pescoço até as náuseas diminuírem. É tudo o que posso fazer para afastar o pensamento do que acontecerá em breve ao Jim, dentro da lona. O meu marido. O pai dos meus filhos. Que ontem estava vivo e hoje está morto porque o matei, e está agora na iminência de ser empacotado como o presente mais horrível do mundo.

Concentro-me na tarefa entre mãos.

— Isto é que é fazer exercício — arquejo ao elevar lentamente o Jim de lado, o suficiente para o conseguir balançar para trás e para a frente até a gravidade fazer o seu trabalho e ele rebolar para a frente, bem embrulhado numa lona para eu não ter de ver os pormenores medonhos.

Depois de várias repetições, o Jim é um lindo embrulho, cuidadosamente amarrado com corda e bem seguro com fita isoladora em todos os extremos. Vou buscar um copo de vinho e sento-me a massajar um olho com a palma da mão, tentando afastar da mente as imagens, sons e sensações antes que se tornem memórias.

Puxo para mim o bloco de notas com a lista de compras e mudo para uma página em branco.

Livrar-me do Jim, escrevo no topo, depois sublinho e escrevo *Ponto 1: Embrulhar e deixar a desidratar*. Desenho um enorme visto ao lado.

Sinto a cabeça a latejar, por isso experimento fazer pressão com os nós dos dedos no outro olho, mas também não ajuda.

Ponto 2: Colocar pratos de vinagre e bicarbonato de sódio. Outro visto.

Ponho-me de pé a custo, vou buscar uma tigela de sopa, despejo para lá um pouco de vinagre e coloco-a à beira da cabeça do Jim, como se fosse uma oferenda. Depois vou ao frigorífico buscar o frasco de bicarbonato de sódio aberto e coloco-o ao lado dos pés.

Ponto 3: Encontrar um sítio onde deitar o cadáver.

Este visto terá de esperar, pois não faço ideia de onde o possa pôr nem se o conseguirei deslocar.

— Lembrar-me-ei de algo — digo ao Alecrim e à Petúnia, na defensiva. — Não lembrarei?

Segue-se um longo silêncio, muito longo.



8.

SE FORES AO BOSQUE HOJE À NOITE

Duas horas mais tarde tenho imensas notas riscadas e rigorosamente nenhuma solução.

— Se não posso pôr-te no jardim, onde poderei enterrar-te a uma profundidade suficiente para um cão ou uma raposa não te desenterrarem? Tem de ser num sítio que não chame as atenções enquanto estiver a preparar um buraco assim tão grande — digo ao Jim enquanto faço um jantar de gelado seguido de mais gelado.

Quando vou deitar o cartão na reciclagem de papel, faço um compasso de espera, depois olho com mais atenção para o jornal dobrado que está por cima: na primeira página vejo um grupo de coveiros voluntários a trabalhar arduamente num campo. Na manchete lê-se: *Número de mortes por Covid dispara: serviços fúnebres não têm mãos a medir.*

Olho para o Jim, depois outra vez para o jornal. Há imensas sepulturas acabadas de abrir. Será que alguém repararia se mais uma fosse ocupada? É provável. Mas e se eu abrisse uma apenas mais o suficiente para meter lá o Jim e depois cobri-lo? De certeza que depois de lá meterem o devido inquilino em cima dele nunca mais ninguém o encontraria.

Escrevo uma nota, depois desenho um círculo à volta com um movimento floreado.

Apesar de estar muito cansada, não paro de pensar, visto o casaco e ponho o chapéu do Jim e vou ao cemitério local sondar o terreno. Por causa das restrições, é arriscado sair de casa uma segunda vez, mesmo a meio da noite, mas com certeza é ainda mais arriscado deixar o Jim no chão da cozinha mais tempo do que o necessário.

Esgueiro-me pelo antigo portão do cemitério e caminho pelo estreito caminho entre as lápidas mais antigas, mas não tardo a vacilar e a parar quando reparo em como o campo com os novos residentes fica afastado. Nunca conseguirei carregar nem mesmo arrastar o Jim por uma distância assim tão grande. Poderia trazê-lo num carrinho de mão?

Quase dou um gritinho quando uma luz incide sobre a minha cara. Rodo sobre os calcanhares e reparo que estou em frente à casa do vigário. Uma luz amarela quente doura os rebentos de magnólia a desabrochar na árvore aninhada junto ao muro que separa o jardim do cemitério.

A janela do presbitério abre-se e ouço uma voz que diz:

— Terei muito gosto em falar se precisares de consolação.

Desampara-me a loja! grita uma voz na minha cabeça, mas consigo fechar a boca antes de dizer as palavras. Afinal de contas, seria um gesto louvável se não tivesse destruído o meu fraco plano de eliminação de cadáver.

— Está tudo bem, obrigada! Estou só a fazer um pouco de exercício! — respondo a gritar, o mais animada que consigo, enquanto combato a vontade de gritar todos os impropérios que conheço. — Desculpe incomodá-lo!

— Fique bem!

Sim, penso comigo mesma. Sim, agora estou bem. É disso mesmo que se trata.

— *Porca miseria!* — digo em surdina enquanto me afasto apressadamente. Não faço ideia do significado destas palavras: a Janey ensinou-mas depois de ir com a família a Itália num verão, quando tínhamos cerca de 10 anos.

Janey, diz a dor no meu peito.

Será que ela ainda se lembra? Nós as duas aos risinhos no muro do recreio. Mesmo que ainda fôssemos amigas, provavelmente não se lembraria. O momento não significara nada para ela, mas, para mim, o seu regresso fora como se o mundo se iluminasse de novo depois de uma quinzena passada a arrastar-me pelos bosques sozinha para fugir do silêncio alternado com gritos lá de casa.

O ar da noite é ameno e carregado com o cheiro do mês de maio a florescer. O silêncio tem algo — está toda a gente em casa, só se ouvem alguns carros ao longe — que faz com que a noite pareça segura, apesar de já passar da meia-noite e eu estar completamente só quando passo do cemitério para a rua e depois para o bosque, serpenteando pelo meio das árvores até à penumbra. O luar passa pelo meio dos ramos em rebento, criando um padrão entrecruzado no chão.

Tropeço nas raízes e a minha roupa fica presa nos silvados. Não aparece uma dríade caridosa para me levar a um poço ou uma mina abandonada,

nem mesmo à toca de algum animal suficientemente grande para lá caber um humano.

Imunda, arranhada e a cair de sono, admito por fim a derrota e regresso. Aqui não há soluções para a minha situação.

A algumas ruas de casa, dobro uma esquina sombria e tropeço num caixote de reciclagem de alimentos tombado à beira de uma rampa de acesso. Dois olhos brilhantes assomam na penumbra.

Recuo apressadamente e depois levanto-me a cambalear, mas nada se atira a mim. Em vez disso, uma jovem raposa esguia sai das sombras e afasta-se, a trotar com a carcaça de uma galinha na boca.

A alguns metros de distância há um banco de madeira por debaixo de uma árvore inclinada. Assim que me sento lá, estremeço quando algo salta de debaixo do banco.

— Miau? — diz o gato de olhos verdes que encosta o focinho esperançoso à minha mão.

— Pensas que te vou fazer festas depois de quase me matares do coração? — pergunto, mas mesmo assim levanto a mão e começo a afagar o dorso do gato. O animal arqueia as costas ao sentir a minha mão e faz um ronronar tão ruidoso e rouco que me faz lembrar a máquina de barbear elétrica do Jim. Só que essa não ronronava, mas zumbia com uma corrente ameaçadora. Sempre me fez lembrar vespas e a forma como a vibração grave das mesmas explode de súbito numa proximidade repentina por muito baixo que falemos, por muito imóveis que fiquemos, como uma manhã normal a despedaçar-se numa dor pungente, em hematomas e queimaduras por dizermos a palavra errada, usarmos o tom errado, pousarmos a chávena no sítio errado, *porque fizeste isso, sua grande estúpida...*

Se o Jim é uma vespa, agora está morta, digo com os meus botões.

O único perigo é como eliminarei o cadáver. Não conseguirei tirar o Jim de casa sem ser vista, muito menos até uma sepultura ilícita, inteiro. Simplesmente não é possível sem ser apanhada.

— Vou ter mesmo de o desmembrar, não vou? — Pensei que as palavras morreriam na minha língua, mas são pronunciadas suavemente, com calma.

O gato olha para mim com desdém e depois pressiona a cabeça na palma da minha mão, reivindicando o seu direito a mais carícias diligentes. O mundo continua a girar e nenhum raio atinge a minha cabeça. Aquilo que se avizinha não será divertido, mas sobreviver-lhe-ei.

— Suponho que não possa ser pior do que ter de viver com ele — digo ao gato. Olho para o caixote da comida.

— Decididamente seria compostável, mesmo desidratado — digo,

pensativamente —, mas teria de o cortar em muitos pedaços para caber num caixote daqueles. E com aqueles sacos biodegradáveis muito finos...

O gato afasta a cabeça dos meus dedos e perscruta atentamente as trevas.

— Bem, o que sugeres?

O gato afasta-se com um salto. Pouco depois, ouço uma escaramuça nos arbustos. Algo dá um guincho, sonoro e lamentoso. O gato assoma com um musarinho flácido na boca. Olha para mim como que à espera que o repreenda.

— Não te posso criticar, pois não? Mas não, não vou fazer como tu e comer o Jim. Obrigada na mesma pela ideia.

Quando o gato se aninha e começa a fazer ruídos horrorosos de ossos a esmagar, começo a caminhar de volta a casa, mas ainda mal dobrei a esquina quando algo me faz parar. Por instantes, não consigo perceber o que me chamou a atenção. Depois ouço outra vez: um soluço, depressa abafado.

Faço um esforço para ver e ouço alguém a respirar com aspereza à minha esquerda. Avanço pé ante pé até uma cerca e espreito por um buraco numa tábu.

No jardim do outro lado está uma mulher, a cara virada para o céu. Não lhe consigo ver os olhos, mas o luar espalha-se pelas linhas da sua testa, do maxilar e do queixo. O tom escuro da pele dela é uma gota quente na noite, enquanto os meus dedos, agarrados ao arame da cerca ao nível dos meus olhos, têm um tom quase esverdeado.

O barulho de uma porta a abrir antecede uma luz que se acende, banhando a mulher de claridade. No segundo antes de se virar para o outro lado, vejo o lado da cara dela que estava oculto e percebo, com sobressalto, que tem algo de errado. Tem um olho mais pequeno do que o outro, a pálpebra inchada e...

Atravessa-me uma mistura de familiaridade e estranheza. Estou habituada a ter hematomas azuis-esverdeados debaixo da maquilhagem cor de marfim. Esta mulher tem um brilho roxo avermelhado sobre a base castanho-escura.

Chega da casa um grito abafado. O prenúncio de ameaça deixa adivinhar que o hematoma não foi um acidente.

A mulher apressa-se a regressar pelo caminho.

Sinto o coração a bater na garganta enquanto olho fixamente para o jardim do outro lado da cerca. Devo chamá-la? O que diria?

Espero, ansiosa, tentando ouvir sinais de violência dentro de casa, mas a luz do pátio não tarda a apagar-se outra vez e fica tudo em silêncio. Com relutância, regresso a casa.

Assim que entro, as cortinas tremem na divisão da frente da Edwina.



9.

LAR DOCE LAR

Algumas ruas de distância, Ruth fechou as cortinas do seu quarto com vista para o jardim, na penumbra, desejando ter coragem de voltar a correr para a segurança das trevas, mas, agora que o marido a chamara para dentro, dentro teria de ficar.

Lionel abriu a porta do guarda-fatos com estrondo e atirou um pijama lavado para cima da cama.

— Como está o olho? — perguntou, com rudeza.

— Já está melhor — mentiu, virando o lado da cara não magoado enquanto sorria para ele por cima do ombro.

— Apenas não estava à espera que começasses a trabalhar logo. Não de imediato. Quando sabias que eu acabara de vir da maldita repartição das finanças e... — Pegou numa almofada, amassou-a na forma desejada, atirou-a para cima da cama e pegou na outra.

— Achei que seria bom termos duas fontes de rendimento outra vez.

— Obrigado pelo voto de confiança. Há dez anos que sou a fonte do nosso sustento e não me podes dar uma abébia no meio de uma pandemia.

— Lionel... — Afastando-se da janela, Ruth pousou as mãos suplicantemente em cima das dele enquanto ele pegava noutra almofada. — Sabes que não é nada disso. Eles estão desesperados com a falta de enfermeiros — disse ela, parecendo igualmente desesperada. — Não suporto saber que tenho todas estas competências e ficar aqui em casa de braços cruzados.

O marido libertou-se dela para agarrar o edredão. Com um suspiro, Ruth passou para o outro lado da cama e, juntos, levantaram-no para o sacudir, Lionel dando um safanão tão brusco que lhe arrancou o tecido das mãos.

— Não acredito que também me queiras deixar com sentimento de culpa. Queres ser mais um número das estatísticas? Viste as notícias... as pessoas de cor têm o dobro das probabilidades de morrer... e tu queres ir para um sítio que garantidamente está cheio de Covid. A tua santa mãe ficaria orgulhosa de ti: a matares o teu marido e a ti mesma para...

— Ela queria que eu ajudasse — suplicou Ruth. — Posso tomar precauções: lavar-me assim que chegue a casa, deixar a bolsa e o casaco no átrio, lavar a roupa todos os dias. Até posso dormir no sofá e depois...

Lionel cruzou os braços à frente do peito, dilatando os músculos ameaçadoramente.

— Ah, quer dizer que me vão pegar a peste e ainda por cima não terei a minha mulher comigo na cama? Estás à procura de uma desculpa para que não te toque? — indagou, abeirando-se dela. — Porque nos últimos tempos andas com joguinhos e estou a ficar farto...

Como ela já ostentava no olho as consequências de recuar, contra todos os seus instintos, Ruth avançou.

— É claro que não! — Encostou uma mão com carinho à cara do marido e chegou-se mais para ele. — Só queria dizer, como estavas preocupado com os micróbios...

— Se estou preocupado com os micróbios, fico sozinho na cama. Bela forma de chantagem.

— Sabes que não foi essa a intenção. Só estás a deturpar...

Ele empurrou-a com tanta força que ela tropeçou contra a secretária e raspou a pele frágil da parte de baixo do braço.

— *Estou* a deturpar? — Semicerrou os olhos. — Na verdade, o que vem a ser essa treta de «duas fontes de rendimento»? Porque quiseste fazer-me sentir mal por termos de poupar uns trocos no mês passado? Diz-me, o que se passa na verdade?

Aproximou-se dela, encurralando-a contra a parede e encostando a cara à dela.

— Foi aquela mulher do hospital... aquela gorda do cabelo ruivo frisado. Sempre a meter o bedelho, a convidar-te para ires lá, a querer que saias à noite como uma galdéria qualquer.

— Isso foi apenas um jantar de confraternização com algumas pessoas e foi *semanas* antes do confinamento. Não acredito que ainda estejas...

— Algumas pessoas, ah? — trovejou.

Ela virou a cara para o lado quando o cuspe lhe salpicou a cara.

— Então, afinal não foram «as amigas». Aquele teu ex-patrão chique esteve lá?

Ruth arregalou os olhos.

— *Sabes* que nunca te trairia. — Engolindo o medo e a repulsa, chegou-se a ele com ternura. — Não tens motivos de preocupação.

Embora ela tivesse lágrimas nos olhos e a voz se lhe embargasse ao proferir as palavras, ele inclinou-se para um beijo que depressa se tornou intenso, como se ela estivesse alegre e ávida. Ao fitar os olhos no espelho enquanto as mãos dele lhe agarraram os botões da camisa, ouviu o próprio soluço de desespero no rosto que a fitava de volta.

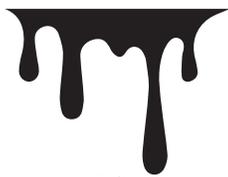
Lionel fez um riso grave e inflamado, como se ela estivesse a arfar de lascívia e não a chorar, e a situação pareceu-lhe uma loucura. Porque ele tinha de saber... mas o que poderia ela fazer a não ser fingir? E de quem era a culpa?

Ela olhou do seu próprio rosto para a sombra do reflexo dele, e isso também lhe pareceu uma loucura. Porque não podia ser ela, não podia ser ele, não podia ser real, apenas algo que estava a acontecer ali, no espelho.

Mas como ela queria ajudar aquela mulher. Nunca fora pessoa de virar costas a quem estava em apuros, nunca fora pessoa de ficar de braços cruzados a assistir. No entanto, agora estava sem reação, sem se conseguir mexer, como se tivesse perdido o controlo do corpo e, sem saber como, saído do mesmo. Sabia que teria de regressar ao mesmo de forma a travar o que estava a acontecer à mulher no espelho. Porém, também sabia que não seria bem-sucedida.

O desespero manteve-a imóvel. De que adiantava lutar quando não havia esperança de vencer — quando tudo o que iria fazer era piorar a situação?

Mas o que acontece quando a situação não pode piorar? pareceram perguntar os olhos da mulher. *O que farás quando não tiveres nada a perder?*



10.

O PRIMEIRO DIA DO RESTO DA MINHA VIDA

Quando, de forma inadvertida, vejo o meu reflexo na porta do forno, à hora do almoço, tenho de parar e ver com mais atenção. Pode até ser uma esperança vã, mas pareço mais nova. Com certeza pareço muito mais feliz. Olho de relance para o Jim, depois de novo para o meu reflexo. Sim, continuo mais feliz, com cadáver e tudo.

— Se o dinheiro compra bolos e o bolo é uma espécie de felicidade — digo, num devaneio, ao Alecrim e à Petúnia, enquanto lhes dou de beber com um jarro que os pais do Jim nos ofereceram de prenda de casamento, mas que ele provavelmente apenas deixaria usar no Natal —, isso quer dizer que preciso de mais, muito mais bolo. E queijo. E nem a porcaria de um feijão cozido — acrescento ao sentar-me para começar uma lista de compras.

Bolachas. Vinho. Bolachas de água e sal. Vinho. CHOCOLATE. Para jogar pelo seguro, sublinho este último duas vezes. De seguida, acrescento o título: *Lista Para Ser Feliz.*

— Se calhar, afinal aquela coisa da terapia através das compras não é tanga. — Passo os dedos pelas folhas do Alecrim e deixo o cheiro impetuoso encher a atmosfera. — Mas se calhar cingir-me a comida é limitar de mais as possibilidades.

Roupa nova, escrevo, acrescentando no fim a palavra «alegre».

O ponto que se segue na lista é *máquina de karaoke.*

— Nesta casa não faltará música — digo ao Alecrim e à Petúnia. Olho para o Jim-embrulho. — Habitua-te à ideia.

Como se fosse combinado, recebo uma mensagem do Charlie. Hesito por instantes, depois penso no motivo por que estamos limitados a dar o nosso

amor através de canções, o motivo por que toda a música, diversão e galhofa da sua infância aconteceram quando o Jim não estava presente.

Quão cedo nas vidas dos meus filhos é que os estribilhos «O papá está com dores de cabeça», «O papá está muito cansado hoje», «O papá só precisa de um pouco de paz e sossego» se tornaram sinónimo de «O papá está em casa», sem que fosse preciso dizer mais alguma coisa? Nem sequer me lembro. Cedo de mais. Costumava dizer a mim mesma que era uma felizarda por serem crianças tão moderadas, mas sabia que não era normal.

Eles não faziam pouco barulho pelo Jim, mas por mim. Consigo perceber isso agora — perceber que, apesar de o Jim nunca lhes ter batido e raramente lhes ter ralhado, sabiam que eu não estava apenas preocupada com o pai. Que, sozinha, não teria proibido o Charlie de ouvir a sua música, não teria interrompido o tagarelar incessante da Amy. Sabiam que eu tinha medo, pelo que faziam pouco barulho quando o pai estava em casa, tinham cuidado ao fechar as portas, ao subir as escadas e ao arrastar móveis, como se a própria casa necessitasse de apaziguamento.

Percebi isso, mas nunca me permiti pensar sobre o caso, pois estava demasiado focada a perceber a diferença entre a infância deles e a minha para compreender todas as semelhanças.

O que sabiam eles sobre mim e o Jim? Quero acreditar que nada, mas de algum modo, daquela forma «pelo canto do olho», sempre soube que não é verdade. A prova está na minha mão — o Charlie envia-me uma música todos os dias porque não me atrevo a ligar-lhe e ele não se atreve a ligar-me.

— Porque tens medo de lhe dizer para deixar de mexer no teu telefone? — perguntou-me da segunda vez que discutiu com o Jim por este atender o meu telefone.

— Estás a fazer uma tempestade num copo de água, Charlie — respondi, com uma gargalhada como quem diz «deixa-te disso». — Eu disse-lhe para não atender, mas ele está tão entediado com o confinamento.

— Então, porque foi que no ano passado me disseste para telefonar, não enviar uma mensagem, para eu e ele não discutirmos por causa de ele ler as minhas mensagens? É mesmo esquisito, mãe. A sério que não compreendes?

— Sei que isso te irrita, querido, mas às vezes todas as famílias se chateiam, querendo intrometer-se nos assuntos dos filhos. Ele apenas se sente excluído.

Disse a mim mesma que o Charlie deixara de falar no assunto porque eu lhe aplacara as preocupações, mas será que acreditei, mesmo naquela época?

Carrego na hiperligação da última música e soam na cozinha os primeiros acordes do tema *Because of You* da Kelly Clarkson.

Quase volto a desligar a música, mas afasto a mão. Em breve, esta não

será a única ligação que tenho com o meu filho. Mas não se me deixar perder no passado. Haverá tempo para isso mais tarde. De momento, tenho de me lembrar a mim mesma de tudo o que perderei se não arranjar uma solução para me livrar do corpo do Jim.

Regresso à minha *Lista Para Ser Feliz* e acrescento *Arranjar um gato assim que o Jim estiver fora da minha vida*. Com um suspiro, acrescento *Arranjar lar alternativo para o gato no caso de ir parar à prisão*.

Olho para as palavras, a música de repente discordante e sinistra. Por fim, risco essa frase e substituo-a por uma melhor: *Não ir parar à prisão*.

As cortinas da divisão da frente da Edwina tremem uma e outra vez quando, carregada de compras, me arrasto pela rampa de acesso. Será que ela consegue mesmo ficar ali o dia inteiro e a noite inteira? Terá morrido e deixado ficar um fantasma extremamente intrometido?

Espreito nervosamente para o Jim-embrulho enquanto meto o gelado no congelador, mas não está nenhuma aparição a pairar ao lado do cesto do pão. Não obstante, não consigo deixar de me interrogar que tipo de espectro seria o Jim: uma pequena sombra macilenta a deixar para trás um rasto de areia para gatos, ou ainda mais cruel e perigoso do que foi em vida? Ao pensar nisto, estico a mão cuidadosamente para agarrar a pega da chaleira quando começa a ferver, não se vá dar o caso de esta se virar de repente por cima do meu pulso, como se o Jim continuasse aqui, ainda conseguisse magoar-me. Fecho os olhos numa tentativa de afastar a imagem dele a agigantar-se sobre mim, o peso a empurrar-me contra o balcão, mãos espectrais como garras a prender-me...

Faço um esforço para afastar a imagem, substituindo-a pela memória de uma tarde chuvosa, esparramada na cama da Janey, as duas a aprender a fazer tranças francesas, enquanto ela inventava histórias de fantasmas. Por instantes, sorrio, lembrando a sensação do cabelo dela nas mãos, o quente do cobertor tricotado à mão, debaixo do qual nos enroscámos enquanto a chuva batia nas vidraças lá fora.

Um segundo mais tarde, o conforto da memória esvai-se numa corrente de mágoa por todo o tempo e raiva entre nós. Estando o Jim morto, qual era a lógica de perder a minha melhor amiga?

Janey, diz o meu coração.

Olho para o telemóvel. Desativei a minha conta do *Facebook* há que tempos para que o Jim não caísse na tentação de interagir com alguém «em meu nome».

O que estará a Janey a fazer agora? Como estará a passar o confinamento? A última vez que nos vimos foi no funeral da minha mãe, há cinco anos, e embora tivesse desejado que fosse como o do meu pai — algo que conseguiria aproximar-nos outra vez —, o incómodo entre nós parecera insuperável. Quando ganhara coragem para falar com ela, já tinha ido embora e a coisa ficara por ali. Não voltou a ligar-me e eu não lhe liguei mais.

Sei que mantém o contacto com os miúdos — envia-lhes postais de aniversário e presentes. Quero acreditar que continua nas vidas deles como uma forma de continuar na minha, mas, mesmo que seja apenas por eles, fico feliz também por saber que eles não a perderam.

Pego no telefone. É frio ao toque.

Ela concordará em falar... ou não.

Sem conseguir suportar tal ideia, pouso o telemóvel e tiro a lixívia do saco de compras. Não há nada que acabe com a tentação de nos perdermos em pensamentos (bons ou maus) como limpar a sanita; assim, é o que vou fazer.

Porém, enquanto esfrego, só consigo pensar se a Janey ainda mora a poucos quilómetros de distância. Depois de me livrar do Jim e quando as restrições diminuírem, o que aconteceria se fosse lá? Suportaria se ela me batesse com a porta na cara? Mesmo passados cinco anos, é a Janey que me deixa virada do avesso, enquanto nem sequer vacilei esta manhã, quando passei pelo cadáver do Jim para ir fazer o pequeno-almoço. Talvez deva sentir-me culpada por isso, mas não sinto. A morte dele é um alívio. E embora ainda não esteja preparada para o aceitar, o que receio começar a lamentar não é ele, mas tudo aquilo que me tirou.

Afastando o emaranhado de infortúnio, vou lá fora buscar os cestos de reciclagem. As rodas insistem em ficar presas em todas as rachas e buracos. Estou a arrastar a última para o canto da rampa de acesso quando a porta da Edwina se abre.

Encolho-me quando ela começa a caminhar para mim com passos largos. Estará entediada de mais ou terá juntado dois mais dois e chegado à conclusão de que não vira sinal do Jim?

Estou a ficar em pânico quando percebo que não está a olhar para mim. Rodo sobre os calcanhares e vejo a minha vizinha do lado a sair do carro.

— Boa tarde, Nawar — diz a Edwina do outro lado da rua, toda ela diretora de escola aposentada. — Está tudo bem? É que reparei que também saí mais cedo hoje e só é permitido ir uma vez às compras e praticar uma hora de exercício por dia, sabe?

Embora me sinta mal por deixar a Nawar à sua sorte, pisgo-me para dentro de casa.

— Sim, sei que é muito bolo — digo ao rosto amarelo da Petúnia, que assume um ar opinioso enquanto descarrego o resto das compras para o balcão.
— Mas tenho muito que fazer.

Depois, para o provar, debruço-me finalmente por cima do bloco de notas e acrescento a tarefa que deveria ter sido a primeira da minha *Lista Para Ser Feliz: Arranjar emprego*.

A caneta quase fura a folha, quando a enterro ao desenhar o pináculo do A, e depois esmorece, ao traçar a linha descendente do E, como se a tinta tivesse secado.

Ainda me lembro do dia em que mostrei ao Jim um anúncio de emprego no jornal, para ele o atirar direitinho para o lixo.

— Por amor da santa, Sally! As crianças são muito pequenas! — Só que nada mudou quando passaram da primária para a secundária. E o que foi que fiz? Fiz de conta que não importava, que estava satisfeita e realizada e não precisava de independência, autoestima ou outros adultos na minha vida que fossem capazes de me ver por outro prisma, que poderiam ajudar-me a ver-me por outro prisma.

Foi o fingimento que destruiu a minha relação com a Janey. O mais certo é ela ainda pensar que não compreendi, mas a verdade é que compreendi desde o início. Ela pensou que, se ela conseguisse estilhaçar o espelho deformado pelo qual eu estava a ver a minha vida, seria capaz de me afastar. Quando isso falhou, explicou-me como é que se fazia, ao afastar-se de mim. Tentei acreditar que foi um ato de crueldade, mas sabia que a verdade era que ela não suportava ver-me enquanto o meu mundo mingava e eu me diminuía para nele caber. Eu vivera isso com a minha mãe, pelo que compreendi, mas não estava preparada, não fui capaz, não quis... não era aquilo que precisava de ser para me afastar.

Olho para o Jim e espero sentir-me fraca — esgotada por todos os anos que me trouxeram a este ponto. Mas não. Sinto-me forte. Não da forma imensa e arrojada que sempre pensei que era o que me faltava, mas de uma forma diminuta e pacífica.

Depois de todos estes anos, cá está.

Quando tudo isto acabar e o Jim tiver partido — não só da terra dos vivos, mas também do chão da cozinha —, arranjarei emprego e depois ligarei à minha melhor amiga e dir-lhe-ei. E, se ela não falar comigo, escrever-lhe-ei. Mesmo que ela não me responda, preciso que saiba o quanto a amo.

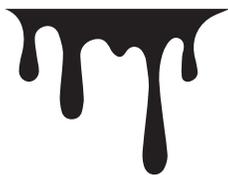
Como preciso de mais consolação do que o bolo consegue providenciar, subo as escadas e vou buscar os chinelos fofos em forma de gatinho que o Charlie me ofereceu na brincadeira, mas que o Jim odiou tanto que nunca mos

deixou usar. Assim que entro para a cozinha, fico com o pé preso no fundo do Jim-embrulho e caio para cima do balcão, como se fosse ele a castigar-me.

— Não me deixas mais nódoas negras — silvo para ele, mal me contendo para não lhe dar um pontapé, como ele me fez tantas vezes.

A nova vaga de memórias leva-me ao jardim, mas as imagens continuam a toldar-me a visão como teias de aranha. Então, um pisco desce a pique para o relvado, parando a cerca de um metro de onde estou, inclina a cabeça a olhar para mim e percebo que o ar é adocicado com o cheiro do desabrochar dos lilases e o sol está a brilhar — tristonho, mas a brilhar.

Ainda não me livrei dos problemas, mas tive uma manhã boa: a melhor em muito tempo. Vesti a roupa que escolhi. Comi o que quis. Cantei quando me apeteceu. E não passei um único minuto a pensar como poderia certificar-me de que o Jim não me magoava hoje.



11.

TODAS AS PESSOAS SOLITÁRIAS

Quando saio para fazer algum exercício (e para ver se vagarear por aí me trará algumas novas ideias de lugares para me livrar dele), fico espantada ao dar com a Edwina de pé no pequeno terreno de vegetação rasteira — um emaranhado de espinheiros, ervas daninhas e árvores espontâneas escanzeladas — que se estende ao fundo da rua.

— Veio dar o seu passeio diário? — pergunta. — O que é que o seu marido pensa de sair tantas vezes de casa?

— Absolutamente nada — respondo, dizendo a verdade. — Ultimamente, nem sequer repara.

A Edwina semicerra os olhos.

— Quando o confinamento começou, não era ele que ia às compras? Se está com sintomas, sabe que têm de ficar ambos em isolamento. Escapulir-se à meia-noite não é solução, se ele está doente. Não negue — diz ela, agitando o dedo na minha direção. — Eu tinha ido buscar um copo de água já bastante tarde ontem à noite e lá ia ele, a dobrar a esquina cheio de pressa.

O lampejo de irritação que me causou não tarda a ser amenizado quando percebo que, além de ter descoberto acidentalmente uma forma de duplicar o número de vezes que posso sair de casa todos os dias, a Edwina pode agora testemunhar que o «Jim» estava vivo e de saúde na noite após a sua morte.

— O Jim não tem sintoma algum — digo-lhe, o que é verdade. — Está apenas... num período de acalmia. — Vejo um balde, um sacho e uma tesoura de poda ao lado de uma pequena parcela de terreno desobstruído ao lado de uma pequena cerejeira. No meio das raízes, brotam rebentos dos bolbos. — Não sabia que estava a trabalhar num projeto aqui. Os bolbos são narcisos amarelos?

— Narcisos brancos e gladiolos roxos — diz a Edwina com uma fungadela. Então a sua expressão muda, mas vira-se para olhar para a árvore antes de eu ter tempo de perceber que emoção estou a ver. — Todos os anos, desobstruo mais um metro quadrado e planto mais uns bolbos. Já faz sete anos que comecei com a cerejeira e os acónitos de inverno. Nunca conseguirei desobstruir todo o recinto, mas pelo menos posso criar uma pequena parcela de cor.

Enquanto a observo, ela olha para uma mulher que se aproxima a empurrar um carrinho de bebé. Quando vê a Edwina, a mulher arregala os olhos. Baixa a cabeça, atravessa a rua e estuga o passo.

Por instantes, a Edwina faz uma expressão de infelicidade, mas depois vira-lhe costas com um ruído de desprezo.

Nem sequer me ocorrera, mas sendo ela viúva, deve sentir-se ainda mais sozinha do que o normal no confinamento. Terá falado com *alguém*, além dos vizinhos que repreendeu? De repente, todas as descomposturas e intromissões assumem um cariz diferente. E com isso germina uma ideia. E mais dois pontos a acrescentar à minha *Lista Para Ser Feliz: fazer pão e jardinagem*.

Dantes, gostava de plantar coisas com os miúdos. Temos na estante uma fotografia da Amy e do Charlie, pequeninos, ao lado de um enorme girassol. Num álbum escondido ao fundo da prateleira por cima do guarda-fatos há uma praticamente igual comigo, a mãe e a avó. Eu tencionava manter a tradição, mas o Jim queixara-se de que era uma crueldade encher o jardim de flores quando ele sofria de febre dos fenos. No ano seguinte, usara apenas três tabuleiros de sementes, e no outro a seguir apenas os girassóis. No ano que se sucedeu, como as crianças não disseram nada, tentei convencer-me de que já eram crescidos de mais e não estavam mais para aquilo. Porém, o Charlie certificara-se de que o cartão do Dia da Mãe que desenharam para mim nesse ano era com girassóis. Desde então, todos os anos, recebo um cartão semelhante.

De repente, quero ir a correr para casa e pedir ao Charlie um ramo de girassóis, mas é claro que não o posso fazer. Isso seria praticamente o mesmo que anunciar que acontecera algo importante e a última coisa de que preciso é que o Charlie apareça por aí preocupado com o que possa ser. Não obstante, poderia encomendar umas sementes, de modo que, quando tudo isto acabar, possamos retomar a nossa tradição.

Não posso fazer nada em relação a todos aqueles anos perdidos, mas quem sabe se plantar algumas sementes agora, quando florescerem, tudo seja diferente.

* * *

Uma hora mais tarde, aceno para a Edwina, que está à janela da divisão da frente, enquanto pouso uma lata de biscoitos amanteigados no muro da casa dela. Talvez isto a anime — ou até pode ser que considere que seja um pecado capital. De qualquer uma das formas, tenho de fazer *algo*, se quero passar com um cadáver à frente do seu nariz.

Quando abre a porta, apresso-me a explicar-me, depois preparo-me para o impacto, mas ela apenas assente com a cabeça.

— Obrigada. É muito atencioso da sua parte — diz, com firmeza.

Faço um esforço para não acreditar que lhe custa dizer estas palavras, mas mais parece que chupou um limão do que tentou esboçar um sorriso.

— Mas não pense que me pode apaziguar com isto e depois quebrar as regras — acrescenta, asperamente.

— Para dizer a verdade, é um agradecimento antecipado. Esperava que me pudesse dar alguns conselhos de jardinagem. Se vou ficar presa em casa, quero arranjar um pouco o jardim das traseiras e pensei que poderia ajudar-me a chegar ao maravilhoso mundo de não matar as coisas?

Estremeço consoante as palavras me saem da boca, mas é claro que a Edwina está a pensar em plantas mortas, não em pessoas, quando um sentido de finalidade brilha nos seus sagazes olhos cinzentos. Sinto inesperadamente uma pontada de culpa na barriga. Talvez o meu plano para distrair a Edwina dos esforços para me livrar do corpo tenha de incluir um pouco de companhia. Seria agradável ser útil.

Enquanto a *Lista Para Me Livrar do Jim* é necessária e a *Lista Para Ser Feliz* me dá esperança, o que deveras preciso é de um objetivo maior e melhor. Travar amizade com a Edwina é coisa de pouca monta, mas não é o pior para começar.

Quando estou deitada na cama, nessa noite, tento ter pensamentos reconfortantes sobre unir a vizinhança. Talvez pudéssemos angariar alguns fundos para um projeto comunitário ou organizar uma festa de rua quando o confinamento acabar. Imagino mesas dispostas no meio da rua, toalhas de papel a ondular ao vento, todos os jardins da frente das casas cheios de plantas em flor. Contudo, quando adormeço, sonho com um vendaval que arranca as pétalas das flores até ficarem com todos os ramos e caules despídos. O vento leva as toalhas das mesas, depois as próprias mesas, fazendo-as rebolar até colidirem com a cerejeira da Edwina, partindo o delicado tronco e espalhando os ramos pela rua.

E o vento continua a soprar, mandando-me a cambalear pela rua abaixo e dobrar a esquina para a rua onde cresci, como se as duas cidades se fundissem

numa só. Continuo a caminhar, mudando de direção sem parar, mas, para onde quer que olhe, as cercas e os muros estão cheios de pósteres colados que mostram todos os ferimentos que o Jim me fez.

Desvairada, dou meia-volta e deparo-me com uma mulher de pé no meu caminho, a olhar para o céu enquanto verte lágrimas azuis-claras por cima dos hematomas roxos-avermelhados que brilham sob a sua pele.

Sinto o desespero a subir-me à garganta.

Acordo com um soluço.



12.

HISTÓRIAS DE FANTASMAS PREFERIDAS PARA CRIANÇAS

Do outro lado da cidade, uma recém-mamã muito, muito cansada quase chorou, quando acordou ao ouvir o bebê começar a lamuriar-se daquela forma que, sabia, daria origem a um berreiro. Contudo, esse era um problema insignificante; ao rebolar para a beira da cama, preparada para levantar o corpo dorido dos lençóis quentes, o marido pôs um pé de fora e empurrou-a para o chão frio.

— Leva aquela filha da puta aos berros daqui para fora — resmungou enquanto tapava a cabeça com a almofada.

A recém-mamã muito, muito cansada foi a cambalear até à alcofa e pegou na filha ao colo. Sentiu o apelo da cadeira de baloiço que havia a um canto, mas arras-tou-se pesadamente até ao corredor e ficou a balançar de pé, ao cimo das escadas, antes de a gravidade levar a melhor sobre ela e se deixar cair no degrau de cima.

Uma sombra agigantou-se à porta do quarto.

— Porque és a merda de uma inútil? — vociferou o marido. — Não podes pelo menos descer o caralho das escadas?

— Sinto-me muito zozza. Vou cair — murmurou a recém-mamã muito, muito cansada, protegendo a filha da fúria dele.

— Boa viagem para as duas — disse e bateu a porta com estrondo.

A bebé redobrou o berreiro.

A recém-mamã muito, muito cansada tentou embalá-la, depois fazê-la arrotar, depois inspecionou-lhe a fralda, depois deu-lhe a mama.

— Por favor, querida — crocitou. — Por favor, não chores mais. O papá não falou por mal. Apenas está muito, muito cansado. Estamos todos muito, muito cansados.

É claro que a bebé não fez caso dela e continuou a guinchar.

— Pelo menos são uns gritos ferozes, não é, meu amor? Uma exigência, não um queixume. — A voz embargou-se-lhe ao dizer estas palavras e as lágrimas escorreram-lhe pela cara. — Bem, meninas destemidas têm direito a histórias a condizer, por isso, faz pouco barulho enquanto te conto uma história de bruxas, fantasmas e assassínio... todas as melhores coisas da vida. Pelo menos era o que a minha melhor amiga costumava dizer quando lhe contava esta história. — A recém-mamã muito, muito cansada fungou enquanto a saudade que sentia da sua amiga mais antiga... perdida para ela tal como perdera a mãe para a demência... a obrigava a derramar novas lágrimas. Nenhuma delas lhe podia valer agora, mesmo que pedisse a sua ajuda. Mas talvez, se aguentasse apenas um pouco mais, tudo voltaria a ser como era. Ficaria tudo bem se conseguissem voltar ao que era.

Tinham sido tão felizes. Mesmo felizes. Depois ele dissera «Vamos ter um bebé» e ela pensara «Bem, é agora ou nunca, e se calhar eu até quero». Só que ela quisera-o com o casamento que pensava que tinham. Quase cinco anos se desfizeram nos dois primeiros meses de gravidez. Os enjoos e a exaustão instalaram-se quase de imediato, fazendo cair a esperança de que as escapadinhas e a frenética agenda social do costume pudessem continuar como era normal, pelo menos até ao quinto mês. Os cancelamentos das reservas nos restaurantes, bilhetes para o teatro e convites para festas tinham sido suficientemente maus, mas, quando o interesse dela pelo sexo fora substituído por uma vontade de vomitar quase constante, a frustração de Keith inflamara-se em algo mais sombrio. Em pouco tempo, as querelas de aborrecimento deram lugar a gritos, mas ela dissera a si mesma que não tinha importância se às vezes parecesse que já nem sequer gostavam um do outro. Conseguiriam superar o problema.

Só que, pelo contrário, as coisas tinham piorado... e então, de repente, era algo completamente diferente. Mas disse a si mesma que era temporário. Era apenas a tensão da iminente paternidade...

Porém, a tensão da recém-paternidade revelara-se ainda pior. E depois dera-se o confinamento e fora como se uma pessoa diferente se tivesse enfiado na pele do marido. Um pesadelo das suas histórias mais medonhas.

— Como cheguei a este ponto? — As palavras perderam-se na penumbra.

Talvez tivesse sido mais fácil se houvesse arrependimentos para gritar na noite, mas tudo o que tinha era mágoa pela vida que pensara que teria com o homem com quem pensara ter casado.

Engoliu a vaga de solidão, apoiou-se no pilar da escada e apertou a bebé contra o peito, dando-lhe outra vez a mama. A bebé choramingou, mas, depois de alguma insistência, lá mamou.

— Ora aí está — sussurrou a recém-mamã muito, muito cansada. — Agora, estás confortável? Ótimo, então posso começar. A nossa história começa com um marinheiro rejeitado pela rapariga que amava. Tentou esquecê-la, mas ela assombrou-lhe todos os sonhos até ficar convencido de que ela o enfeitiçara. A história depressa se espalhou até que, ao longo da costa, as pessoas diziam entre dentes que ela era a bruxa que calcorreava as falésias em noites de tempestade, atraindo os navios para o seu fim.

A bebé virou a cabeça para o outro lado com uma cara feia.

— É para mudar, não é? — sussurrou a recém-mamã muito, muito cansada, dando-lhe a outra mama. — Bem, o que achas que os aldeões supersticiosos fizeram? — continuou quando a bebé continuou a mamar. — Fizeram-lhe uma emboscada quando estava a regressar a casa certa noite, arrastaram-na até à praia e ali a abandonaram com a maré a subir. Todavia, a rapariga era inteligente e corajosa, pelo que, quando a água subiu, ela fugiu para as grutas que serpenteavam pelos desfiladeiros. Só que pouco depois deu por si perdida na mais completa escuridão, sem um raio de luz ou esperança.

A luz das estrelas entrou pela janela enquanto a recém-mamã muito, muito cansada olhou para o brilho da Lua por detrás das nuvens.

— Mas não temas, meu amor, pois a Lua observa tudo o que acontece no seu reino e, quando viu a coragem da rapariga, sorriu e iluminou a noite. Na profundidade das cavernas, a rapariga viu um vislumbre de luz cor de prata a reluzir na água e seguiu-a até uma enseada escondida do lado mais afastado das falésias. Sem caber em si de alegria, a rapariga correu pela areia quente e seca. Então, uma sombra incidiu sobre ela e percebeu que estava alguém à espera dela.

A recém-mamã muito, muito cansada olhou para a porta do quarto, mas não viu qualquer linha de luz a passar pelas dobradiças. Estava tudo calmo na penumbra do outro lado. A cama macia tentou-a, mas sabia que o que deveras a aguardava, no ilusório brilho do afeto do marido, não era conforto, mas sim raiva, dor e infelicidade.



13.

O HOMEM QUE FAZ A LEITURA DO GÁS E DA ELETRICIDADE

A pesar de estar quentinha com o xaile da avó, os resquícios dos pesadelos que me obrigaram a virar de um lado para o outro e depois acordar sobressaltada a cada hora durante a noite continuam a saltar-me à mente. A campanha é um chamamento bem-vindo. Estou à espera de sementes de girassol ou do vestido novo que comprei ontem no âmbito das minhas incursões pela *Lista Para Ser Feliz*, pelo que estou a sorrir ao atravessar o corredor com passadas largas.

Em vez de um moço de entregas, dou de caras com o homem que vem fazer a leitura do gás e da eletricidade. Demoro uns segundos valiosos a perceber que ele não é uma caixa de cartão, que é muito estranho estar aqui alguém para fazer a contagem em plena pandemia e, por fim, que, se o deixar entrar, acabarei o dia na prisão.

— É na cozinha, não é? — Dá um passo para passar por mim enquanto estou ali espedada.

— Espere! O senhor não está a usar máscara! — digo bruscamente e estendo a mão, desesperada.

— Tenho uma na carrinha. Se for necessário.

Por cima do ombro dele, vejo a porta da frente da Edwina abrir e sinto uma vaga de alívio, o que é uma sucessão de acontecimentos que nunca julguei ser possível.

— É necessário — digo-lhe, sem mentir. — A minha vizinha é muito rigorosa com as regras. De certeza que apresentará queixa de si... — Não termino a frase e olho-o de sobrolho franzido. — O senhor está autorizado a fazer a leitura dos contadores neste momento? Isso não vai contra as regras do

distanciamento social? — Tento imitar a Edwina o melhor que consigo, soerguendo uma sobranceira e tentando olhar para ele ao longo do nariz, o que é surpreendentemente difícil fazer com uma pessoa mais alta. Espero não me esquecer de perguntar a ela como é que faz. — Além disso, nós não tínhamos instalado um contador inteligente? O objetivo não é precisamente ninguém ter de vir fazer a leitura?

— A primeira verificação tem de ser feita presencialmente no período de seis meses — insiste o funcionário. — Posso cá voltar dentro de duas semanas.

Pode ser uma mentira descarada, mas não tenho forma de tirar a limpo — pelo menos, não de imediato. Duas semanas dar-me-ia tempo para esconder o Jim, mas tenho mesmo de impedir a entrada a um funcionário sem uma desculpa plausível? Isso não parecerá suspeito se me fizerem perguntas mais tarde?

— Está tudo bem? — pergunta a Edwina desde a soleira da porta.

Como é que ela coloca a voz desta forma sem a levantar? Terá algo a ver com aquela magia de olhar ao longo da cana do nariz?

— Este senhor tem de fazer a leitura do contador porque foi instalado há pouco tempo. Vai só buscar uma máscara — respondo.

A Edwina volta o olhar ilusoriamente plácido para o funcionário, que caminha com passo rápido para a carrinha.

— Vou tirar o meu marido do caminho! — guincho e bato a porta com estrondo.

Corro para a cozinha, agarro o pé do Jim-embrulho e, puxando e praguendo, tento arrastá-lo dali para fora, mas não consigo.

Com o coração a bater na garganta, passo para a parte de cima e levanto-o. O Jim desliza às sacudidelas alguns centímetros pelo chão. Com todos os músculos e articulações a arder, dou um puxão e, ao fazê-lo, compreendo que um pequeno movimento de um lado para o outro ajuda ao deslizamento.

Ouçõ alguém bater à porta impetuosamente.

— Já vou! — digo.

Levanto. Trinta centímetros.

Arrasto. Mais trinta centímetros. Puxooooo...

Outra batida na porta, mais agressiva do que a anterior.

— Só um segundo!

Com o Jim finalmente fora do caminho, deitado ao lado da máquina de lavar, pego no cesto da roupa suja e despejo o que tem lá dentro. É provavelmente a tentativa mais inútil de disfarçar um corpo que alguma vez alguém fez, mas é o melhor que consigo.

Cambaleio até ao átrio, ponho a máscara e abro a porta.

O homem que vem fazer a leitura passa por mim e tenho de o seguir até à cozinha.

Posiciono-me à frente do Jim e da máquina de lavar.

— Desculpe fazê-lo esperar. O meu marido já não anda tão depressa como dantes e não o consegui tirar do caminho.

O funcionário pega numa máquina e numa lanterna, vira esta última para o contador e depois escreve algo na primeira.

— Está feito — diz ele. — Tanto espalhafato para nada.

Deixo escapar uma casquinada aguda. Espero que ele interprete isso como uma tentativa de ser infantil e não como histeria.

— Posso pedir-lhe um copo de água? — pergunta o funcionário em vez de ir embora.

Dou um pulo para lhe chegar um copo com água.

Ele tira a máscara e emborca a água enquanto eu mudo o peso do corpo de um pé para o outro, entoando no meu íntimo: *Vai embora, por favor, vai embora, VAI-TE EMBORA, VAI-TE EMBORA, VAI-TE EMBORA*, repetidamente até atingir tal volume que, por um horrível momento, penso que vai ouvir.

— ‘Gada — diz, batendo com o copo no balcão. Vira-se para pegar no seu saco, depois para.

Vira-se para trás.

Olha para o monte de roupa suja.

Reteso os músculos de medo.

É uma situação tão descabida que estou à beira de um ataque de riso desde que lhe abri a porta, mas a perspectiva de prisão perpétua não tem piada nenhuma. Não tem piada nenhuma o que isso fará aos meus filhos. Se ele for espreitar debaixo da roupa suja, será que o conseguirei dominar? Subornar?

— Talvez seja melhor começar a tratar disso antes que algo rasteje lá para baixo e morra ali — diz o funcionário. Vira-se outra vez, levantando desleixadamente um cotovelo ao pegar no saco. Bate no vaso da Petúnia e atira-o da mesa para o chão.

— Desculpe lá, querida — diz. — Estava demasiado perto da beira. — Cerro os punhos com força e sinto as lágrimas nos olhos. — Eu... hum... Não precisa de me acompanhar à porta.

Pum, pum, pum, lá vai pelo corredor o homem que veio fazer a leitura do contador. Logo de seguida, a porta da frente abre-se e bate com estrondo, fazendo-me e a metade das coisas da casa dar um pulo.

Ponho-me de joelhos ao lado do vaso escaqueirado da Petúnia e tento desesperadamente apanhar a terra e endireitar os caules partidos dos seus rostos

sorridentes. Escorrem-me lágrimas pela cara. Ao limpá-las, espalho terra pelo queixo. Sei que deveria parar, respirar fundo, depois fazer algo que seja efetivamente útil — arranjar um vaso novo, um apanhador e uma escova... um toalhete.

Caio desamparadamente para a frente e cedo às lágrimas, uivando para os ladrilhos enquanto a Petúnia murcha nos meus dedos.

Estive à beira das lágrimas tantas vezes nos dois últimos dias — bem num momento, paralisada de medo no seguinte, depois obrigando-me a ficar alegre. Só quero parar. Ceder. Deixar os sentimentos percorrer todo o meu ser de forma que, talvez um dia, eles me deixem outra vez. Mas agora não tenho tempo para chorar as lágrimas de vinte e tal anos.

Concedo-me dez minutos, depois recomponho-me e planto a Petúnia numa chaleira partida.

— Sei que passaste um mau bocado, mas agora ficarás bem. Melhor do que nunca — prometo ao colocá-la ao lado do Alecrim. De seguida, encosto o estilhaço de cerâmica com os dizeres *Melhor Mãe do Mundo! Amor da Amy e do Charlie* x à lateral da chaleira da Petúnia. Passo os dedos pelos nomes dos meus filhos, depois olho para o Jim.

— Não te ponhas confortável aí — digo-lhe. — *Vou-me livrar de ti.*

Então, de súbito, percebo o peso da minha estupidez.

Não basta livrar-me dele. O confinamento não vai durar para sempre. Não tarda, terei de explicar o que é feito dele e de uma forma que faça sentido para nunca mais voltar.

Mais do que *isso*, seja o que for que diga às pessoas, terá de convencer não só os seus colegas, mas também a Amy e o Charlie, e também a polícia, porque as pessoas não desaparecem da face da Terra sem o envolvimento da polícia.

Como foi que pensei que escaparia impune? Mais valia ter deixado o Jim...

— Não. — A palavra é pronunciada em tom baixo, mas firme.

Em cima da mesa, o sol reflete-se no pedaço do vaso da Petúnia com a mensagem dos meus filhos. Eles nunca poderão conhecer a verdade.

Não sei como, mas terei de me certificar de que *ninguém* a conheça.

Pestanejo e dou por mim ainda sentada à mesa, a mão encostada ao estilhaço do vaso da Petúnia.

A luz mudou e entra baixa e dourada pela janela da cozinha. O monte

de roupa suja tombou para um lado e deixa o sol reluzir na superfície macia da fita isoladora que mantém o encerado fechado à volta do cadáver do meu marido.

Por instinto, começo a virar-me para o outro lado. Mas, então, paro e viro-me de frente para o Jim, obrigando-me a olhar para o embrulho. Por instantes, não compreendo porque a minha mente remonta ao dia em que, demasiado receosa de pedir uns sapatos novos ao meu pai, apesar de os meus estarem todos esburacados, acordei e fiquei a saber que nevara, mas não tinham cancelado as aulas. Perdi a sensibilidade nos dedos dos pés antes de chegar ao portão da escola. Baldei-me à chamada e escondi-me na biblioteca a secar os sapatos no aquecedor. A lenta sensação de formigueiro enquanto a vida me regressou à carne... é assim que me sinto agora. Como me senti desde que compreendi que o Jim está morto. Como se estivesse a descongelar devagar.

Suponho que fosse normal não estar a raciocinar bem no primeiro dia — com certeza é justo atribuir isso ao choque. Já quanto à forma como passei o dia inteiro de ontem sem compreender que não posso apenas esconder o corpo do Jim e esperar que isso seja o fim dos meus problemas... passei vinte anos a deixá-lo assumir o controlo da minha vida aos poucos. No confinamento, isso passou a acontecer a cada minuto, mas disse a mim mesma «só» isto, «só» aquilo, «só» aqueloutro — diferentes momentos de controlo, violência e infelicidade. O torpor fez com que nunca conseguisse juntar todas as peças do *puzzle* para conseguir ver a imagem completa... até àquele momento em que ele me agarrou o pulso e percebi o que estava para vir e percebi que a coisa não ficaria por ali, compreendi que nunca iria parar.

Pela primeira vez, vi a verdade.

E talvez isso faça de mim tão estúpida, patética e inútil como o Jim sempre disse que era...

Só que não me permitirei mais ser qualquer uma dessas coisas. E, sim, não tenho jeito para ser inteligente. Nem para ser útil. Nem para ser forte. Mas estou a melhorar. Em apenas dois dias fiz tanto. Mudei tanto.

Há dois dias estava entorpecida e agora estou a descongelar.

Há dois dias, tinha um cadáver a sangrar no chão.

Hoje tenho um embrulho de desidratação e agora que, por fim, juntei as peças do *puzzle*, posso meter mãos à obra para resolver não só a questão da eliminação, mas também a do desaparecimento. Posso sentar-me a recriminar-me pelo tanto tempo que demorei a agir, a chamar a mim mesma todos os nomes que o Jim me chamaria se ainda estivesse vivo, ou posso dedicar-me a provar que ele estava errado. Talvez um dia, em breve, consiga pôr de lado a vergonha e telefonar à Janey e...

Arregalo os olhos.

— O TELEFONE DELE!

Tenho partido do princípio de que o facto de o Jim estar de licença significa que ninguém o tentará contactar, mas e se houver algum controlo semanal do trabalho? Hoje é quarta-feira — se alguém lhe enviou um *e-mail* na segunda, quanto tempo demorarão a perceber que está incontactável?

Remexo freneticamente a tralha que está em cima da mesa, depois em cima do balcão, mas nada. Subo as escadas a correr, procuro no quarto, depois no estúdio. *Onde está?*

— Não — murmuro enquanto desço as escadas a bater com os pés. — Não, não, não... Horrorizada, agacho-me ao lado do Jim-embalagem. Depois, fazendo uma cara feia e desviando o olhar, começo a tatear onde penso que devem estar os bolsos dele. Por um segundo, sinto algo sólido e retangular, mas é pequeno de mais — provavelmente parte da fivela do cinto. Estremeço ao perceber que ele deve estar deitado de barriga para cima. Não sei porquê, mas esse pensamento desencadeia um suor frio na minha nuca.

É então que compreendo que estou a ser mesmo parva. Levanto-me a custo, pego no meu telefone, procuro nos contactos e carrego no nome do Jim.

O telefone que tenho nas mãos chama... mas não ouço o toque de recepção. Estará sem bateria?

Olho em redor com a vã esperança de que o telefone esteja algures e que, com o pânico, nem sequer o tenha visto, mas não tenho essa sorte.

Com um suspiro, subo as escadas para procurar no resto da casa.

Se vou ter de abrir o embrulho, isso será depois de procurar em todos os outros lugares possíveis.



14.

OBSTÁCULOS FAVORÁVEIS

Uma minuciosa busca ao andar de cima desencanta uns brincos que pensara ter perdido, 2,47 libras em trocados, várias esferográficas e cliques de papel, mas nenhum telemóvel. Prefiro ir para a cama com a esperança de que o telemóvel esteja algures no andar de baixo do que tentar dormir depois de abrir o embrulho, pelo que decido recomeçar de manhã. Embora me pareça que não anda vivalma na rua enquanto verifico se as portas e as janelas estão todas trancadas, dou por mim a fazer um compasso de espera enquanto perscruto o jardim. O beco pode não ser imune aos olhos rapaces da Edwina durante o dia, mas talvez à meia-noite...

Com a esperança de acabar o dia a resolver pelo menos um problema, pego no casaco e no chapéu do Jim que estão no bengaleiro junto à porta e atravesso o relvado em bicos de pés até ao portão. Estendo a mão, levanto a aldraba e... CHIIIII!

— Quem está aí?

Desta vez, quem chia sou eu, ao rodar sobre os calcanhares, à procura da Edwina. *Esta mulher nunca dorme? Porque está escondida no beco nas traseiras da minha casa?*

Não está ninguém no jardim comigo, nem visível pela frincha do portão.

— Olá? — diz a voz, e é então que percebo que vem de detrás da vedação que separa o meu jardim do da Nawar.

— Nawar! — digo num arquejo. — O que está a fazer aqui às escuras?

— A beber — responde, sorumbaticamente. — Olá, Sally.

Fecho o portão e caminho até à vedação, sem saber se deva subir para um

dos suportes horizontais de forma a podermos ver-nos, mas decido que não. O mais certo é violar as restrições da Covid e não tenho a menor dúvida de que, ao fazê-lo, a Edwina iria aparecer.

— Sente-se bem? — Sinto um aperto no coração ao perceber como a voz dela soara fraca e desolada. — Foi... foi o seu marido?

— Não propriamente — diz, num tom factual. — Temos estado juntos, os quatro, todos os segundos, de todos os dias, nos últimos mil milhões de anos, e nem sequer posso ir à casa de banho sem ter pelo menos duas pessoas a falar comigo do outro lado da porta.

Encosto-me à cerca com um misto de alívio e desilusão, um sentimento de azedume na barriga ao perceber que, apesar de rezear uma resposta positiva, parte de mim também a desejava.

Ouço-a a beber um trago do outro lado da cerca.

Quase rio, depois quase choro conforme ela prossegue naquele mesmo tom monótono, como se toda a minha calma cuidadosamente edificada não estivesse na iminência de ruir porque pensei que, por instantes, talvez outra pessoa compreendesse o que o confinamento fora para mim, afinal de contas.

— O meu pai está sozinho em Bedford, mas não o posso mandar para um lar porque estão todos cheios de Covid e fica longe de mais para lá ir de carro sem ter de passar a noite, o que não é permitido. E sei a sorte que tenho — está a dizer a Nawar —, mas o período de trabalho mais longo que consegui hoje foram sete minutos e vinte e três segundos.

Vou-lhe dizer que o Jim está morto. Que o matei.

Deixo a fantasia adejar pela minha mente — permito-me imaginar o alívio —, depois meto-a numa caixa e empurro-a para o fundo do intelecto.

— Posso ajudar em alguma coisa? — pergunto, em modo de piloto automático, e então percebo de repente que desejo muito que diga sim. Preciso de fazer algo positivo para contrabalançar tudo o que se relaciona com o Jim. Mas é mais do que isso. Para além dos meus filhos, não tenho importância para mais ninguém. Tenho de mudar isso. E embora duvide que possa ser muito útil para uma mulher como a Nawar, que tem amigos, família e uma carreira em consultoria ambiental, ser minimamente útil seria *muito mais do que nada*.

«Um pouco é muito mais do que nada» era um dos adágios preferidos da avó. Esquecera-o, mas talvez seja o momento de o pôr em prática.

A Nawar suspira do outro lado da vedação.

— É impossível sem violar as regras e, se a Edwina me repreender outra vez, mato-a, pelo que, a menos que a sua proposta incluía escavar covas improvisadas...

— Nada de covas! — digo a guinchar. — Nada de matar!

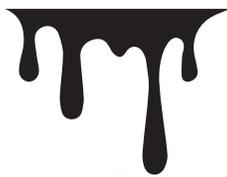
— Era de prever — chega-me a resposta desalentada.

— Se for visitar o seu pai, posso encobri-la perante a Edwina. Posso dizer-lhe que o carro está na oficina, depois dar a volta pelo beco, entrar em sua casa, acender as luzes e a televisão um pouco à noite e depois apagá-las antes de ir para a cama.

— Ela nunca acreditaria. Não escapa nada àquela mulher. — Dá outra golada. — Vim para aqui para ter cinco minutos sozinha, mas, quando me sentei, ouvi uma série de coisas a ranger ao serem esmagadas e agora sinto baba a passar através das cuecas e penso que cometi um massacre de caracóis com o traseiro. — Funga sonoramente. — Se sentar-me às escuras ao fundo do jardim vai ser o meu mecanismo para lidar com a pandemia, precisarei de muito mais *Baileys*.

— Eu também — digo, taciturna, tentando não desesperar com o facto de, à sua maneira, a Nawar estar a revelar-se um obstáculo tão difícil de ultrapassar como a Edwina.

Afinal, parece que terei de enterrar o Jim no jardim, penso soturnamente, ao subir as escadas mais tarde, e tropeço no último degrau, como se a casa estivesse determinada a tornar-se um empecilho.



15.

DE PERNAS PARA O AR

A quatro quarteirões de distância, Ruth respirou fundo quando chegou ao fundo das escadas, depois atravessou a cozinha o mais depressa que conseguiu e fazendo o menor barulho possível. Evitara uma catástrofe a meio da tarde por causa de um pequeno cesto de peras farinhentas graças a cerveja fresca e a uma dose de banana frita. Agora foi buscar alho, cebolas, cravo-da-índia, açúcar mascavado, pimentão doce, tomilho, canela, casca de laranja e o monte de outros ingredientes que eram necessários para confeccionar o guisado da mãe. Geralmente, era uma receita para «ocasiões especiais», embora aos fins de semana houvesse sempre uma «refeição em família» do lado dela ou do dele: um pequeno momento de felicidade para a semana — e uma forma de o animar quando tinha pouco trabalho.

Pouco depois, os vidros da cozinha estavam alegremente embaciados com o vapor enquanto as especiarias crepitavam em azeite, o rádio a cantarolar em segundo plano, sintonizado em segurança na estação predileta de Lionel.

A atmosfera tornou-se fragrante e quente, reconfortante como um cobertor usado. Na parede, uma impressão da pintura favorita da mãe — o azul-claro de uma queda de água na selva em contraste com o ocre ardente de uma árvore extravagante — observava-a. Quando era pequena, costumavam fazer um jogo a ver quem descobria colibris escondidos nas folhas e ramos, mas numa impressão era impossível perceber o que era uma ave e o que era simplesmente o granulado da tinta a óleo.

— *Mwen kontan* — dizia a mãe sempre que olhava para a pintura. *Sou feliz.*

— Sou feliz — murmurou Ruth sem esperança.

Uma vibração na coxa avisou-a para tirar o telemóvel do bolso. Olhando prudentemente para trás, para ter a certeza de que a cozinha e o corredor

estavam desertos e de que a televisão continuava aos berros na sala de estar, inseriu o PIN e abriu a mensagem.

Com um palavrão quando um tacho a ferver salpicou o fogão, prendeu o telemóvel entre o ouvido e o ombro e esticou-se para desligar o botão.

Uma mão no ombro, uma respiração quente no cabelo.

Deu um salto e deixou cair a tampa do tacho em cima do fogão com estardalhaço. O telefone foi-lhe arrancado e ficou com uns fios de cabelo presos no relógio de Lionel, fazendo-a encolher-se com um gritinho e levantar a mão para a pressionar sobre a pele dorida atrás da orelha.

— Ups — disse Lionel. — Desculpa. Pareceu-me que ias sofrer um acidente. Não sabia que querias o telefone dentro do tacho.

— Toma — disse ela, limpando as mãos a um pano da louça e depois levando a mão ao telemóvel. — Vou guardá-lo.

Lionel soergueu uma sobancelha quando uma vozinha no telefone disse para carregar no um para ouvir outra vez.

— E doze mensagens de texto. Isso é que é popularidade, ah? — Tirou o seu próprio telemóvel com ostentação e olhou para ele. — Nenhuma novidade sobre quando poderemos realizar o funeral do meu irmão e quem não poderá ir por causa das restrições, por isso, como é que o teu telefone está a rebentar pelas costuras como o de uma adolescente?

Ela encolheu os ombros, tentou recuperar o telemóvel outra vez, mas Lionel virou-se para o outro lado, encostou-se à mesa e começou a percorrer as mensagens de texto dela enquanto, em fundo, o tema *Put Your Records On*, da Corinne Bailey Rae, dava lugar ao *Never as Good as the First Time*, da Sade.

— São só umas amigas. Tu sabes, a malta de enfermagem do hospital — disse ela, tentando parecer despreocupada. — Vá lá. Pousa isso e dá-me um beijo — disse, tentando persuadi-lo, mas Lionel levantou uma mão para que não se aproximasse.

— Malta da enfermagem, é? — Semicerrou os olhos. — Referes-te àquela gaja de cabelos ruivos com uma cara que mais parece um cu depois de levar umas palmadas? Não é aquele consultor vigoroso, pois não?

— Porque é que ainda teria o número dele? — perguntou ela enquanto tentava tirar-lhe o telefone da mão com delicadeza. — Vá lá. Devolve-me o telefone. São só conversas de raparigas. Tu sabes, o que os nossos filhos andam a fazer, cenas sobre a menopausa.

Ao ouvir isto, enrugou o nariz. Passando uma mão à volta da cintura dela como se fosse puxá-la para si, pousou o telefone na mesa.

Depois, num movimento brusco, agarrou-o outra vez com um sorriso descarado e tocou duas vezes.

— Sempre quis participar em conversas de raparigas.

— Tem uma mensagem nova — anunciou o telefone. — Mensagem nova.

Recebida hoje às 16h15.

Ruth sentiu o coração a bater mais depressa até o sentir a bater nas orelhas.

— Sou eu outra vez. Olha, sei que sempre tencionaste voltar a trabalhar.

Pois bem, agora tens a oportunidade perfeita. Precisamos de ti e não acredito que sejas feliz sem fazer nada em casa, a assistir a tudo o que está a acontecer no noticiário. *Conheço-te*, Ruth. Nunca recusaste ajuda a ninguém... Apenas, não consigo perceber.

— Estás a ver? É só a Prudence. Tu lembras-te. A mãe dela é dominicana. Conheceu a minha mãe. Começámos a trabalhar ao mesmo tempo no hospital, pelo que será apenas ela a querer falar sobre os velhos tempos. Nada de entusiasmante. Escutarei o resto mais tarde. — Ruth tentou recuperar o telefone outra vez, mas Lionel abanou a cabeça e levantou-o, fora do alcance dela.

— O que se passa, Ruth? — perguntou o telefone, preocupado. — Nem parece teu. É o teu marido? É ele que não te deixa?

O sorriso eclipsou-se da cara de Lionel. Cerrou o punho da mão livre.

Já sabia que, de uma maneira ou de outra, o dia iria acabar mal, mas esperara o tipo de ferimentos que estão associados a deixar torrar o jantar ou dizer a coisa errada quando ele lhe deu as últimas notícias sobre os atrasos do funeral do irmão.

Agora, enquanto Lionel comprimia os lábios, sabia que nenhum azar do passado a preparara para o que viria a seguir. Não se atrevendo a recuar, Ruth deslizou um pé para trás do corpo, assentando devagar o peso no mesmo.

— Olha, desculpa. Se calhar estou a ser uma parva, mas... liga-me, está bem? Só para saber que estás bem. — Um aviso sonoro. — Prima um para ouvir outra vez — disse o telefone.

Lionel tocou no ecrã para o silenciar.

Ruth esperou que ele levantasse a cabeça, gritasse, investisse contra ela, mas ele ficou quieto, muito quieto.

A atmosfera na cozinha pulsou como o bater de um coração.

Ela contornou o lado mais afastado da mesa e correu para o átrio. Foi contra a parede, deu a volta ao balaústre e subiu as escadas a toda a brida. A sua única esperança era chegar à segurança da casa de banho, que era a única divisão cuja porta podia ser fechada à chave.

A cinco degraus do cimo das escadas, uma mão agarrou-lhe o fundo do casaco de malha. Atirando os braços para trás, deixou-o deslizar pelos ombros e depois agarrou-se ao pilar ao cimo das escadas para se impulsionar ao dobrar a esquina. Um punho acertou-lhe no meio das costas, tirando-lhe o ar dos pulmões e fazendo-a cair de cara nas escadas.

Bateu com o queixo na beira de um degrau, os dentes cortaram-lhe os lábios e a boca encheu-se de sangue. Sentiu uma dor atroz nas canelas e nos ombros ao embaterem nas beiras dos degraus mais baixos.

Uma mão agarrou-lhe o tornozelo no preciso momento em que a sua se agarrou freneticamente ao fundo do pilar da escada. Esperneou selvaticamente com a esperança de ganhar tempo suficiente para rastejar por aqueles derradeiros degraus e esgueirar-se para a casa de banho.

Encontrou um ponto de apoio com o pé, a superfície irregular em que embateu a amarrotar-se debaixo do chinelo. Um uivo de dor ecoou pelo átrio. A mão afastou-se do seu tornozelo, depois um peso colidiu com a balaustrada, fazendo a escadaria estremecer. Ouviu-se algo a estalar, um arquejo de surpresa, depois um silêncio ansioso.

Então, um enorme estrondo no chão lá em baixo fez vibrar toda a casa. A caixa de correio abriu e fechou com um estalido. Algo oscilou de forma agourenta e caiu com estrondo.

Por instantes, Ruth ficou sem reação, à espera de que o perigo se agigantasse outra vez sobre ela, mas tal não aconteceu.

Por fim, virou-se para espreitar pelo meio dos balaústres.

Lionel estava deitado, amarfanhado, no chão do átrio, as pernas incongruamente — ridiculamente — esticadas pela parede acima como se tivesse tentado fazer o pino para trás.

Tinha a cabeça virada para o lado, pousada a um ângulo impossível. Os olhos dele fitavam os seus.

Sabia que deveria pôr-se de pé, custasse o que custasse, e ir para a casa de banho enquanto podia, mas tinha o corpo bloqueado de dor e medo.

Lionel continuou a fitá-la, mas não ficaria atordoado durante muito mais tempo. Em breve estaria a pé outra vez. Ela tinha de se proteger atrás de uma porta trancada antes que aquela imobilidade desse lugar à fúria.

Esperou pelo piscar de olhos que revelaria estar a voltar a si, mas ele continuou a fitá-la sem se mexer.

Aos poucos, a respiração dela acalmou e os músculos relaxaram enquanto Lionel continuou a fitá-la, sem pestanejar.

Quando percebeu que tinha os olhos semicerrados porque estava a escurecer, pensou se estaria a aproximar-se uma tempestade. A atmosfera parecia adequada a isso — latejava com a pressão.

Quando anoiteceu, aceitou por fim que não tinha de esperar mais.

O seu corpo não parecia o mesmo quando desceu as escadas como que a pairar e se ajoelhou ao lado do marido para lhe fechar os olhos com delicadeza.



16.

A ESPERANÇA E AS ERVAS DANINHAS SEMPRE CRESCEM

Abro os olhos de repente, bem cedo na manhã seguinte, a mente já cheia de medo por causa das mensagens que poderão estar a acumular-se no telefone do Jim. Mesmo que haja tempo até alguém o contactar em pessoa, quando tentar explicar o desaparecimento dele depois de me livrar do corpo, surgirão dúvidas sobre quando ele deveras desapareceu a menos que resolva este problema *agora*.

Arrasto-me para fora da cama, visto a primeira roupa que me aparece e desço as escadas com o passo pouco firme, determinada a dedicar-me à tarefa e só parar quando estiver concluída, ainda que para isso tenha de abrir o Jim-embrulho.

Quando chego ao átrio, o meu telemóvel zumba e depois emite um sinal sonoro com a música do dia do Charlie — *All by Myself* —, e percebo que posso tentar uma última coisa. O Jim adorava ter o telemóvel em silêncio, pelo que talvez, afinal, não esteja desligado ou sem bateria. Se assim for, só preciso de estar bem perto dele para ouvir as vibrações, pelo que, se for pé ante pé...

Começo pela mesa do vestíbulo, premindo o contacto do Jim no meu telefone e agachando-me enquanto ouço com atenção.

Nada. Passo para a sala de estar e ponho-me à escuta à beira da estante. A chamada vai parar ao correio de voz, pelo que marco novamente o número. Não está à beira da televisão. Também não está em nenhum dos lados do sofá, mas, quando me aproximo do cadeirão, ouço um som indistinto, mesmo antes de o correio de voz entrar outra vez em ação.

Desta vez estou preparada, ajoelhada à beira do cadeirão, quando carrego na tecla para remarcar. Reteso todos os músculos do corpo enquanto espero...

E é então que sinto — algo a mexer-se no cadeirão. Não está debaixo das almofadas e tateio debaixo do assento sem ter sorte, mas quando procuro na lateral...

Pouco depois estou a segurar o telefone ao alto como se fosse a espada mágica no fim de uma busca mítica. Sinto-me triunfante. Vitoriosa. Ridícula.

Baixo o braço quando reparo que a bateria está a dar as últimas. Corro para a cozinha e ligo o carregador antes que fique sem bateria. Enquanto espero que carregue, faço chá, e depois escrevo com cuidado o mesmo PIN que o Jim programou no meu telemóvel — não por não saber como o fazer eu mesma, mas para ele poder verificar as minhas mensagens de texto sempre que queria ou atender as minhas chamadas. Ele diria que era porque eu parecera cansada ou tinha as mãos ocupadas, mas na realidade era só mais uma forma de desencorajar as outras pessoas, inclusive os nossos filhos, de me ligarem, pois nunca podiam saber quem iria atender.

Primo o último número e sorrio quando o ecrã de bloqueio dá lugar ao menu da página inicial.

— Esta é a paga por ser controlador — digo ao Jim-embrulho quando começo a consultar as mensagens de texto dele: só lixo, felizmente, mas agora lixo com o qual o telefone dele interagiu.

Não sei se deva sentir alívio ou infelicidade por ele não ter mensagens de amigos ou colegas, nem sequer dos filhos.

— Vai-se a ver e a tua vida foi ainda mais triste e insignificante do que a minha — digo ao embrulho. — Mesmo que não fale com a maioria dos meus amigos há...

Pego no bloco de notas e acrescento uma entrada em letra maiúscula na *Lista Para Ser Feliz* — *VOLTAR A MANTER O CONTACTO COM OS VELHOS AMIGOS*.

— Partindo do princípio de que querem retomar o contacto comigo — sussurro, depois recomponho-me. — Bem, se não quiserem, entro para um coro. Que diabos, *entro para um coro* de qualquer uma das formas.

Acrescento isso à lista e sinto outra vez um formigueiro no peito, conforme descongelo um pouco mais.

Depois de fazer uma lista de coros locais, saio para comprar provisões (vá-se lá saber como, acabou-se-me o bolo), WD-40, um produto contra caracóis e *Baileys*.

Ao dar de caras com uma única embalagem de farinha nas prateleiras do supermercado, faço um esforço para encarar o facto de lhe deitar a mão

antes de qualquer outra pessoa como uma vitória e não como um sinal de que o mundo está a acabar. Se estivesse, estariam resolvidos os meus problemas relacionados com o marido morto. Em vez disso, continua a existir teimosamente.

O Jim morreu há três dias e não avancei nada com a *Lista Para Me Livrar do Jim*, embora tenha colocado vistos na *Para Ser Feliz*. O progresso de hoje foi descobrir que nem sequer preciso de uma «máquina» de *karaoke*; como um crítico da *Amazon* extremamente útil explica: *O YouTube tem imensas músicas com as letras no ecrã para uma pessoa acompanhar a cantar*, e não me importo nada de fingir que utensílios de cozinha escolhidos ao acaso são um microfone.

Depois de escutar duas vezes *All by Myself*, acabo de arrumar as compras e de atualizar a *Lista Para Ser Feliz*. Saio para o jardim, atravesso o relvado e atiro o produto contra caracóis por cima da sebe, esperando que caia no pátio da Nawar e não em cima do canteiro de flores. Feita a boa ação, aplico WD-40 nas dobradiças do portão das traseiras, abrindo-o e fechando-o até deixar de fazer barulho, e repito o processo na aldraba e no ferrolho. Talvez a Nawar me consiga ouvir na mesma, se me esgueirar à meia-noite, mas pelo menos terei feito *algo* para tentar resolver o problema de como sair de casa sem ninguém dar por mim.

De seguida, dedico-me ao obstáculo mais difícil, que é a Edwina. O primeiro passo é fazer um bolo de limão.

Uma hora e meia mais tarde, embrulho uma grande fatia e levo-a ao outro lado da rua. Pouso-a no tapete da Edwina, recuo bastante e fico à espera de que a porta se abra.

— Obrigada pela sua ajuda a fazer o homem do gás e da luz pôr a máscara — digo-lhe, toda animada, quando ela espreita para mim.

A Edwina pega no *Tupperware* e limpa-o com o pano e o desinfetante pulverizado, que, pelos vistos, guarda ao lado da porta.

— Suponho que isto não seja uma violação das regras, mas é melhor esterilizar a caixa quando lha devolver — acrescenta, num tom inflexível. — Já que está aqui, aproveito a oportunidade para lhe dar a sua primeira lição de jardinagem. Hoje vou separar as minhas íris, pelo que lhe levarei mais tarde alguns bolbos, mas terei de me certificar de que os colocará num local adequado. Espero que os alimente e que não os deixe morrer.

Estremeço.

— Não seja uma fraca, Sally — diz a Edwina, causticamente. — Só tem de as pôr num lugar com bastante sol e boa drenagem do solo. E, por amor de Deus, regue-as na primeira semana. Atente nisto: tem de ser a primeira coisa logo de manhã, não a meio do dia, quando já estarão ressequidas.

— Num sítio com sol, solo com drenagem, regar de manhã — repito obsequiosamente e esboço um sorriso otimista.

— Está à espera que bata palmas? — Abana a cabeça. — Também lhe levarei sementes de aquilégia. Darão flor outra vez no ano que vem se as deixar produzir semente em vez de ficar impaciente quando as pétalas caírem e lhes arrancar as cabeças. — Franze o sobrolho quando faço uma careta ao ouvir a terminologia. É provável que o meu futuro próximo tenha muitas cabeças arrancadas, pois o desmembramento do Jim quase de certeza implicará a decapitação.

Qual será a sensação de lhe serrar o pescoço?

— Não me diga que não consegue lembrar-se disto, Sally. Não acredito — diz a Edwina, trazendo-me mordazmente de volta ao presente. — Embora seja óbvio que já é tarde para começar a exercitar esse cérebro mais vezes. Sempre achei que era bastante bom, não obstante a sua determinação em desperdiçá-lo. Espero não me ter enganado.

Há uma semana, teria baixado a cabeça, completamente infeliz, e passado as dez horas seguintes a pensar em todas as maneiras como sou estúpida e inútil. Mas as pessoas que têm uma decapitação no seu horizonte não podem amedrontar-se, pelo que levanto o queixo e endireito os ombros.

— Estou apenas a assimilar tudo — digo à Edwina.

Terei visto uma ponta de um sorriso? É quase mais desconcertante do que a ideia de separar a cabeça do Jim.

— Os seus canteiros agradecer-lhe-ão por isso. Agora, terá de comprar algumas coisas se efetivamente quer sujar as mãos.

Enquanto a Edwina debita uma lista de ferramentas e outros produtos de jardinagem, tento focar-me em como será quando os conselhos dela florescerem numa casa rodeada de flores. Talvez a poda e o corte ajudem a enterrar as memórias do que será preciso para retalhar o Jim.

Chegada a meia-noite, visto o casaco e ponho o chapéu do Jim, depois atravesso o jardim até ao portão das traseiras, que abro em silêncio. Faço um compasso de espera, à escuta, mas reina o silêncio no jardim da Nawar.

Esgueiro-me para o beco, estugo o passo até à esquina, onde me encosto à sebe e espreito para a rua. Consigo vislumbrar a casa da Edwina, que está completamente às escuras. Avanço com cuidado, os ramos a picar-me as costas.

As cortinas não se mexem. As luzes continuam apagadas.

Avanço mais, e mais um pouco... De seguida, recuo com firmeza até

deixar de ver a casa, depois rodo sobre os calcanhares, apavorada com a ideia de alguém estar atrás de mim, a ver este comportamento nada suspeito.

A rua está deserta.

Dobro a esquina precipitadamente e percorro o quarteirão seguinte, depois atravesso a rua e viro outra vez. Já percebi que é possível sair pelas traseiras de noite sem ser vista, agora que o portão está lubrificado, mas de que serve? Continuo sem ter um sítio onde depositar o Jim e nem um vislumbre de uma explicação para o seu desaparecimento, quando o Dia 4 dá lugar ao Dia 5.

Inclino a cabeça para trás e olho desesperadamente para o céu, onde não se vê nuvem alguma. As estrelas nadam na penumbra, fragilizadas pela ameaça de lágrimas sem esperança. Fungo e distraio-me à procura de Orion e do Arado. Gostaria de conhecer as outras constelações, mas de que serve aprendê-las se acabar na prisão? Duvido que seja possível ver muitas estrelas de uma janela que não podemos abrir.

Um baque surdo faz-me virar. De súbito, tomo consciência de que estou sozinha no meio da escuridão, a meio da noite. As casas deste lado da rua ficam recuadas por detrás de jardins estreitos, encobertas por cercas altas. O quarteirão é entrecortado por um caminho com uma faixa de relva mal-arranjada ao longo do passeio. Os candeeiros ficam todos do outro lado, orlando uma série de campos de jogos que dão para o parque. O brilho cor de laranja é suficiente para conseguir ver, mas duvido que alguém dentro de casa me consiga ver. Há pouco, essa ideia era reconfortante, mas agora percebo como estou isolada, sem ninguém para me ver ou ouvir se a pessoa errada aparecer ao dobrar da esquina...

Algo desliza pelo chão aqui perto. Viro-me para trás, tentando localizar a origem do barulho.

Escuto com atenção...

E ouço outra vez... e mais uma... e outra.

Sigo o barulho até uma cerca. Olho por cima do ombro e vejo um banco do outro lado da rua virado para os campos de jogos. De um lado há uma árvore inclinada.

Foi aqui que me sentei com o gato de olhos verdes na outra noite. A cerca defronte dá para o jardim onde vi a mulher com a cara cheia de hematomas.

Procuro o buraco na madeira e espreito, mas desta vez apenas vejo o extremo do jardim. Nenhuma mulher. E nenhuma explicação para o barulho.

Mas agora ouço outro barulho, um ruge-ruge, como alguém a amarrotar papel. Depois algo que parece ser um cesto a ser virado e o conteúdo a cair. Ouço gemidos, respirações e baques. Depois um barulho que parecem paus a

cair com estridor no chão e... alguém a acender um fósforo? Um suspiro. O lampejo de outro fósforo.

— Vá lá, vá lá — diz uma mulher a sussurrar, tensa e aterrorizada. — Só mais um pouco... — Depois a voz fica mais aguda com o pânico. — Não, não faça isso. Por favor, não.

Lembro-me do soluço que me atraiu para a cerca no outro dia. E da voz ameaçadora vinda da casa que fez a mulher ir a correr pelo caminho do jardim...

Não ficarei de braços cruzados. Não agora que finalmente sei como ripostar.

Fazer bolos para a Edwina e dizer umas palavras simpáticas à Nawar é muito bonito, mas tenho a possibilidade de ajudar alguém que precisa.

Trepa a cerca, passo uma perna pela parte de cima e depois viro-me de frente para o que me espera do outro lado.



17.

FRIGIDEIRA VAI AO LUME

Lá em baixo, no jardim, a mulher — alta, entroncada, talvez na casa dos cinquenta — olha para cima horrorizada, um fósforo queimado numa mão. Está sozinha — nenhum homem se agiganta sobre ela, de punho erguido. Não estava a suplicar a um marido ou namorado violento, mas ao fósforo que não conseguia acender a grande fogueira desesperançada que jaz aos seus pés. Vê-se alguma ignição na parte de cima, a reluzir com a humidade, depois um monte de folhas que evidentemente estão húmidas, depois detritos do jardim encharcados, um monte de bolas de folhas de jornal amarradas e um braço.

Sim, é decididamente um braço.

Demora algum tempo, mas depois percebo o que jaz no centro da assimétrica fogueira.

Espero que o espanto me atinja. O choque. O horror. O medo.

Mas, quando me viro para a mulher, que está a fitar-me como se o cérebro tivesse deixado de enviar comandos para o corpo, tudo o que sinto é reconhecimento. Não só pelos hematomas que vi na outra noite e pelo corpo na fogueira, mas porque a reconheço agora e me lembro de como se desviou dos adolescentes, apesar de ir carregada de compras: lembro-me de como parou para apanhar o lixo que deixaram na sebe antes de eu ter oportunidade de o fazer.

— Esse braço pertence à pessoa que te provocou os hematomas que vi no outro dia? — A minha voz soa com tanta normalidade que me assusta.

A mulher continua a olhar fixamente para mim. Por fim, vira-se para a fogueira e, para variar, fica a olhá-la fixamente.

— Sou um monstro — sussurra. — O que estou a fazer? Não... não posso...

Abana a cabeça desamparadamente, a respiração a ficar mais rápida ao levar as mãos à cara. — Porque não fui embora? — diz, ofegante. — Porque, simplesmente, não fui embora?

Se alguém me dissesse que isto aconteceria e me pedisse para adivinhar qual seria a minha reação, teria dito: «Chorar conforme toda a culpa, vergonha e horror que tinha reprimido de súbito vinham ao de cima, atirando-me ao chão sob o peso do que fizera.»

Porém, não é nada disso que acontece. Pelo contrário, passo a outra perna por cima da cerca e aterro sobre a relva.

A mulher levanta a cabeça e enrugam a cara de alívio.

— Não te faço mal — murmura, estendendo uma mão. — Não sou... Por favor, chama a polícia. Quero que chames a polícia. Não resistirei. Juro que esperarei aqui até chegarem, mas... — Soluça, as lágrimas a escorrer pela cara. — Mas, por favor, ficas comigo? Só até a polícia chegar.

— Se é isso que desejas, fá-lo-ei. — Ela abre a boca, mas eu antecipo-me. — Ou podemos ir para dentro para termos uma conversa primeiro. Se te sentares numa ponta da cozinha e eu na outra, e deixarmos a porta e as janelas abertas, não estaremos a violar as regras da Covid.

Ela limpa as lágrimas da cara, mas outras ocupam o seu lugar.

— Acreditarão em mim, não acreditarão? — Engole em seco. — Que foi um acidente. Nunca foi minha intenção... Ele ia a perseguir-me. Ia fazer-me... Ele ia...

Olho de forma contundente para a fogueira e, pouco depois, ela faz o mesmo.

— Oh — diz, brandamente.

— Isto não me parece um acidente — saliento.

— Porque fiz isto? — pergunta, o volume da voz a subir, em pânico. — Porque não chamei logo a polícia? Agora, nunca acreditarão em mim. Pensarão que foi de propósito. Vão...

— É por isso que temos de conversar lá dentro — interrompo-a, tão alto quanto me atrevo a fazer.

Até agora, não se acenderam luzes nas casas mais próximas, mas não tardarão se ela continuar a falar assim, e nem pensar que vou ficar por perto se isso acontecer, quando tenho o meu próprio cadáver para me preocupar.

— Porque farias isso? Porque não fugiste e foste chamar a polícia? Eu acabei... — Aponta para o braço de fora na fogueira.

Sei que a resposta sensata seria dizer que compreendo que ela agiu em

legítima defesa. Até poderia inventar uma história sobre uma amiga que é vítima de violência doméstica ou dizer-lhe a verdade sobre os meus pais. Porém, em vez disso, faço a coisa estúpida. A coisa irrefletida. E tudo porque ela apanhou um papel de rebuçado de uma sebe.

— É que... sabes... *eu* rebentei os miolos do meu marido com a caçarola da minha avó há três... — consulto o relógio — ... há quatro dias, por isso não te posso censurar, pois não?

Não estou mais perto de resolver a situação do Jim do que no início, mas talvez, apenas talvez, o ingrediente que falta não seja uma ideia genial.

Talvez seja uma parceira.



18.

PARCEIRAS NO CRIME

-Rebentaste os miolos do teu marido há... — repete a mulher, inexpressiva. — De propósito? — arqueja e recua, vacilante.
— É claro que não! — digo, com brusquidão. — Bem, não foi mais de propósito do que... — Aponto para o braço na fogueira.
— Estou a desidratá-lo em areia para gatos dentro de um encerado no chão da cozinha — diz a minha boca tagarela e estúpida. — Podes querer experimentar, porque essa fogueira não vai resultar com tantos líquidos. Além disso, os ossos e os dentes não queimarão convenientemente. Já para não falar de que o cheiro certamente levantará questões. Olha, temos de ter esta conversa dentro de casa, mas é melhor levá-lo — gesticulo para o braço — connosco. Imagina que uma raposa vem ao jardim enquanto estamos na cozinha.

A mulher balança sobre os pés.

— Não posso. Não sabes o que custou arrastá-lo até aqui.

— Oh, faço uma ideia.

Ela pestaneja, os olhos vidrados.

— Isto é uma loucura.

— Talvez, mas pelo menos agora podemos ser loucas juntas. Por favor, podemos ir para dentro antes que alguém nos ouça? — Ao dizer isto, ocorre-me um pensamento horrível. — És apenas tu aqui, certo? Não está mais ninguém em casa?

— Apenas eu e — gesticula para a fogueira — o Lionel.

— Bem, isso já é alguma coisa. — Agacho-me para poder agarrar bem o braço e depois puxo. A fogueira desaba e arrasto o cadáver para fora. Inclino a cabeça e inspeciono-o enquanto a mulher se abraça a si mesma.

— O que fui fazer? O que fui fazer? O que...

— Ele mede cerca de seis pés, certo?

— O quê? Porquê?

— Seis pés são basicamente dois metros. — Ponho-me de cócoras junto dos ombros do Lionel. — Se lhe agarrares os pés, podemos levá-lo para dentro e manter o distanciamento social. Não dele, é óbvio, mas acho que as pessoas que não estão a respirar não contam. Vamos lá.

A mulher agacha-se, agarra-lhe os tornozelos e depois estaca outra vez, o semblante a transparecer o horror e a indecisão.

Começo a caminhar e obrigo-a a cambalear para a frente. A força cinética e o desespero fazem-na acompanhar-me pelo caminho do jardim até à cozinha.

— A propósito, chamo-me Sally — digo, ofegante, debatendo-me com o peso morto.

— Sou a Ruth — responde, também ofegante.

Juntas, recuamos até ao balcão. Eu baixo os ombros do cadáver com um gemido de exaustão. A Ruth segue-me, com um esgar de dor, e larga os pés.

— Desculpa! — diz, arquejante, e tapa a boca com a mão.

— Acho que ele não sentiu — digo-lhe sarcasticamente enquanto ela cambaleia até uma cadeira. — Ponho uma chaleira ao lume? — Aproximo-me da banca e congratulo-me com uma lavagem de mãos aprovada pelo governo com sabão antibacteriano. — Acredita no que digo, se vais optar por chamar a polícia e ir para a prisão, mais vale comeres todos os bolos que tiveres em casa.

— Quanto mais tempo demorar, maior será a pena, não? Perceberão que tentei destruir as provas.

— Só se decidires chamar a polícia.

— Se...

— Tu é que estavas a tentar uma cremação informal, por isso não finjas que pelo menos uma parte de ti não pensou nisso.

— É errado — murmura. — Tenho de lhes dizer o que fiz e aceitar o castigo.

Com um soluço seco e desesperançado, levanta-se e cambaleia até ao telefone. Observo-a a levantá-lo do carregador e depois a fitá-lo, balouçando um pouco como se o chão já não fosse firme debaixo dos seus pés.

Aos poucos, a chaleira começa a ferver e ela continua sem marcar o número. Tiro canecas lavadas do escorredor de louça e depois abro portas de armários até encontrar uma embalagem de saquetas de chá. Quando o chá fica pronto, coloco uma caneca a fumar do meu lado da mesa e empurro a outra para a Ruth. Passado algum tempo, ela pousa o telefone no suporte.

Enquanto vou buscar o leite e procuro o açúcar, ela pega em pratos e numa embalagem de *Mr Kiplings*.

— Quem é para um homicídio é para um doce de Bakewell — digo enquanto ela rasga a embalagem.

A Ruth estaca, o envoltório de plástico a estalar quando ela cerra os punhos, depois rasga a embalagem com tanta violência que um doce cai em cima do balcão. Deitando o lixo fora, põe um doce em cada prato, depois faz um compasso de espera, a olhar para a torradeira, inexpressiva. Estou tão familiarizada com aquele olhar de desgaste e resignação que um golpe duplo de dor e compaixão me faz arquear os ombros. Ela é uma desconhecida, mas *conheço-a* e ela conhece-me. Neste momento, sinto-me mais próxima dela do que de qualquer outra pessoa no mundo.

Ela pestaneja e volta à realidade, o olhar a focar outra vez. Distribui os quatro doces restantes entre nós e coloca um prato na minha ponta da mesa antes de se sentar na cadeira na outra, aconchegando-se no grosso casaco de malha com a camisa por debaixo. As delicadas flores azuis sobre o algodão azul que espreitam por debaixo da lã têm manchas de lama ou sangue no colarinho.

— Pensei que ele me iria matar — diz ela.

Vejo os seus ombros subir com a respiração entrecortada, mas depois expira um forte sopro, demorado e arrepiante.

— Mas não podemos andar por aí a matar pessoas só para nos certificarmos de que elas não nos matam primeiro. É errado e mau e...

— A mim, parece-me que foi legítima defesa e isso não é errado *nem* mau. Não lamento estar viva nem que o meu marido nunca mais me possa magoar. Em relação ao castigo — digo, a voz de súbito frouxa —, já tive vinte e três anos dele. Chamava-se Jim.

— Dezasseis — sussurra a Ruth, os olhos a adejar para os meus e depois para o outro lado. — Não quero ir para a prisão. Como posso merecer isso, mesmo depois... — Junta as mãos à frente da boca como se fosse rezar.

— Tens filhos?

— Um filho. Tem 26 anos. — Um sorriso suaviza-lhe as feições. — Só tinha 10 quando o Lionel entrou para as nossas vidas. Pensei que nos saíra a sorte grande quando percebi que podíamos ser uma família. E foi bom, no início. Fomos muito felizes. — O seu tom é de desgosto amoroso e não de felicidade. — Depois ele teve um acidente profissional. Caiu de uma escada e deu cabo de um joelho. Não pôde trabalhar durante uns tempos e o dinheiro escasseou, depois começou a beber e a atazanar-me para lhe arranjar receitas de analgésicos mais fortes. Como sou enfermeira, pensou que poderia pedir um favor a um médico amigo, mas não é assim que funciona.

As lágrimas cobrem-lhe as pestanas.

— Foi a primeira vez que aconteceu. Pensei que fosse apenas das circunstâncias, do *stress*, porque ele mostrou-se arrependido. — Engole em seco. — Mas depois voltou a acontecer... uma vez, e outra, e eu apenas... não consegui deixar de acreditar que poderia voltar a ser o que era.

— E o teu filho?

Ela abana a cabeça.

— Não sabe. Certifiquei-me... — O seu olhar incide sobre os pés do Lionel, que estão a espreitar por debaixo do extremo mais afastado da mesa. — Daria tudo para que ele nunca viesse a saber. Não só do que fiz, mas porque eu... — Não termina a frase e tapa a boca com a mão trémula.

Deixo-a ficar nessa linha de pensamento, porque já sei qual será a lenta tomada de consciência que por aí vem, ao que se seguirá a determinação: não há qualquer volume de culpa, vergonha ou horror que não esteja disposta a suportar durante o resto da vida se isso significar que o filho não tem de ficar a saber. E é a única forma de assegurar que ele nunca saberá, porque, se ficar a saber do corpo que jaz a poucos metros, também terá de saber do resto, e nunca conseguirá deixar de tentar adivinhar o que correu mal e o que, resolutamente, optou por não ver.

A Ruth não pode querer isso para o filho, tal como eu não o quero para a Amy e para o Charlie.

— Quando chegou a hora «h», para mim, a única questão que se colocou foi assegurar-me de que nunca ninguém descobre — digo, obrigando-me a olhar a Ruth nos olhos. — E antes que digas que será ainda pior tentar e fracassar, não percebo como isso pode ser verdade no que aos filhos diz respeito.

A Ruth abana a cabeça desamparadamente.

— Nunca resultará. Como conseguiríamos escapar impunes, mesmo que quiséssemos?

Encolho os ombros.

— Ainda não sei porque ainda não descobri a solução. Sozinha não estou a conseguir, mas talvez... — Inspiro e depois prossigo, porque, a partir do momento em que revelei à Ruth o que aconteceu ao Jim, não adianta esconder nada. — Talvez seja aquele tipo de problema que não pode ser resolvido por uma pessoa sozinha.

A Ruth fecha os olhos com força.

— Mas isso é um crime de conspiração, é...

— Uma parceria.

Espero. Passado algum tempo, a Ruth foca o olhar em mim outra vez.

— Sei que não me conheces de lado nenhum, mas já nos vimos, caso contrário não estaríamos aqui sentadas. Ruth, tu és a única pessoa do mundo

a quem quereirei revelar algo sobre... sobre esta coisa que me aconteceu... esta coisa que fiz. Revelei-te porque *sabia* que compreenderias.

Sinto um calafrio e, de repente, sou eu quem está com dificuldade para conter as lágrimas.

— Por favor, Ruth. Tenho feito um enorme esforço, mas não encontro uma solução e preciso de alguém que me ajude. Sozinha não consigo. Estou cansada de estar sozinha.

Assusto-me quando algo me toca nos dedos. Olho para baixo e reparo que a Ruth empurrou para mim uma caixa de lenços de papel. Dou uma risadinha trémula e limpo a cara. Quando levanto outra vez a cabeça, ela está a olhar fixamente para mim.

— Não quero chamar a polícia — diz-me baixinho e a expressão que faz... Faço um esforço para não me desfazer em soluços perante a compaixão, a compreensão, o *saber*. Por muito diferentes que sejamos, também somos iguais. Sofremos as mesmas coisas. Estivemos à beira do mesmo abismo... e caímos nele. Não preciso de dizer uma única palavra para ela saber tudo o que realmente importa.

— Não farei isso ao meu filho — continua, vagarosamente, segura, delicada, porque compreende que algo mais despedaçar-me-á. — Não faço ideia de como nos possamos ajudar uma à outra, mas juntas talvez descubramos uma forma de proteger os nossos filhos. Quer mereçamos ou não ir para a prisão, eles não merecem que também lhes sejamos roubadas. — Ela leva a mão a um medalhão que traz à volta do pescoço e aperta-o com força. — A maldade é um problema moral, não um caso de polícia. Podemos encontrar uma forma de demonstrar os nossos remorsos e continuar a ser boas pessoas... não podemos?

— É claro que podemos. E somos. Isto não foi culpa nossa.

A Ruth abana a cabeça sem largar o medalhão.

— Quando isto acabar... se escaparmos... devemos arranjar uma forma de praticar o bem no mundo para fazer face ao mal. Teremos de nos assegurar de que não cairemos num...

— Não nos vamos transformar em assassinas em série, está bem? — digo-lhe com acrimónia. — Controla-te.

Isto desencadeia uma gargalhada da parte dela. Depois, faz outra vez uma cara séria.

— Se for preciso, prestaremos contas uma à outra — diz ela, em tom baixo, mas firme.

Concordo com a cabeça.

Suponho que deveria encarar isto como uma ameaça, ou pelo menos como um alerta, mas não o fiz. Estava demasiado agradecida por já não estar sozinha.



19.

O RELÓGIO NÃO PARA

Sempre que penso na Ruth, o mundo parece maior e mais alegre. É o Dia 5 e o relógio não para, mas de momento a esperança chega-me. A esperança e a companhia.

Decidimos que pareceria suspeito começarmos a trocar mensagens que nem loucas de um momento para o outro, pelo que, embora tenhamos trocado números, só voltaremos a comunicar quando nos «cruzarmos por acaso» durante o nosso exercício amanhã à noite.

Porém, basta para me ver a zumbir enquanto rego os bolbos e as sementes (de cujo nome me esqueci) recém-plantados que a Edwina me deu.

Quando a campainha anuncia um monte de embalagens que provocam uma agitação nas cortinas da Edwina, aceno-lhe e esboço um sorriso quase sincero quando ela abre a porta.

— São os meus acessórios de jardinagem! — digo, indicando os embrulhos. — Ah, e logo à tarde vou deixar pão de banana no seu tapete quando sair para fazer a minha hora de exercício, por isso esteja atenta.

A Edwina inclina a cabeça.

— Levo-lhe uma ervilha-de-cheiro quando sair para fazer as compras *semanais*.

Esboço um sorriso.

— Comecei a fazer uma lista de compras para evitar sair tantas vezes. Talvez. Bem, quando aprender a planear.

A Edwina comprime os lábios.

— Pelo menos está a fazer um esforço para evoluir — diz e fecha a porta.

A rir, recolho os meus embrulhos e levo tudo para a cozinha, onde ponho a tocar a música diária do Charlie, jurando a mim mesma que, assim que me

lembrar de uma desculpa que não pareça suspeita quando o Jim «desaparecer», começarei a telefonar outra vez ao meu filho. Já não ouço a voz dele há muito tempo, mas ainda não posso arriscar.

O tema *Blackbird* dos Beatles proporciona uma banda sonora melancólica enquanto desembalo as luvas de jardinagem, uma proteção para os joelhos, um sacho e uma tesoura de podar barata. A última caixa contém o meu vestido novo. Comprei-o com um sorriso de expectativa, mas, quando deixo o tecido sedoso passar pelas mãos, fico nauseada.

Da última vez que comprei um vestido novo, o Jim deixou-me uma pisadura a condizer com a cor.

Desde então, tentei evitar comprar roupa nova, mas então o meu casaco de malha ficou cheio de buracos e o Jim deu-me uma bofetada por «parecer uma sem-abrigo, como se eu não trabalhasse todos os malditos dias para te sustentar e aos ingratos dos teus fedelhos».

Dou um piparote na beira de uma lantejola. No que estava a pensar? O Jim vai...

Mas o Jim não vai fazer nada. Já não pode fazer.

Levanto-me devagar, viro-me para o cadáver-embrulho que está no chão e deixo o vestido desenrolar-se à minha frente. O reflexo na porta do forno é escuro e esbatido, mas aqui e além a luz incide nas lantejoulas, pequenos lampejos de claridade no mundo-sombra do vidro.

Dispo as calças e a blusa aqui mesmo na cozinha — os piscos que espriem se quiserem — e visto o vestido, deixando-o deslizar pelas ancas e depois cair. A Sally-reflexo está a sorrir quando olho para ela — com timidez, no início, mas depois rodopio e as lantejoulas reluzem, a saia roda e Sally sorri abertamente no vidro.

— Estás linda — digo-lhe. — A avó sempre disse que essa cor te fica muito bem.

Isto dá-me confiança para me acocorar e dar um empurrão no Jim-embrulho. Depois, respiro fundo, encosto a mão à superfície áspera e exerço pressão. Ao tentar analisar a sensação, sinto náuseas, mas insisto. É só a areia para gatos, o arroz e o sal, ou ele está menos sólido e mais parecido com sopa com ossos?

Depois, tenho de ir ao jardim inspirar profundamente. Nem pensar em abrir o embrulho, nem para poder relatar à Ruth os progressos da desidratação. O cheiro pestilento do vinagre, associado à areia para gatos e ao bicarbonato de sódio, impede que se sinta o cheiro do cadáver em decomposição, mas quem sabe durante quanto tempo mais durará. Outra coisa que convém não investigar no *Google*.

Estou prestes a vestir a roupa de jardinagem quando o telefone toca. Fico a olhar para ele um bom bocado. As conversas com a Nawar do outro lado da cerca, e com a Edwina sobre jardinagem, são as únicas trocas de palavras que tive com outras pessoas além do Jim (e agora a Ruth) em meses.

Quando o telefone toca outra vez, atravesso a cozinha.

— Está lá? — sussurro.

— Sally! Está um pouco rouca. Está tudo bem? — *Quem é ele?* Sei que conheço esta voz, mas não estou a ver de quem seja.

— Hum — digo. — O chá entrou para o canal errado.

— Ah, isso é chato, mas ainda bem que está bem. O Jim está porreiro?

Desta vez, o meu «hum» é pronunciado num timbre bastante mais agudo.

— Acha que lhe posso dar uma palavrinha?

— Oh, hum... Ele está... Quer deixar recado?

— Só queria saber se está tudo bem. Fiquei um pouco preocupado quando ele não respondeu ao *e-mail* que lhe enviei na semana passada sobre um novo sistema que estamos a implementar.

Merda! MerdamerdamerdamerdaMERDA! Nem sequer me lembrei do *e-mail* dele. Presumi que, como está de licença, lhe telefonariam caso precisassem dele.

— Tentei ligar-lhe para o telemóvel, mas ninguém atendeu, por isso decidi verificar se vocês não foram apanhados pela temida moléstia — diz com uma casquinada que me faz ranger os dentes. — Adiante, caso a mensagem se tenha perdido, a questão é que estamos a definir uma escala de serviço para um elemento da equipa diferente ir ao escritório todas as semanas... apenas uma hora mais ou menos no início... para ver a correspondência, abrir a porta ao pessoal da manutenção... Só queria confirmar que o Jim está de acordo com o plano.

Fiquei a ver a preto e branco. Já ouvi pessoas a dizer isto, mas sempre pensei que era apenas uma forma de expressão. Porém, de repente, toda a cor desapareceu do mundo. Sinto uma pressão no peito, como se o ar fosse rarefeito.

— Qua... quando é a semana do Jim? Para eu tomar nota na agenda dele — digo com a voz aguda.

— Diz no *e-mail*. Se ele não o encontrar, diga-lhe para me mandar uma mensagem para eu o reencontrar. Não me lembro agora, assim de cabeça.

E se eu não conseguir aceder ao portátil dele? E se o *e-mail* dele estiver protegido por palavra-passe e ele não a tiver apontado em algum sítio óbvio?

— Então, chautinho — diz o chefe do Jim e o telefone emite o sinal de chamada terminada.

Fico por instantes com o telefone na mão, como que a oferecê-lo a alguém

invisível, depois pouso-o no carregador. Vou a correr para o estúdio no andar de cima e sento-me com o portátil do Jim à minha frente. O motor ressuscita com um zumbido baixo quando mexo no rato. Um pouco depois surge o ecrã de bloqueio — uma orla costeira com penhascos, gaivotas a esvoaçar e uma caixa ao centro para inserir o PIN.

Com tanto medo que até ouço um tinido nos ouvidos, escrevo cuidadosamente o PIN dos nossos telefones, fazendo figas para ele ter usado o mesmo. Se não usou, não sei o que farei. E se só tiver algumas tentativas antes de ficar bloqueado?

— Por favor, funciona. Por favor, funciona. Por favor, funciona — murmuro ao carregar na tecla Enter.

O ecrã fica negro.

Sinto um aperto na garganta como se fossem as mãos do Jim a apertá-la.

O ecrã do portátil é ativado. Logo de seguida é substituído por uma janela de *e-mail* e lá está: a caixa de entrada do Jim com sessão iniciada automaticamente para mim. Deito fora o ar dos pulmões e, por instantes, fico sem reação de alívio, depois endireito-me e concentro-me no portátil.

Desloco o ecrã para baixo, à procura da mensagem sobre a escala de serviço, clico na mesma para abrir, leio o texto à procura da data e depois debruço-me para o lado para procurar freneticamente no calendário de parede e ver quanto tempo me resta.

Não é na próxima semana. *Graças a Deus.*

Hoje é sexta-feira e tenho uma quinzena a contar de segunda-feira — mais de duas semanas inteiras —, embora não tenha nenhuma margem de manobra.

— Uma quinzena dá-me tempo para encontrar solução. Sem problema.

Afinal de contas, tenho duas semanas *e a Ruth.*

Redijo um *e-mail* sucinto a confirmar a concordância do Jim com a escala de serviço.

Depois, fico impressionada com a minha própria astúcia ao modificar a palavra-passe para o caso de o sistema terminar sessão.

— Olha só para ti a ver os *e-mails* mesmo *post-mortem!* — digo ao Jim-embrulho, ao passar pela cozinha para acrescentar um ponto à *Lista Para Me Livrar do Jim: Verificar o e-mail e o telemóvel todos os dias para ter a certeza de que ambos parecem ativos.* Faço uma nota mental para me assegurar de que a Ruth faz o mesmo, toda vaidosa com todas as dicas brilhantes que tenho para dar à minha nova parceira, embora ela seja uma enfermeira com uma carreira, qualificações e mais de uma década de experiência de vida, e eu não passe da pateta e insignificante Sally.

Dou um pulo, assustada, quando o meu telefone desata a tocar o *Mamma Mia* — o toque que a Amy definiu para si mesma da última vez que aqui esteve.

— Amy, querida! Como estás? É tão bom ouvir a tua voz.

— Bolas, mãe. Tu não implicas com o Charlie por ele nunca ligar. Porque tenho de ser a respeitadora? Como está o pai? — pergunta, sem qualquer indicação de interesse.

Mesmo assim, sinto um baque no peito. O Charlie e o Jim nunca se entenderam, mas a Amy sempre compreendeu o valor de fazer o papel de «menina bonita do papá» quando queria algo e de não levantar ondas para evitar problemas o resto do tempo. Enquanto o Charlie era demasiado direto para evitar gritarias e ser mandado de castigo para o quarto, a Amy tornava-se infantil quando estava sob *stress*. Então, o Jim passava-a para mim e piscava-se para assistir a uma partida de um desporto qualquer. Ela nunca foi próxima do pai e, desde que foi para a universidade, a maioria dos telefonemas deveram-se a questões financeiras, mas deve amá-lo à sua maneira. Sim, ele era rabugento e mandão, muitas vezes insociavelmente abespinhado e raramente afetuoso, mas nunca foi violento com ela ou com o Charlie — nem comigo à frente deles.

— Mãe? Ainda estás aí?

— Desculpa, querida. Estava só a ver um pisco. Comecei a fazer jardinagem e ele está todo contente com todas as minhocas que estou a desenterrar.

— Fazes bem. O que é que o pai tem feito?

— Pouca coisa. Há dias que praticamente não se mexe.

Sou mesmo um monstro. Apenas um monstro faria um gracejo sobre isto. Quero ficar horrorizada comigo mesma, mas parece-me que não consigo. Apenas sinto tristeza e cansaço. Estou cansada, muito cansada.

— Pensei que era ele quem ia às compras — diz a Amy, trazendo-me de volta para o presente com um sobressalto.

— Estava a ficar tão chateado por ter de usar máscara que achou que não se justificava a chatice. Sabes como ele pode ser. — Dou uma risadinha esbaforida.

— Queres passar-lhe o telefone para dizer olá?

Sinto um ardor no corpo todo pela relutância da voz dela. Depois a vergonha arrefece-me.

— Ele não pode vir agora ao telefone. Não está muito falador. Está um pouco em baixo.

Segue-se um breve compasso de espera.

— Queres que vá aí? — Quero acreditar, como sempre me forcei a

acreditar, que tudo o que a Amy sabe é que o casamento dos pais não é feliz. Este não pode ser o momento em que, por fim, ela abre os olhos.

— Queria muito ver-te, querida, mas por favor não me faças cair em tentação. Sabes quem é a Edwina, a vizinha da frente? Bem, ela está sempre a fiscalizar as regras da Covid e o teu pai está quase a perder a tramontana. É melhor não lhe darmos motivos para ele se passar dos carros. Então, e tu? Está tudo bem?

— Hum — diz ela. — Só quis saber como têm passado como uma boa filha e essas tretas. Adoro-te.

— Também te adoro — digo e ela desliga. Viro-me para o Alecrim e para a Petúnia. — Ela acobardou-se e não pediu dinheiro, não foi? Ela não quis... Açam que estava apenas a ser atenciosa?

As palavras soam sem substância e pouco convincentes, em vez de secas e sarcásticas, mas a última coisa de que preciso agora é que a minha filha assaz egocêntrica desenvolva uma súbita preocupação com o bem-estar dos pais.

— Oh, eles não sentirão a tua falta, querido — digo ao Jim. — Ou melhor, vão reparar que não estás aqui. Eventualmente. Mas sentir a tua falta... nem por isso. Mas sentiriam a minha falta.

Mas será que sentiriam a minha falta se acabasse na prisão por matar o pai deles, ou isso é apenas outra mentira? Talvez me odiassem.

Não posso permitir que isso aconteça.

Pego na *Lista Para Me Livrar do Jim*, acrescento a data em que o esperam no escritório e depois escrevo DATA FINAL por cima e desenho um círculo a vermelho.



20.

EXPERIÊNCIAS EM FRACASSO

A cerca de um quilómetro e meio, Samira e Leila estavam igualmente sem saber como se livrarem do corpo de Yafir, quanto mais como explicar o seu desaparecimento.

— Uma represa ou um lago? — propôs Leila. — Um rio, se lhe colocarmos pesos?

Samira abanou a cabeça.

— Com as mudanças climáticas e secas frequentes, o corpo poderia ser descoberto.

— Minas abandonadas, poços, abrigos subterrâneos? — Leila tomou nota de todas estas opções. — Conseguiremos dissolvê-lo em ácido?

— Mas onde o faríamos?

— Na banheira? — conjecturou Leila.

— Ainda morríamos com os vapores. E destruiríamos a superfície, o que serviria de prova.

A campainha tocou e, logo de seguida, o telefone. Samira correu pelo corredor enquanto Leila levantou o auscultador. Desde que tinham espalhado a notícia de que Yafir estava em «autoisolamento na garagem», todos os membros da alargada rede familiar as tinham contactado para manifestar a sua solidariedade e dar apoio. Ela queria estar grata por integrar uma comunidade e uma cultura onde, se alguma coisa, havia demasiadas ofertas de ajuda, mas a situação não o permitia.

— Não, por favor, não diga aos primos para virem cá, tia — ouviu-se a voz de Leila na cozinha. — É muito simpático da vossa parte, mas com a senhora e os outros presos no Paquistão, todos os que estão aqui têm de estar de saúde.

Samira passou as alças da máscara por detrás das orelhas, ajeitou o *hijab*, respirou fundo e abriu a porta. A prima em segundo grau do marido estava na rampa de acesso a alisar a *abaya* com a mão.

— Ah, estás com um ar tão cansado. Eu sabia que seria assim com tantas preocupações, por isso disse com os meus botões «Tenho de arranjar forma de ajudar» e depois a tia do Yafir telefonou e disse-me «A Samira é uma boa esposa, boa cozinheira, mas o *aloo gosht* dela não é lá grande coisa», e então soube o que tinha de fazer. — Apontou para um tacho ao lado da porta. — Sei que é uma insignificância, mas com o marido doente — ao dizer isto, a prima inclinou-se para o lado para espreitar pelo corredor — e todos os irmãos dele e o pobre pai no Paquistão, disse com os meus botões que uma boa refeição... uma refeição terapêutica... só podia ajudar e então poderia dizer a mim mesma que não vos esqueci quando estavam a precisar. Também trouxe paracetamol — apontou para um pequeno saco de papel ao lado do tacho —, porque esgotou nas farmácias.

— É muito atencioso...

— Pobre Yafir. O pai tão doente e agora ele. Tantas preocupações quando há tão pouco que possamos fazer. Tens de nos dizer se precisares de alguma coisa. De compras ou alguém para a ajudar a tratar do Yafir.

— Tens de me desculpar por não agradecer de forma conveniente. Ainda não tenho sintomas — ao ouvir isto, a prima de Yafir recuou um passo —, mas não suporto a ideia de agradecer a tua simpatia correndo o menor risco. — Baixando a cabeça num gesto de agradecimento, Samira disse as palavras de despedida e fechou a porta.

Quando se apressou a ir para a cozinha, deu com Leila a andar de um lado para o outro, a fazer um ocasional zumbido de concordância ou preocupação enquanto o telefone na sua mão cuspiu a fúria por causa das atuais restrições de viagens e advertências para ela obedecer aos conselhos do pai e do tio, ao mesmo tempo que emitia um aviso sonoro a indicar que estava pelo menos uma chamada em espera.

— Leila? Leila, vem ajudar-me com a tua irmã — disse Samira suficientemente alto para a voz do outro lado da linha se calar.

— Então, desculpe. A mãe precisa de mim — disse Leila para o telefone. — Muito obrigada por telefonar. — Carregou no botão para desligar no preciso instante em que se ouviu outra voz no atendedor. Baixou o volume até a mensagem ser um mero rumorejo. — Bem, já não falta tia nenhuma. — Afundou-se em frente à sua lista de possíveis locais para se livrarem do corpo.

Samira sentou-se na cadeira ao lado dela e tirou-lhe a esferográfica da mão.

— Não deverias estar a fazer isto. Deverias ir e...

— Mãe. — Leila esboçou um sorriso meigo. — Estamos nisto juntas. — Inclinou a cabeça para um lado. — Mas se a culpa for de mais e *tiveres* de me compensar de alguma forma, a minha vida seria muito melhor com um pouco de *paneer paratha* com *lassi* de cardamomo e morango a acompanhar.

— Lamento — sussurrou Samira, tapando a cara com as mãos. — Lamento muito. Nunca deveria ter permitido que descobrisses o que fiz. Que tipo de mãe...

— Eu é que desci as escadas depois de me dizeres para não o fazer.

— Não sabias o que irias encontrar. Não pensei que fosses tão rápida. — Samira pressionou os olhos com os dedos, desejando esquecer a visão da filha à porta da cozinha a ver o pai com convulsões no chão.

— Bem, nunca mais teremos de nos queixar por a Maryam devorar a comida, porque pelo menos ela não atrapalhou. — A vivacidade da voz de Leila era como a luz a refletir em vidros partidos.

— Porque *foi* que desceste as escadas? Sabias que se passava algo de errado.

— Pensei que as pancadas eram ele a bater-te.

Eram os pés de Yafir a bater no rodapé do balcão com convulsões até o veneno fazer com que deixasse de respirar.

— Não te podia deixar aqui em baixo sozinha. Outra vez, não. Pensei que chegara a hora de também ser corajosa.

Samira abraçou a filha. Enquanto as lágrimas de Leila eram absorvidas pelo tecido da camisa, desejou poder rezar a pedir perdão, mas considerou ser impossível quando tencionava fazer tudo o que estivesse ao seu alcance para sair impune do crime. Talvez mais tarde tivesse tempo para refletir e mostrar arrependimento. Por ora, tinha de se concentrar completamente em não ir para a prisão de forma a assegurar a segurança das filhas.

Quando olhara fixamente para o veneno de ratos na garagem, não lhe parecera que tomara uma decisão; simplesmente aceitara que não havia alternativa se queria que a filha vivesse. Conforme aceitara essa verdade incontornável, tudo se tornara claro e evidente, como se estivesse a observar o mundo através de um cristal. Lembrava-se de pensar que fora a brisa, não a sua própria vontade, que a soprara da garagem para a cozinha como uma daquelas sementes de dente-de-leão com as quais ensinara as filhas a pedir desejos, porque de que outra forma poderia ter-se sentido tão leve e etérea em vez de apavorada?

O ato de envenenar a comida de Yafir parecera uma travessura. Afinal de contas, como é que a dócil e pacífica Samira podia estar a fazer tal coisa mesmo debaixo do nariz das filhas, enquanto estas punham a mesa? Ela não

envenenaria o pai delas mesmo à sua frente. Não o deixaria morrer ali em casa. Não...

— Mãe, tens de respirar.

Leila estava a desenhar círculos tranquilizadores com a mão nas costas dela.

— Estou bem, estou bem. Não deverias estar a reconfortar-me...

— Deveria, sim — disse a sua desafiadora filha, os olhos cintilantes, com um sorriso rasgado. — Não será o momento de a minha tendência para ser uma radical da merda servir para alguma coisa positiva?

— Leila. — Samira suspirou em jeito de repreensão. — Atenção à linguagem.

— Dadas as circunstâncias, duvido que alguém se importe que utilize linguagem indecorosa. — As palavras foram animadas, mas o tom carregado de infelicidade. Contorceu as mãos sobre as pernas. — Eu... Tu ainda me amas, não amas? Mesmo agora que sabes que eu... que não irei casar. Pelo menos, não... não com alguém que a família aceitaria, porque não é só... Eu sou assim. Isto não vai mudar e...

Samira levou a mão à cara de Leila e virou-a até os seus olhares se cruzarem.

— Tu és a minha filha, que eu amo.

Leila inclinou a cabeça para a mão dela.

— Alguma vez foste feliz com o pai? — perguntou num sussurro.

Samira olhou para a porta que dava para a garagem onde o corpo de Yafir estava agora envolto em areia para gatos num encerado e metido num contentor de transporte marítimo esvaziado à pressa.

— Tinha esperança que sim. As nossas famílias disseram que combinávamos bem e eu acreditei que sabiam o que era melhor para mim. — Remexeu na sua pulseira preferida, aquela que Maryam fizera para ela no Dia da Mãe, na aula de artes plásticas, no ano anterior. — Não sei se alguém conhece de veras a pessoa com quem vai casar. Se fosse tão simples como a pessoa escolher sozinha, então porque há tantos pais divorciados entre as famílias brancas na tua escola? Quando pessoas mais velhas e sensatas nos amam...

— Como te poderiam amar se te obrigaram a casar com o pai?

— Não me obrigaram. Só pediram. Eu estava disposta a isso e concordei.

— Mas porquê? Não compreendo. — Leila passou os dedos pelos seus longos cabelos, prendeu-os num rabo de cavalo com um elástico e depois atirou-os furiosamente para trás do ombro. — Porque não foste embora? Se eles escolheram por ti, não seriam responsáveis quando as coisas deram para o torto e tu percebeste como ele é horrroso? Era.

Nunca revelaria à filha a vez em que procurara ajuda. Depois de os pais e o irmão morrerem, Yafir isolara-a do resto da sua própria família, pelo que recorrera à cunhada, que vivia mais perto e que sempre fora boa para ela. A língua que partilhavam não tinha palavras para descrever o que acontecia nas trevas do quarto de casal — talvez para que isso não fosse enunciado. Porém, em desespero, tentara explicar.

Em resposta, Kiran libertara a mão de Samira do seu braço como se esta fosse imunda. A expressão de repulsa no seu semblante cauterizara todas as camadas de pele de Samira até a vergonha lhe esturricar o coração, seguindo-a como uma segunda sombra; sempre que lhe ocorrera a ideia de procurar ajuda, baixara a cabeça e vira essa vergonha a seus pés.

— É obrigação da mulher ser amável e agradar ao marido — dissera Kiran. — Uma mulher que não sabe guardar os segredos do marido é uma vergonha para ele. Que direito tem ela de esperar benevolência e ser bem tratada se ela não os retribui?

Samira bradara aos quatro ventos que o Islão não exigia tal coisa, que essas eram diretivas dos homens, não de Deus. As Escrituras diziam que Deus não a colocaria perante provações maiores do que as suas forças, mas ela não via forma de fazer o marido tratá-la com a bondade que a sua religião preconizava. Assim, nunca mais falara da crueldade do marido. De que adiantava fazê-lo agora, depois de todos estes anos de dor, quando finalmente estava tudo acabado?

— O meu irmão morrera há pouco tempo e os meus pais estavam... estávamos todos destroçados — preferiu dizer a Leila. — Um casamento... o ponto de partida de uma nova família... era uma promessa de esperança de que em breve voltaria a haver felicidade. — A sua expressão tornou-se menos carregada ao olhar para a filha. — E tu és a minha felicidade. Tu e a tua irmã. Vocês eram a luz dos olhos dos vossos avós.

— Porque é que o pai não foi feliz? Foi por eu e a Maryam sermos raparigas? — Leila abanou a cabeça. — Não compreendo como foi capaz de te tratar assim. Não compreendo que sequer lhe passasse pela cabeça... — Não concluiu o raciocínio e engoliu em seco. — Estou sempre a pensar em quando costumávamos jogar Monopólio juntos e ríamos que nem perdidos, porque ele tentava surripiar dinheiro do banco, mas fazia de propósito para a Maryam o apanhar sempre e... Como é que alguém pode ser assim e depois fazer coisas destas? — Passou os dedos pela orla de uma contusão no braço da mãe.

Samira baixou a manga.

— Sei que me devo sentir mal por congeminarmos formas de me livrar do corpo dele, mas a verdade é que não sinto coisa alguma. — Leila virou os seus

olhos solenes e escuros para a mãe. — Passa-se algo de errado comigo? Foi por isso que ele...

Samira apertou a mão da filha.

— Não — disse. — Mais tarde haverá tempo para arrependimento e sentimento de culpa. Por agora, estamos a fazer o que é preciso fazer. Apenas lamento que estejas envolvida. — Por instantes, sentiu uma vaga de desespero, mas obrigou-se a superá-la.

Agora não podia fazer nada em relação ao envolvimento de Leila, mas pelo menos a filha não estava envolvida diretamente na morte. Apenas ajudara a carregar o pai da cozinha, depois levara Maryam a comprar o que era necessário para o embrulhar, deixando Samira a esfregar e esfregar e esfregar mais o chão, como se pudesse lavar com lixívia o pecado das mãos como as provas dos ladrilhos.

Leila estremeceu.

— Bem, estamos onde estamos, não é? Tu estás em segurança e eu também, e vamos manter assim as coisas, pelo que teremos de nos livrar do pai. — Bateu com a esferográfica na lista. — Se metêssemos o carro de marcha-atrás na garagem, poderíamos meter o contentor na bagageira e... Não, o sistema de navegação por satélite registaria a viagem e as coordenadas de GPS exatas de onde quer que o largássemos. Seria praticamente uma confissão assinada, caso encontrassem o corpo.

Samira respirou fundo e apertou os joelhos com as mãos.

— Teremos de o cortar. Depois poderemos livrar-nos dele. — Vomitou as palavras num jorro, com medo de conseguir ouvir o seu eco a pairar no ar. — Será mais fácil quando estiver... quando estiver cortado aos pedaços. — Fixou o olhar na marca que Maryam deixara na parede, na outra semana, com o seu equipamento de ginástica enlameado. Esfregara-o com sabão, com pulverizador e até tentara lixívia, mas ainda ali estava, embora o único vestígio de Yafir estivesse deitado no contentor na garagem.

— O problema — ouviu a própria voz dizer com o tom mais calmo e descontraído, como se estivesse a falar da sua marca de desinfetante preferida — é que, se pusermos os pedaços em lugares diferentes, estaremos a maximizar as probabilidades de os encontrarem, mas, se for um só sítio, terá de ter espaço suficiente e teremos de fazer várias deslocações se formos a pé, a menos que... E se utilizássemos umas das... — Estalou os dedos, frustrada. — Oh, como é que se chamam? Tu sabes, aquelas malas com rodinhas?

Leila engoliu em seco, o rosto contraído e um ar desgostoso.

— Não pareceria suspeito andar com uma mala na rua durante o confinamento? — Encolheu os ombros, desanimada. — Mas parece-me que, dadas as circunstâncias, faria sentido correr esse risco.



21.

VELHOS AMIGOS E NOVOS INIMIGOS

Duas horas mais tarde, sem que tivesse feito qualquer progresso na *Lista Para Me Livrar do Jim*, dedico-me à *Para Ser Feliz*. Deparo-me com o ponto *VOLTAR A MANTER O CONTACTO COM OS VELHOS AMIGOS* e recuso-me a avançar.

Janey. É o que esta frase significa. Não os primos com os quais perdi o contacto. Não os elementos do meu antigo clube de leitura ou as mães da escola da Amy e do Charlie. Podia telefonar a qualquer um deles neste preciso momento e, embora ficasse sentida se inventassem desculpas para desligar o telefone, isso não me deixaria de rastos. Se a Janey me desligasse o telefone ou eu lhe deixasse uma mensagem e ela não respondesse...

Pego no telemóvel, desloco a lista de contactos até ao «J» e clico na entrada da Janey.

— Meu Deus, quero ouvir a voz dela. — Baixo o dedo, mas este fica a pairar por cima do visor. — Acabaste de embrulhar o cadáver do teu marido. És capaz de telefonar à tua amiga de mais longa data — digo a mim mesma.

Em vez disso, sorvo um pouco de chá morno, depois vou buscar uma bolacha. O Alecrim e a Petúnia olham para mim com um ar reprovador.

Sento-me outra vez na cadeira, volto a pegar no telemóvel e fico ali sentada, sem conseguir carregar no botão para chamar.

O que direi? «Ei, Coragem. É a Coragem!» como se tivéssemos falado ontem e nada tivesse mudado entre nós em vez de tudo?

Fará diferença para a Janey o facto de eu querer falar? Fará diferença o facto de estar arrependida?

Tenho saudades de ouvir a sua voz e as suas histórias de fantasmas.

Tenho saudades das nossas piadas privadas. Tenho saudades das nossas memórias.

Tenho saudades dela como se tivesse perdido uma parte de mim mesma.

O telemóvel entra no modo de hibernação. Refletidos no visor negro, vejo os meus olhos cavos de angústia.

De repente, a cozinha fica silenciosa de mais, a casa grande de mais e pequena de mais ao mesmo tempo, deserta de mais e cheia de mais com o embrulho, o embrulho que é o Jim, o Jim que está morto e...

Pego no telefone do Jim, na minha bolsa e chaves, apresso-me a ir para o caminho da frente e fecho a porta ao horror, ao sofrimento.

O céu está salpicado de azul e cinzento, como os ovos das aves. Parece estranhamente delicado, como se as árvores o pudessem rasgar. Tenho o coração a bater desenfreadamente, mas sinto-o a acalmar quando uma brisa morna roça a minha cara como uma mão carinhosa. Paira no ar o cheiro a relva acabada de cortar e... *Ribena?*

Fecho os olhos e estou no pequeno jardim da avó, a enterrar o nariz na folhagem de trepadeiras magenta.

— Groselheira — sussurro, a palavra a adejar desde a minha memória.
— Groselha em flor.

Quase consigo sentir a textura das folhas. Abro os olhos, olho para o outro lado da rua e lá está, a florescer num sítio abrigado no jardim da frente da Edwina. Quando estou a sorrir do outro lado da rua, as cortinas da divisão da frente tremem. Não me consigo conter e aceno, depois sinto uma enorme desilusão quando ela abre a porta.

— Bom dia — diz, num tom que revolve as entranhas. — Está tudo bem? Reparei que saíu bastante cedo.

— Fui comprar comida — digo. E penso em acrescentar: *Já que o queijo e os bolos são tudo o que me impede de desatar aos gritos na rua, pensei que era o menor de dois males, mas preferia que eu fizesse isso?*, mas consigo controlar-me.

A Edwina olha-me com os olhos semicerrados.

— Se é o seu exercício diário, presumo que não vá acompanhar o Jim se ele decidir fazer outra caminhada à meia-noite — diz ela ao seu jeito brando, mas assustador. — Regras são regras. Se cinquenta anos de especialização em crimes reais me ensinaram alguma coisa, foi que as pessoas que se esgueiram durante a noite geralmente não vão fazer coisa boa.

— O que estaríamos a fazer? — pergunto, na tentativa de dizer uma piada, mas as palavras saem cáusticas e irónicas.

— Não precisa de falar nesse tom.

— O outro que tenho para oferecer é um grito primitivo, por isso a escolha é sua — digo sem me conseguir conter.

Depois viro-lhe costas e desço a rua com o passo pesado, furiosa comigo mesma, porque foi uma verdadeira estupidez permitir que as minhas frustrações e a tensão venham ao de cima precisamente quando, na verdade, a Edwina estava a ser tão útil, ainda que de forma não intencional.

Subo a rua a marchar e dobro a esquina. Tenho os pensamentos tão inundados de fúria e infelicidade que nem presto atenção ao caminho e é assim que dou por mim a aproximar-me da casa vinda da direção contrária apenas dez minutos depois. Quando as cortinas da Edwina se agitam assim que me vê, desisto. Subo a minha rampa de acesso com passos largos, entro em casa, atravesso o corredor e saio pela porta da cozinha para o jardim, onde olho furiosa para o céu, as mãos levantadas como garras.

A Edwina a revelar-se uma aspirante a Miss Marple é algo que a pode tornar um perigo ainda maior do que já é para os meus planos de não ir parar à prisão.

— Porque é que ela tinha de se interessar por crimes reais? — pergunto aos céus. — Porque não se interessa por carpintaria? Ou xadrez? Ou taxidermia?

Se ao menos pudesse colocar-lhe todas as minhas dúvidas sobre os erros forenses que sem dúvida estou a cometer. Aposto que saberia as respostas... Pisco os olhos e percebo que, sem querer, ela me proporcionou a forma perfeita de realizar uma investigação completamente inócua. Faço um sorriso rasgado.

Cinco minutos mais tarde, encomendei uma pilha de mistérios sobre assassínios com foco em informação forense: por fim, tenho uma forma de resolver alguns dos meus problemas de eliminação de cadáver sem precisar de fazer arriscadas pesquisas no Google.

Com um *podcast* sobre crimes reais como música de fundo, dedico-me a preparar o guisado da avó como forma de recompensa. Quando comprei os ingredientes, pensei que me trariam uma vaga de memórias boas de quando ensinei a receita à Amy e ao Charlie. Pelo contrário, caio outra vez na maior das tristezas. Que recordações terão da infância? Como era comum rir quando estávamos os três, mas como isso era raro quando passávamos a ser quatro; porque falávamos todos mais baixo e fazíamos menos barulho quando o Jim estava em casa?

Concentro-me outra vez no cozinhado e vejo a carne crua e ensanguentada na tábua de cortar precisamente quando o apresentador do *podcast* descreve um assassinio especialmente macabro. Começo a cortar cenouras, mas o gume da faca está rombo. Aplico o peso do corpo e a cenoura fragmenta-se com um ruído que me faz lembrar um osso a partir.

Quando ponho o chapéu e visto o casaco do Jim para o encontro com a Ruth à meia-noite, estou convencida de que ela mudou de ideias, mas ali está ela, à espera na penumbra debaixo do primeiro aglomerado de árvores na orla do boque. Pensei que começaríamos logo a falar sobre possíveis locais para largar os corpos, mas em vez disso falo-lhe sobre a Amy e o Charlie, e ela fala-me sobre o seu filho. Mesmo assim, parece-me um avanço — de várias formas.

Depois de anos a fazer os possíveis para esconder os meus *e-mails* e mensagens de texto do Jim, é muito estranho dar por mim avidamente a ler em voz alta a última mensagem da Amy a uma desconhecida, mas se calhar a questão é mesmo essa. Estou a decidir lê-la à Ruth — tal como ela decidiu ler o *e-mail* que o filho lhe enviou nessa manhã como moeda de troca.

A música do dia do Charlie é *Somewhere over the Rainbow*. Ouvimo-la sentadas em extremos opostos do tronco de uma árvore caída no bosque iluminado pelo luar, as caras cheias de lágrimas, mas com sorrisos luminosos.

— Estou sempre a dizer a mim mesma que o principal é que o Jim nunca bateu nos miúdos... ele sabia que era uma linha que não podia pisar..., mas não tinha de lhes bater para os magoar. — Respiro fundo e estremeço. — Jurara a mim mesma que não teria uma vida como a da minha mãe, que, se alguma vez tivesse filhos, seria diferente. Mas será o suficiente que eles nunca tenham visto o que fizemos? O Charlie sabe que há *algo* de errado. Da última vez que estive em casa, não se calou sobre como a nossa relação era pouco saudável, o que desencadeou a enorme discussão e ficou sem o ver durante meses, mesmo antes do confinamento.

— Não os conheço, mas um filho que te envia músicas e uma filha que telefona para saber como estás são filhos que foram bem educados e receberam todo o amor de que precisam. Não tens culpa se o pai não fez o mesmo. — A Ruth olha para o seu telemóvel. — O meu filho tornou-se um homem muito bom. Faz-me lembrar a minha mãe. — De súbito, o seu sorriso terno dá lugar à tristeza. — Se soubesse o que fiz...

— Assegurar-nos-emos de que nunca saberão — prometo-lhe. — E talvez um dia, quando isto acabar, possamos jantar todos juntos. Se quiseres — acrescento, timidamente.

A Ruth sorri.

— Gostaria. — Abana a cabeça. — Se descobirmos uma forma de resolver o problema, o que farás depois?

T tecnicamente, é agora o Dia 6 desde a morte do Jim — outro dia mais

perto da vez dele na escala de serviço. É claro que há tempo para resolver isto, mas quanto mais poderei continuar a dizer isso a mim mesma, quando não tenho soluções? Quando é que deixa de ser otimismo e passa a ser estupidez?

Encolho os ombros.

— Sempre quis ter um emprego, mas o Jim... — Abano a cabeça. — O que estive a *fazer* estes últimos anos com os miúdos na universidade?

— É preciso muito tempo livre para ponderar tudo o que fazemos e dizemos, para tentar adivinhar qual será a próxima coisa que será um problema antes de ele reparar. Há anos que também é o meu emprego a tempo inteiro.

Ficamos em silêncio um bom bocado.

— Ando a fazer jardinagem — acabo por dizer. — E fiz uma lista. Chamo-lhe «Lista Para Ser Feliz» e inclui tudo aquilo que vou fazer para tornar a minha vida melhor, mais relevante, mais preenchida. Nunca serei suficientemente inteligente ou qualificada para fazer algo importante como ser enfermeira, mas gostaria de ajudar as pessoas de alguma forma. Costumas pensar em voltar a trabalhar ou terias de receber nova formação? — Continuo a falar, antes que a Ruth possa dizer algo para me interromper com gentileza. — Neste momento, não deve ser fácil ser enfermeira, mas...

— Adoraria voltar a trabalhar no hospital — diz a Ruth, transparecendo a mágoa e a nostalgia na voz. — Pensei que seria uma paragem temporária, mas o Lionel ficava tão feliz quando eu estava mais em casa, e as coisas estavam tão bem entre nós, e... — Leva a mão ao medalhão velho e desgastado que traz ao pescoço num fino colar de ouro. — Quando resolvermos este problema, voltarei a trabalhar. É a primeira coisa que vou fazer.

— A enfermagem durante uma pandemia deve valer imensos pontos de penitência. — Estremeço conforme as palavras saem da minha boca. — A ideia era serem palavras encorajadoras.

A Ruth apenas ri.

— Não seria penitência. Seria uma alegria. Uma dádiva. E agora há tanta carência de enfermeiros que não pensaria estar a ser recompensada por... — Faz um gesto vago e então, de repente, a sua expressão muda. — E se levássemos os corpos de carro até à costa? Não é o que os *gangsters* fazem? Atiram os corpos ao mar com pesos amarrados?

Olho para ela a piscar os olhos, apanhada de surpresa pela mudança de tema. Depois, lembro-me de todas as vezes em que a minha mente saltou do terror para algo absolutamente vulgar: sinto um estranho alívio ao perceber que, também isto, é normal em alguém na nossa situação.

— O problema é o que diríamos se fôssemos mandadas parar pela polícia para nos perguntar onde íamos no confinamento, já para não dizer que isso

não ajudaria a explicar o desaparecimento deles. Talvez haja um rio que não fique muito longe e onde possamos simular um acidente de pesca?

— O meu marido nunca pescou na vida.

Arranco um fragmento de madeira solto do nosso banco improvisado e abano a cabeça.

— De qualquer forma, não é adequado. Os rios podem ser dragados e isso não terminaria bem, pois as pessoas não costumam embrulhar-se acidentalmente em encerados cheios de areia para gatos.

— E se dissermos que eles foram para aí e escondermos os corpos noutra sítio? Com certeza, se contarmos a mesma história, isso terá o seu peso.

— Só que, mais cedo ou mais tarde, a polícia iria seguir o sinal de satélite dos telemóveis deles. Mesmo que os larguemos na margem do rio, isso levantará a questão de porque estão ali e não junto dos corpos. Considerando que geralmente o culpado é o cônjuge quando alguém desaparece ou morre, investigarão as nossas casas e de certeza que encontrarão algo, por muito bem que as limpemos.

Fico em silêncio, fazendo os possíveis para ter pensamentos positivos. Quando olho para a Ruth, vejo-a a afagar o medalhão com uma expressão agoniada.

— É preciso rever tudo outra vez? — pergunto com delicadeza.

A Ruth abana a cabeça, mas abraça o corpo com o braço livre.

— É tarde de mais para irmos à polícia — relembro-lhe, tentando manter um tom suave e tranquilizador. — Nesta fase, não acreditarão que foi legítima defesa. E o mundo não será um lugar melhor... certamente não para os nossos filhos... se passarmos as duas últimas décadas na prisão quando poderíamos estar a viver as nossas vidas a praticar o bem e a ajudar os nossos filhos a lidar com o desaparecimento dos pais.

É a terceira vez que passamos por isto, mas, em vez de ser enervante, acho que é relaxante. Sempre que a reconforto, isso reforça a minha determinação.

A Ruth consulta o relógio.

— É melhor irmos dormir — diz, apaticamente, pondo-se de pé e sacudindo as calças. — Posso ligar-te de manhã? — pergunta enquanto caminhamos pelo bosque para a rua. — Parece que falta uma eternidade até ser amanhã à noite...

— Adoraria.

Trocamos um sorriso tímido ao sairmos de debaixo da sombra das árvores para o brilho cor de laranja da rua deserta.

— Pensando bem, não me deverias ligar. É melhor usares o telefone do Lionel e ligares para o do Jim. Assim, podemos construir um quadro em que

os nossos maridos se conheceram primeiro. Parecerá muito menos suspeito para os nossos álibis.

A Ruth assente solenemente com a cabeça.

— Graças a Deus uma de nós consegue ser inteligente com os detalhes. Fiz tudo o que disseste sobre o encerado e a areia para gatos, e foi horrível, mas pelo menos tenho a consolação de que o corpo não começará a deitar cheiro. Gostaria de me lembrar de algo útil como forma de retribuir. O melhor de que me consigo lembrar é que o meu primo tem uma carrinha grande. — Faz um compasso de espera de cenho franzido. — Também tem um triturador de madeira.

Um instante mais tarde arregala os olhos, horrorizada, ao compreender o que acabou de dizer.

— Vou parar ao inferno — diz, para mim, para a rua, para o universo. — Tenho a certeza absoluta de que vou parar ao inferno. Se é que *há* um inferno. E, se não há, reencarnarei sob a forma de algo horrível, como um *poodle*. Ou um daqueles gatos sem pelo. Ou uma mosca varejeira. Provavelmente mereço ser uma mosca varejeira. «Sê uma boa pessoa», disse a minha mãe e agora, para além de ser uma assassina, também estou a tentar escapar impune do crime.

— Haveremos de descobrir uma solução, depois poderás reequilibrar a balança cósmica a ajudar as vítimas da praga.

Estou à espera de uma ténue censura quando ela para e fica a olhar para mim, mas em vez disso tem uma expressão de benevolência.

— Posso mudar de ideias em relação a confessar à polícia, mas nunca revelarei os teus segredos a ninguém — diz, com solenidade. — A minha mãe foi a melhor pessoa que jamais conheci e, embora aquilo em que me tornei... aquilo que fiz... a levasse ao desespero, perdoar-me-ia. «Se não consegues ter fé, mostra consciência», foi a última coisa que me disse.

Ainda estou atrapalhada, sem saber o que dizer, quando um barulho estranho — um rugido que vai aumentando de intensidade, pontuado por estalidos agudos — nos leva a virar-nos para trás.

— Falámos muito alto? — Sussurro enquanto o barulho se aproxima e um vulto alto e esguio dobra a esquina.



22.

FELIZES, SEGUIMOS EM FRENTE

Ovulto caminha resolutamente pela estrada, com botas de tacão alto a arrastar uma mala de rodinhas. Embora tenha a cabeça baixada, por debaixo do *hijab* cuidadosamente preso consigo vislumbrar que tem os lábios contraídos, formando uma linha de determinação. Quando passa por debaixo de um candeeiro, percebo que é uma adolescente.

A rapariga levanta a cabeça, arregala os olhos quando nos vê e hesita. Respira fundo e enche-se de coragem para continuar a caminhar, mas, quando dá um passo em frente, fica com o tacão preso num buraco, o que a obriga a cambalear para o lado e a inclinar a mala. Uma roda fica presa numa grade e o puxão faz a rapariga largar a pega ao esparramar-se no asfalto.

Eu e a Ruth corremos para ela.

— Estás bem? — pergunta a Ruth, caminhando mais devagar quando a rapariga se senta com um gemido mais de frustração do que de dor.

— Excelente — diz, com rigidez, ao inspecionar as palmas das mãos.

— Tenho gel para as mãos — diz a Ruth, procurando nos bolsos.

— Também tenho, mas acha que deva? Vai arder bastante.

— Mas assim não infeciona. Ordem da enfermeira — diz a Ruth, com delicadeza, mas resoluta.

A rapariga suspira, mas cumpre a ordem. Eu baixo-me para inspecionar a mala, mas, quando tento libertar a roda, a rapariga levanta-se de um pulo com uma expressão apavorada.

— Está tudo bem — diz ela, apressando-se a agarrar outra vez a pega. — Cá me arranjarei. Não quero violar o distanciamento social por causa de uma mala velha.

Levanto as mãos e afasto-me.

— Se te preocupam as restrições por causa da Covid, porque andas na rua com uma mala a meio da noite? Não vais viajar e é ilegal passar a noite em casa alheia, a menos que... Estás metida em algum sarilho?

A rapariga esbugalha os olhos.

— Está tudo bem! — diz, a voz de repente tensa e aguda. — É só que... — pestaneja depressa. — Fui buscar uns livros — diz. — A minha tia deixou uns livros para mim ao fundo do jardim e eu fui buscá-los para ter algo novo para ler. Posso fazer uma hora de exercício, por isso está tudo bem, dentro das regras, não há nada para ver aqui, por isso... pois.

Entreolhamo-nos.

— Tenho de ir. A minha hora de exercício está quase a terminar — diz a rapariga com vivacidade — e prometi à minha irmã...

De repente, reconheço-a: é a rapariga das botas roxas e do *hijab* que vi na loja de artigos de bricolage. Aquela que tinha uma irmã mais nova — e um carrinho com artigos de forma desconcertante parecidos com os meus.

— Como está o teu gato? — deixo escapar, com a sensação de que tenho de a demorar, mas sem perceber bem porquê.

— Que gato? — pergunta a rapariga, completamente inexpressiva.

— Vimo-nos no outro dia na loja de bricolage. Estavas a comprar um monte de areia para gatos.

A rapariga pestaneja outra vez depressa, como um computador a processar um comando. Engole em seco.

O meu olhar desliza para a mala.

A rapariga fica tensa, como se estivesse a preparar-se para desatar a correr, e sinto algo a adejar por mim, a sensação de que encontrei a peça que falta para completar o *puzzle* «como me livrar do Jim». Aquilo que eu e a Ruth podemos conseguir juntas, utilizando a outra como álibi, continua a ser arriscado. Mas com um trio — três mulheres sem qualquer ligação que só se conheceram há pouco tempo —, a polícia nunca suspeitará de coisa alguma.

Além disso, se tivermos de escavar uma cova, será mais rápido e mais fácil com mais um par de mãos.

— Levas aí partes do corpo ou é apenas uma tentativa experimental?

A Ruth olha para mim embaçada.

— O que... Porque... Isso não... Isso é uma coisa mesmo estranha para se dizer — diz a rapariga com fragor. — Eu apenas... Não — diz ela, defendendo-se. — Não vou falar consigo, sua mulher esquisita. Como se eu levasse aqui partes de um corpo.

Quando tenta rir, apetece-me cantar de galo. Eu *sabia*.

Inclino a cabeça e olho outra vez para a mala com os olhos semicerrados.
— Não vejo sangue, pelo que deves ter embrulhado muito bem as partes, ou então andas por aí com umas pedras só para ver se alguém te interpela.

Ela faz uma expressão tensa.

— Vou visitar a minha tia.

— Não disseste que estavas a voltar de lá?

— A senhora está a confundir-me! — explode a rapariga enquanto tenta libertar a mala. Quando puxa com mais força, a roda liberta-se e ela cambaleia para trás. — Tenho de ir para casa. Deixe-me em paz ou grito.

— Se não gostas das minhas perguntas sobre gatos e o que levas na mala — digo eu, soerguendo uma sobranceira —, duvido que queiras chamar a atenção da polícia.

— Bem, e o que *vocês* estão a fazer aqui? — Olha para a Ruth. — E o que é que a sua amiga pensa sobre acusar adolescentes de andar por aí a puxar partes de cadáveres?

— Penso que provavelmente vamos parar à prisão, pois temos um problema bastante semelhante — diz a Ruth —, mas pelo menos iremos juntas.

A rapariga olha para nós de olhos arregalados.

— Mas o que vem a ser esta conversa? O que se passa aqui? — Levanta as mãos para o céu.

— Porque *pensas* que ela leva um corpo na mala? — indaga a Ruth.

— Nós tínhamos as mesmas coisas estranhas no carrinho na loja de bricolage — explico.

— Levas *mesmo* partes de um corpo aí? — pergunta a Ruth à rapariga.

— Não! — diz, com violência. Depois, mais calma: — É mesmo um monte de livros. Queria saber se conseguiria sair com uma mala sem ser interpelada. É evidente que não, embora nunca tenha pensado que as perguntas que me fariam seriam deste tipo. — Olha em redor cautelosamente. — *Não* deveríamos ter esta conversa na rua.

— Pois não — concorda a Ruth —, mas, antes de ires, *tens* alguma sugestão sobre métodos para nos livrarmos de corpos? Estamos mesmo a precisar.



23.

DOIS MAIS DOIS = ESPERANÇA

Vinte minutos depois, estou a participar no convívio mais estranho que já vi.

Estamos numa garagem com o portão que dá para a rua escancarado. Eu e a Ruth estamos sentadas do lado da rua, em cadeiras de piquenique dobráveis, uma de cada lado do espaço, para manter o distanciamento social e para termos a certeza de que ninguém se pode aproximar e ouvir-nos sem nos apercebermos. A Leila e a mãe, Samira, que deve ter uns 35 anos, estão sentadas numa caixa perto da porta que dá para a casa. Ela é magra como a filha, mas baixa enquanto a Leila é alta, e tímida enquanto a Leila é — ou pelo menos parece — confiante. A chispa da Leila transmite uma certa fragilidade, mas não consigo perceber se isso é fruto da situação atual ou apenas se deve aos seus 17 anos. Afinal de contas, qualquer pessoa se mostraria um pouco frágil, sentada diante de um enorme caixote de plástico cercado de ratoeiras, com tigelas de vinagre e bicarbonato de sódio em cima e o pai morto no interior.

— Só utilizaste areia para gatos ou acrescentaste mais alguma coisa? — pergunta a Leila enquanto examino o arranjo dela. — Mandei vir um monte daquelas bolsas dessecantes que é costume meter-se nas bolsas de mão novas, mas não faço ideia se têm algum efeito em algo tão grande. Pelo menos, o sal deverá impedir que os insetos incubem.

A Samira vira-se com ansiedade para a porta que dá para a casa.

— Achas que deva...

— Vais acordá-la, mãe — diz a Leila. — A minha irmã mais nova — explica à Ruth. — Tem 7 anos.

— Ela sabe do... — Aponto para o caixote.
— Ela tem 7 anos — diz a Leila de forma contundente.
— Pensa que o pai está aqui em autoisolamento para nos manter em segurança — murmura a Samira.

A Leila bufa com desdém.

— Há uma primeira vez para tudo.

— Leila! — A Samira suspira.

A Leila revira os olhos com um ar de indiferença, mas a forma como abraça os próprios braços à frente do peito diz muito.

— Está tudo bem, mãe. Elas compreendem. Literalmente.

— Se mostrares assim tanta insensibilidade, como podem saber que não somos pessoas más? Como podem acreditar que não tivemos alternativa?

Levanto uma mão.

— Eu acredito. — Faço sinal a indicar a Ruth. — E acreditei nela antes de ela ter dito uma palavra.

— O facto de nos reconhecermos nas outras deixa-nos perceber que estamos no mesmo barco — diz a Ruth do seu jeito amável.

A Leila olha para nós como quem não acredita.

— Vocês mataram os maridos porque eles planeavam cometer uma bela violência patriarcal, obrigando a filha a casar com um desconhecido só para não ser alvo das más línguas?

Olho fixamente para a Samira, que pressiona a testa com a palma da mão.

— Fizeram bem — digo-lhe. — Por que carga d'água é que ele faria tal coisa?

— O meu primo... andamos na mesma escola... estava a ver as fotografias do livro de curso e, em segundo plano de uma fotografia do Dia de São Valentim, vê-se que estou de mãos dadas com a minha namorada e que ela está a dar-me uma rosa. — Abana a cabeça. — Eu tive sempre muito cuidado, mas ela apanhou-me de surpresa. — Encolhe os ombros, impotente. — Nem sequer sabia da existência da maldita fotografia. Mais um passo para a esquerda e nem sequer apareceria no enquadramento. Tentei dizer ao pai que não significava nada... que era apenas uma brincadeira com uma amiga..., mas ele não quis saber. Disse que os rumores eram tão maus como se fosse verdade. Que para a nossa família estar associada com... — Desvia o olhar. — Bateu à mãe quando ela tentou impedi-lo de me agredir. Depois ficou tudo em silêncio e...

A Samira leva a mão à garganta, como que a protegê-la.

— Ouvi o meu marido numa videoconferência com os irmãos e tios, que estão todos no Paquistão porque o pai está doente. Era para irmos com eles,

mas o passaporte da Maryam estava caducado e, quando o renovámos e re-marcámos o voo, veio o confinamento, por isso ficámos aqui retidos e eles lá...

— Elas não precisam de saber a versão longa, mãe — interrompe-a a Leila com um revirar de olhos. — A parte que importa é que eles fizeram uma bela conferência familiar sobre como salvar a reputação da família e dar-me a oportunidade de ter uma «vida normal» obrigando-me a casar com um desconhecido cujo principal interesse em mim é o facto de ser cidadã britânica. Quero dizer, tenho pena de alguém que estaria tão desesperado por ter uma vida melhor que se prenderia a mim só para conseguir um visto, mas...

Quando se interrompe, devido às narinas dilatadas, a Samira conclui a explicação.

— O plano era irmos para lá assim que as restrições fossem levantadas com a desculpa de irmos visitar o meu sogro, só que, assim que saíssemos do avião, seríamos levadas para uma cerimónia matrimonial.

A Leila levanta o queixo.

— Provavelmente estão a pensar que haveria um milhão de formas de me esquivar, mas, quando toda a família conspira para que algo aconteça, mais cedo ou mais tarde acontecerá. Mesmo que me deixasse levar e terminasse o enlace mais tarde, eles viriam atrás de mim, e não teria como escapar, porque estão todos de conluio e teria de voltar para ele e, se não me «portasse bem» e o deixasse fazer tudo o que ele quisesse, então eles... — Olha para o outro lado. — Os jornais não fazem sempre o mesmo escarcéu como quando adolescentes brancas são assassinadas, mas li muitas notícias sobre raparigas como eu e, se é para alguém acabar feito em picadinho dentro de uma mala, é melhor que seja o meu pai.

Empina o nariz em jeito provocador. Depois desata a chorar e esconde a cara nas mãos enquanto eu e a Ruth olhamos para ela infelicíssimas. Onde está o triunfo de ter de fazer coisas horríveis para escapar de coisas piores?

A Samira passa-lhe um braço pelos ombros. Dói-me o corpo com a falta dos meus próprios filhos. Quero abraçá-los com tanta força até sentir que quase os posso meter de novo no meu corpo, onde ficarão em segurança.

— Não é a família toda, Leila — diz a Samira baixinho. — Apenas alguns acreditam que é correto fazer este tipo de coisa. Os outros... estão presos como nós. Sabem que o Islão não é assim, mas não têm poder nem força de vontade para se insurgirem no que diz respeito a outros homens quererem controlar as mulheres. — Faz uma expressão desolada. — O teu pai nunca mais te fará mal. Pelo menos isso acabou.

— Mas não há problema em relação a todos aqueles anos em que te faz

mal? — explode a Leila, passando a mão pela cara. — Eu deveria ter dito algo na escola. Os professores são simpáticos. Ter-nos-iam ajudado.

— Ajudado a fazer o quê? — pergunta a Samira com um suspiro paciente. Trata-se evidentemente de uma discussão que já tiveram. — A fugir e a mudar os nossos nomes e a nunca, nunca mais regressar a casa? Nunca mais falar com ninguém da família? Nunca... — Não termina a frase e levanta as mãos, impotente, depois vira-se para mim e para a Ruth. — Por muito que pense, não encontro uma solução. O que vamos fazer?

— Somos quatro mulheres inteligentes e capazes. Juntas, assumiremos o controlo das nossas vidas e descobriremos uma solução — digo-lhe com toda a confiança que consigo reunir, que não é muita, mas, dadas as circunstâncias, não posso pedir mais.

— Essa é digna de emoldurar. Muito comovente — diz a Leila, mordendo o lábio.

— Leila! — silva a mãe.

Mas eu tenho de rir.

— *Foi bom, não foi?* Inspirador, motivacional, autorizado...

A Leila sorri.

— Muito sufragistas encontram a Mulher Maravilha.

Por instantes, sinto um aperto no coração de saudades da Janey consoante me assola uma memória da aula em que começou a nossa estúpida e adorada piada. Se fechar os olhos, consigo ver a sala de aulas e o nosso professor de aspeto abatido e vestido de cinzento: ver a forma como ela fechou o manual com vigor, um esgar feroz a transformar-lhe o semblante.

— As sufragistas podem não significar nada para ti, mas, mesmo que não te lembres dos nomes delas, lembra-te disto, oito das palavras mais fortes da nossa história: uma promessa de cada mulher para as suas iguais, e um pedido de promessa da parte delas. «A coragem gera coragem em todos os lugares.»

Como gostaria que a Janey estivesse aqui para dizer: «Precisamos de alguma coragem agora, ah, Coragem?»

Faço por esquecer a necessidade que tenho da Janey. Em vez disso concentro-me nas duas amigas que estão comigo.



24.

APANHEI-TE! ÉS TU

No dia seguinte, a Leila fica em casa com a Maryam enquanto a Samira vai encontrar-se comigo e com a Ruth para a nossa primeira caminhada durante o dia. Não obstante a bem-vinda distração das minhas novas parceiras de crime, as saudades da Janey atormentam-me como um espinho.

Não consigo imaginar uma vida em que nunca mais volte a falar com ela, mas ainda não ganhei coragem para lhe telefonar, embora saiba que, se tivesse sido ela a isolar-se, eu queria corrigir as coisas. Mas a Janey sempre foi dada a birras, pelo que, se eu lhe ligasse e ela não atendesse, um dia poderia tornar-se uma semana, um mês, até eu ter a certeza de haver ou não esperança. Não conseguiria suportar isso. Não com o Jim ainda deitado ao lado da máquina de lavar. Não com quatro novas amigas a contar comigo para fazer a minha parte para nos tirar desta alhada comum.

— Conviria chegarmos a acordo quanto a algumas regras base sobre como nos contactarmos mutuamente — digo, antes de desaparecer num buraco de desespero com a forma da Janey. — Vai ser impossível fazer de conta que não nos conhecemos de todo, mas, se toda a gente pensar que nos conhecemos por intermédio dos nossos maridos, a coisa será muito menos suspeita. Devemos utilizar os telemóveis deles para comunicarmos, criando assim um rasto digital que prova que ainda estão vivos, cimentando ao mesmo tempo a ideia de que ficaram a conhecer-se bastante bem durante o confinamento.

A Samira assente com a cabeça.

— Que explicação daremos para a forma como se conheceram?

— No nosso caso, é que o Lionel fez um pequeno serviço de decoração

na casa da Sally e do Jim. — A Ruth não consegue esconder um sorriso de orgulho ao acrescentar: — Até emiti uma fatura com a indicação «pagamento em numerário» para deixar um rasto em papel.

A Samira inclina a cabeça, pensativa.

— A carrinha do Lionel alguma vez avariou? Poderia ele ter contratado o Yafir para o transportar de táxi por um dia?

A Ruth abana a cabeça.

— A desculpa da carrinha não cola. Ele encontraria uma solução para não ter de gastar dinheiro nisso. Mas — a sua expressão anima-se —, antes da pandemia, um amigo dele que tem bilhetes para a época toda do Man United costumava convidá-lo para um jogo ou outro e ele chegava a casa tão tarde que apanhava um táxi desde a estação.

— Vou fazer um recibo — diz a Samira. — Só fica a faltar uma desculpa para se terem voltado a contactar.

— O Lionel e o Jim têm trocado mensagens no *WhatsApp* sobre desporto, por isso vamos esperar um dia para pensar em algo plausível, e então o Lionel pode adicionar o Yafir ao grupo.

— Talvez o Lionel possa dizer algo sobre o Yafir ter fortes convicções políticas durante a corrida de táxi depois do futebol em que se conheceram. Parecerá algo bastante natural. — A Ruth faz um esgar. — Bem, no mínimo natural em termos do confinamento.

— Em circunstâncias normais, não acreditaria — diz a Samira, a mexer no bracelete —, mas com o mundo de pernas para o ar...

— Nem mais — concordo. — De qualquer forma, eu e a Ruth demos a entender que o Jim e o Lionel vão de vez em quando dar uma caminhada juntos, mas é evidente que, com o Yafir em autoisolamento, ele não se lhes teria juntado, mesmo que quisesse.

A Samira parece aliviada.

— Se vamos criar uma história sobre eles desaparecerem juntos, temos de ir passo a passo: concentrarmo-nos em fazer com que pareça verosímil que finalmente se encontraram em pessoa.

— De momento, porém, precisamos de palavras de código para nos contactarmos em emergências. Algo para o caso de nos termos de encontrar o mais depressa possível num local pré-combinado e outra palavra de código pela qual nos tratarmos. — Olho de relance para a Ruth. — Que me dizem a «Doces de Bakewell» para um encontro e «fogueira» para um telefonema?

A Ruth abana a cabeça, reprimindo um sorriso, depois olha para lá de mim e estuga o passo.

— O que me dizem a isto? — Agacha-se para ver mais de perto a tampa

do buraco de entrada aos seus pés. — Não tem fechadura, por isso só precisaríamos de um martelo de unha ou de algo para a abrir, mas é suficientemente grande e podíamos vir de carro até aqui.

A Samira olha para as casas que orlam a estrada.

— Há muitas divisões no andar de cima com vista para a rua. É um risco muito grande. E já seria péssimo se um dos cadáveres fosse levado, mas se fossem os três...

A Ruth suspira, mas continua a caminhar.

— Encontrei um *website* sobre imóveis abandonados. Não se preocupem — apressa-se a acrescentar. — Certifiquei-me de que foi integrado numa série de pesquisas sobre cursos de arqueologia, depois de uma série de pesquisas sobre a existência de velhas minas de carvão ou abrigos de guerra nas redondezas.

Brindo-a com um olhar de admiração.

— Não sorrias para mim assim. Fico com a sensação de que estou a ceder a...

— Influências de suborno?

— Tu e a Leila têm o mesmo sentido de humor — diz-me a Samira, esboçando um pequeno sorriso, que depois esmorece. — Tenho de vos dizer uma coisa. — Inspira uma golfada de ar irregular. — A morte do Lionel foi um acidente e tu, Sally, agiste no momento, mas eu... eu usei veneno. Por favor — prossegue, com urgência —, têm de saber que não foi premeditado. Pelo menos ouvi a conversa, tal como voz disse, e depois eu... Não sei como o descrever. Foi como se o mundo se tivesse desviado um passo para o lado e... Deixou de parecer real.

— Foi impulsivo — atalho. — Nós compreendemos. Aproveitaste a oportunidade e...

— Mas não foi isso! No início, tentei abrir as portas, mas estavam todas trancadas e as chaves tinham desaparecido, e a última foi a porta para a garagem, só que também estava fechada e nem sequer consegui tirar a Leila de casa. Não sei o que pensei que aconteceria se não fizesse algo de imediato... talvez não tivesse acontecido nada, mas talvez tivessem discutido e ele me tivesse matado quando eu tentasse impedi-lo de a magoar, e então não haveria ninguém para defender a Leila...

Abana a cabeça.

— Eu estava ali, e vi o veneno, e não sei se a intenção foi matá-lo. Parte de mim quer acreditar que pensei que apenas ficaria doente... suficientemente doente para eu recuperar as chaves enquanto se sentia mal, mas... — Expira lentamente, consoante a aceitação lhe tolda o semblante. — Mas sabia que

poderia ser pior. E, quando aconteceu, não chamei uma ambulância. Talvez pudesse chamar, mas foi tudo muito rápido.

— Fizeste-o para salvar a Leila. — A Ruth mostra um sorriso pesaroso, mas os seus olhos não denotam qualquer conflito. — O que mais poderias fazer, quando já tinhas tentado lutar com ele sem sucesso e não havia saída? A legítima defesa tem de incluir uma luta em que tenhamos uma possibilidade de vencer.

— Mas será que venceremos? — pergunta a Samira com a voz trémula. — Ou acabaremos todas na prisão em vez de mortas?

— Olha — digo, quando a Ruth e a Samira baixam os ombros ao mesmo tempo —, teremos de ter muitas ideias antes de nos decidirmos por uma. Temos tempo. — Não aludo à minha situação, cujo tempo se está a esgotar. Estou a tentar não pensar no facto de, a partir de segunda-feira, só ter uma quinzena até chegar a vez do Jim na escala de serviço do escritório.

— Isso pode aplicar-se ao teu caso, mas não ao meu — diz a Samira num tom sombrio. — Mas tenho uma ideia. Uma ideia que resultará. — Respira fundo. — Diremos que os nossos maridos apresentaram sintomas, pelo que concordaram em autoisolar-se com o meu marido, e depois eu matei-os a todos. Levei o veneno para a cozinha mais de uma hora antes de o deitar na comida dele. Aos olhos da lei, isso é premeditação. Eu é que devo pagar. — Eu e a Ruth fitamo-la, depois entreolhamo-nos, depois olhamos outra vez para a Samira.

— Se ignorarmos o facto de termos acabado de chegar à conclusão de que achamos que não tiveste mais alternativas do que nós, não percebo como é que isso ajudaria — digo, perplexa.

— Diremos que fui eu que os matei. Que vocês não sabiam porque eu lhes tirei os telemóveis e enviei mensagens com regularidade a fingir que estava tudo bem. Depois, ao fim de catorze dias, quando eles não regressaram a casa, vocês vieram a saber o que se passava e... — diz, mostrando-nos as palmas das mãos.

— Continuo sem perceber. — Olho para a Ruth, que se limita a encolher os ombros. — E depois... o que acontece?

— Depois eu vou para a prisão e vocês asseguram-se de que a Leila e a Maryam ficam em segurança. Se eu disser à polícia que matei o Yafir para ele não poder obrigar a Leila a casar... e que o Jim e o Lionel foram danos colaterais..., a família saberá que não pode tocar na Leila. Se lhe acontecesse alguma coisa depois disso, a polícia saberia exatamente porquê e quem seriam os culpados. Eles não arriscariam. Ela seria intocável até ter idade suficiente para escapar e viver a sua vida, mas vocês teriam de jurar que tomariam conta dela. A Maryam ficará bem enquanto for tão nova. — Diz isto com confiança,

mas a expressão nos seus olhos diz algo diferente. — Uma coisa que a nossa cultura tem de bom, é que a família ajuda sempre as crianças que perdem os pais. As tias dela poderão tentar ensinar-lhe coisas com as quais não concordo, mas ela teria a irmã, e a escola, e vocês as duas poderiam assegurar-se de que ela terá a vida que merece.

— As tuas filhas ainda são crianças; os nossos são crescidos. Se há alguém que terá de se sacrificar pela equipa, sou eu — digo, resoluta.

— Ou eu — acrescenta a Ruth, com firmeza.

— Se chegar a esse ponto, nunca permitiremos que te sacrifiques — juro.

— Como se conseguíssemos viver com esse peso na consciência — exala a Ruth, agarrada ao medalhão. — Seja lá o que for que te aconteça, estamos no mesmo barco. Ou saímos desta juntas ou não saímos.

A Samira vira-se para o outro lado, a tremer, e percebo que está a chorar. Quero oferecer-lhe um abraço ou, no mínimo, apertar-lhe a mão. No fim, fico apenas a fitar a Ruth enquanto esperamos que os ombros da Samira parem de se agitar.

— Se ao menos já fôssemos amigas antes de tudo isto — diz ela baixinho enquanto limpa as lágrimas da cara.

— Bem, somos amigas agora.

A Samira faz uma expressão impossivelmente amável, mas triste.

— E estou imensamente grata por isso. Até por ter com quem falar enquanto penso no que fazer... — Suspira. — A questão é que podemos conseguir convencer a nossa família, amigos e comunidade de que os nossos maridos saíram com amigos e tiveram um acidente terrível, mas isso não é uma possibilidade para mim. Seria preciso algo catastrófico... um esgotamento mental, a família ser dizimada por um terramoto... Já tenho bastante dificuldade agora para arranjar desculpas para o meu marido não fazer telefonemas enquanto está doente, mas em breve... uma quinzena no máximo... os irmãos dele esperam falar com ele ou saber que está no hospital. E não se trata de apenas uma ou duas pessoas que perceberão que algo de errado se passa: serão uma dúzia só no seio familiar mais próximo.

— Portanto, vai ser complicado, mas a maioria desses familiares estão retidos no Paquistão, não é? Ainda vai demorar algum tempo até regressarem, o que nos dá mais algum tempo.

— Posso dizer-te alguns sintomas que poderiam impedir o Yafir de falar — acrescenta a Ruth.

Mas a Samira abana a cabeça e contorce as mãos de frustração.

— Vocês não compreendem como é na nossa comunidade. Todos se conhecem... todos *falam* uns com os outros.

— Mas as regras — digo eu. — Com certeza...

— Não sei como explicar de forma a compreenderem. — Levanta as mãos para o céu, frustrada. — Eles fizeram uma reunião de família e decidiram juntos o futuro da Leila. Se o Yafir não puder tratar dos pormenores, um dos seus irmãos assumirá o controlo da situação. Na sua forma de pensar, se nós... as suas mulheres, filhas, sobrinhas... nos portarmos mal, considerando que os homens da família são responsáveis por nós, serão responsabilizados, pelo que terão de se assegurar de que todos sabem que nos deram um corretivo. Caso contrário, todos pensarão que perdoam o nosso comportamento em vez de cumprirem a sua obrigação de nos porem no caminho certo. Isto é... — Abana a cabeça. — É demasiado para explicar.

— Mas forçar a tua filha a uma vida de infelicidade... — diz a Ruth, horrorizada. — A tua família também era assim?

— Não! — Suspira. — Não, os meus pais eram diferentes. Pelo menos até à morte do meu irmão. — Vira a cabeça para o outro lado, o rosto carregado de tristeza. — Ele ia num carro com três amigos da universidade. Tinham estado a beber, despistaram-se e colidiram com uma árvore. O meu irmão e um amigo morreram. Os meus pais ficaram destroçados. Ele era... — Escorre-lhe uma lágrima pela cara. — A vergonha de ele ter bebido quando morreu, de seguir no mesmo carro com um condutor embriagado... — Abana a cabeça. — As coisas que as pessoas disseram aos meus pais. Que eles tinham fracassado como pais, ao permitirem que o meu irmão ficasse ocidentalizado em vez de o orientarem como deviam. Que era irresponsável considerarem sequer a possibilidade de me deixarem ir para a universidade quando deveriam estar ali para me protegerem de fazer escolhas do género... Eles não suportaram isso em cima do desgosto. Nenhum de nós suportou. Eu concordaria com qualquer coisa que... — Não termina o pensamento, exausta. — Por favor, neste momento não consigo falar de mágoas antigas. Temos de nos concentrar no que fazer para nos mantermos em segurança, porque não poderei continuar a arranjar desculpas por muito mais tempo e depois...

— Talvez a única solução seja uma de nós confessar — digo eu —, mas entre as quatro temos bastante massa encefálica. Vejamos o que podemos fazer com ela antes de enveredarmos por esse caminho.

É evidente que a Samira acha que não há remédio, mas faz um esforço para sorrir.

— Será reconfortante para a Leila saber que tentámos — diz ela.

Continuamos a caminhar em silêncio.



25.

MONSTROS À MEIA-NOITE

Naquela noite, o silêncio era um bem precioso e escasso na casa da recém-mamã que estava muito, muito cansada.

— LEVA ESSE CU GORDO DO CORREDOR! — berrou o marido enquanto ela vagueava pela casa a tentar reconfortar o bebé, que não parava de chorar.

Engolindo os soluços, a recém-mamã muito, muito cansada cambaleou até ao quarto do bebé, onde se sentou na arca da roupa suja, a um canto, e acendeu a luz de presença — a rainha das fadas, Titânia, com a varinha em riste numa pose que mais fazia lembrar uma Valquíria com um lança. Keith dissera que parecia violento, mas, para ela, o rosto de Titânia denotava apenas determinação em proteger aqueles que se encontravam na esfera da luz dourada que emanava da lâmpada na ponta da varinha.

Agora parecia uma pequena ilha segura, quando ela se aninhava com a filha enquanto as personagens do seu livro infantil preferido pintavam o diabo pelas paredes que a envolviam.

— Olha, querida — murmurou, só para ouvir outra voz que não estava a chorar ou aos berros. — Ali está o Ursinho Pooh, o Tigre e o Ió.

A visão ficou desfocada com o cansaço, e fez um movimento brusco para se endireitar. Por um segundo, pareceu-lhe que o Ió se virou e rosnou, mostrando um conjunto de dentes muito afiados.

Quando olhou para o lado, o Chapeleiro Louco tirou o chapéu e o Coelho Branco mostrou-lhe o dedo do meio.

Enroscando-se por cima do bebé, com os longos cabelos ruivos a espalhar-se à sua volta, a recém-mamã muito, muito cansada beijou a cabecinha quente da filha.

— Amo-te e quero-te. — Fechou os olhos com força. — O papá também

te quer, só que está cansado. Somos velhos, sabes? Mais de quarenta! E é duro, não dormir, e tanta coisa para limpar...

O bebé espirrou logo de seguida, projetando ranho para a cara da mãe.

— Sim, meu amor... é isso mesmo. É muita saliva e está por todo o lado, e depois há todo o xixi e todo o cocó e o vomitado, e isso pode ser normal para ti, mas a tua mamã ainda não é uma mamã muito boa. Está a dar o seu melhor... e vai melhorar, juro..., mas está sempre a esquecer-se de fazer o jantar e está dorida de mais para fazer as limpezas como deve ser, e não para de comer, apesar de já estar tão gorda e feia...

Estremeceu ao respirar fundo, fez um esforço para conter as lágrimas, abriu o roupão e ofereceu a mama. Depois de algumas tentativas, o bebé aceitou a mama e acalmou-se.

Apagou a luz de presença e ligou a caixa de música. A parte de cima iluminou-se, projetando uma procissão de bruxas azuis e dragões-marinhos verdes a dançar no teto.

— Tudo voltará a ser como era, só que melhor, porque tu também estarás aqui.

Embalando delicadamente, deixou os olhos seguirem os vultos luminosos que nadavam pelas paredes.

— Quando a pandemia acabar, levar-te-emos à beira-mar para visitar a tua avó, que vive na casa da *minha* avó lá no alto, nos penhascos, e brincaremos na praia e, quem sabe, se nos sentirmos muito corajosas, iremos à enseada escondida no extremo das grutas. Lembras-te, não lembras, querida? Como a rapariga corajosa e inteligente enfrentou a escuridão e, com a ajuda da Lua, chegou em segurança à enseada para lá das grutas, onde encontrou alguém à espera dela. Sabes quem era?

A bebé piscou os olhos, ensonada.

— À espera da rapariga estava uma mulher com um cabelo azul-escuro como a noite e uns olhos como a Lua. «Vem comigo e acolher-te-ei como minha aprendiz», disse ela, estendendo-lhe a mão. «Ensinar-te-ei a ser uma ave e a pairar com o vento, a acalmar as ondas ou a agitá-las numa feroz tempestade.»

O bebé semicerrrou os olhos. A mãe muito, muito cansada sorriu, baixando o tom de voz a cada palavra.

— «Mas qual é o preço?», perguntou a rapariga, pois sabia que tais ensinamentos teriam o seu custo. A bruxa sorriu, agradada com a inteligência da rapariga. «Terás de provar verdadeiras as mentiras dos homens que te condenaram, tornando-te tudo o que eles dizem que és», disse ela. A rapariga ficou em silêncio por instantes. Depois também sorriu e pegou na mão da bruxa, pois sabia que, contra as probabilidades, seria feliz para sempre.

Quando terminou a história, a recém-mamã muito, muito cansada deixou o sono envolver-lhe os braços e as pernas doridos, conduzindo-a com delicadeza para o olvido...

O bebê largou a mama e, como se fosse uma sirene contra ataques aéreos, desatou num novo berreiro, despertando com um movimento brusco a sua mãe muito, muito cansada.

Ouviu-se lá perto um uivo furioso que fez as paredes estremecer como se fossem água. As bruxas azuis e os dragões-marinhos verdes voaram pelo ar como que arremessados por um vendaval.

Desesperada, a mãe muito, muito cansada deitou a bebê aos berros na segurança do seu berço, enquanto o monstro atacou desde as profundezas com um barulho que fez lembrar um furacão a aproximar-se, e a realidade, a ficção e o sonho deformando-se num só entre a exaustão e o medo.

Um monstro ou os aldeões vieram destruir a bruxa-mulher e a rapariga-bebé que ela jurara proteger?

A porta escancarou-se com violência, lançando as bruxas e os dragões para as trevas, ensombrecendo o mundo. Pouco depois, umas garras prenderam-lhe o cabelo e arrastaram-na até ficar de pé. Outras garras fixaram-se no seu braço, abanando-a enquanto o monstro exalou o seu hálito quente e rançoso sobre a sua cara, abrindo a boca para mostrar os dentes afiados.

Mas, embora a bruxa tivesse muito, muito medo — tão cansada que ansiava ceder e deixar que o monstro a devorasse —, sabia que ele também devoraria o seu bebé.

Estendeu a mão e, invocada pelo desespero e o amor, apareceu uma arma ao seu alcance. Uma lança digna de uma guerreira lendária, como que ofertada por fadas. Juntando as suas últimas forças, desferiu um golpe na garganta do monstro.

Ouviu-se um tinido, um estilhaçar e o barulho de algo a cair desamparado. Um grito agudo sufocado. Depois um PUM que fez o mundo abanar como uma onda gigantesca e ficou tudo escuro.

A bruxa ficou a tremer na penumbra. Depois o bebé recomeçou a chorar.

Atirando a arma para o lado, a bruxa pegou no bebé ao colo, embalando-o junto ao peito enquanto passava com todo o cuidado por cima dos membros esparramados do monstro caído.

Ao longe, uma nuvem deslizou da frente da Lua, lançando uma torrente de luz sobre o areal. A bruxa seguiu-a obedientemente, levando a criança para a segurança de uma cama quente, onde se meteu debaixo dos lençóis, afundando na macieza das almofadas, da colcha e do colchão.

Estava muito, muito cansada, mas agora podia descansar.



26.

O MUNDO ENLOUQUECIDO

Depois de uma noite turbulenta e em vão, à procura de uma solução para o nosso problema dos três cadáveres, desço as escadas e dou com a casa fria e lúgubre. Aproveitando uma ideia dos meus programas sobre informação forense, dedico-me a lavar com lixívia todo o chão da cozinha, para me certificar de que não há lá uma parcela do tamanho de um corpo lavada e suspeita para o caso de a polícia inspecionar a casa. Afinal de contas, ninguém vai suspeitar da limpeza em plena pandemia.

Por volta das onze, regresso à realidade quando alguém bate à porta e encontro um envelope na soleira. As instruções no verso informam com brusquidão que as sementes que tem dentro são do jardim da Edwina e que devem ser espalhadas por terra revolvida recentemente no dia seguinte ou depois, lançando-se terra de envasamento por cima. Tento encarar isto como um bom sinal de estar a cair nas boas graças da Edwina, mas uma ideia que não me sai da cabeça — *De amanhã a quinze, o Jim terá de regressar ao trabalho!* — impede-me de ficar demasiado feliz.

A música do dia do Charlie faz-me esboçar um sorriso fugaz, mas hoje o *Happy* não bate certo comigo, nem com a ajuda do Pharrell Williams. Um vídeo de gatos fofinhos que a Amy me envia mal consegue prender a minha atenção durante os dez segundos de duração.

O meu casaco de malha mais quente — aquele todo esburacado, grande e folgado que o Jim odiava, mas que me recusei a deitar fora e escondi no fundo do armário por debaixo das escadas — está a chamar por mim, pelo que, pouco depois, estou mergulhada em baldes, esfregonas e caixas com lixo que ando para separar há anos.

Estou tão atarefada a fazer um estardalhaço que só ouço o telefone a tocar quando recuo do armário, a sacudir teias de aranha do cabelo. Quando me apercebo de que já o estava a ouvir há algum tempo, levanto-me à pressa e corro para a cozinha, levanto o recetor do carregador e espero ouvir a voz da Ruth ou da Samira.

— O que aconteceu? — pergunto, ofegante, só então raciocinando que deve ser outra pessoa, pois concordámos contactar-nos umas às outras através dos telemóveis dos maridos. Considerando que mais ninguém achará esta saudação minimamente normal, apresso-me a acrescentar: — Quero dizer, está lá, quem fala...

— Sally?

A voz do outro lado da linha é tão distorcida que, por instantes, não a reconheço.

— Sally? Estás aí?

— Janey? — exclamo, segurando-me ao balcão. O medo de ouvir a voz dela colide com o verdadeiro alívio que sinto por estar a telefonar-me.

— Preciso de ti. Por favor. Estou muito, muito cansada e...

Não a ouço a falar assim desde o dia em que o pai morreu.

Sorve uma lufada de ar como se a atmosfera à sua volta se tivesse transformado em água.

— O Keith está morto — diz ela. — A noite passada, ele estava... e agora está morto. E eu... eu não sei o que fazer.

Mal consigo respirar. Entrelaçado com a alegria de ouvir a voz dela, há um arame farpado de fúria e mágoa. Senti a falta dela como do ar que respiro, mas agora ela liga-me como se nada tivesse acontecido entre nós? Como se o único resultado possível seja eu estar absolutamente e sempre pronta para apoiar, embora se tenha recusado a apoiar-me? Ela afastou-se e em consequência disso o controlo e a violência exercidos pelo Jim dizimaram o último resquício normal da minha vida. Ela deixou-me com ele. Para ele.

— Sally? — A Janey soluça. — Sally, por favor...

Quero gritar com ela. Quero virar-lhe as costas. Quero pestanejar e estar ao lado dela.

A nossa amizade não terminou. Todos estes anos. Todas estas memórias. Ainda cá estão, à nossa espera. Amalgadas, fraturadas e deformadas, mas não estilhaçadas — não se eu estender a mão agora.

Foi-me roubado tanto. Regressar a qualquer parte da vida que perdi é uma dádiva boa de mais para desperdiçar num momento de fúria. Se queremos reparar os destroços do nosso relacionamento, haverá um ajuste de contas, mas não hoje.

— Também estás doente? — pergunto. — Onde é que ele está? Onde estás tu?

— Estamos em casa.

Oh, meu Deus, ele morreu em casa, tal como o pai dela.

— Vou aí, Janey. Vou aí imediatamente. Tratarei de tudo, juro, mas tens de me dizer se estás doente. Precisas de um médico?

— Não. — Soluça outra vez. — Não, não é... Não se trata...

— Ele caiu? O que aconteceu?

— Matei-o — diz com a voz áspera, depois respira fundo e repete, com toda a calma: — Matei-o, Sally.

O meu primeiro pensamento é: *Pronto, já está — por fim, perdi o juízo.*

Depois percebo que se deve tratar de um sonho assustadoramente real.

Só tens de acordar, digo a mim mesma. Só que não acordo, porque não estou a dormir. E não me vou abaixo, porque, depois de vinte e três anos a fazer-me passiva na vã esperança de isso me proteger, estes últimos dias tenho aprendido a pensar, a agir, a ser corajosa. Agora, pela primeira vez, não é apenas a necessidade a impelir-me. É a coragem.

— Deixa-te de exageros, Janey. De facto, *está mas é calada* — digo-lhe, secamente, proferindo as palavras devagar e com clareza. — Sempre foste dada ao dramatismo, transformando a mais pequena discussão numa saga de morte e calamidade, mas *não devias dizer essas coisas. Imagina que alguém te ouve.*

Ouçõ-a a inspirar abruptamente.

— Agora deixa de ser tonta e, decididamente, não andes para aí a ligar às pessoas e a fazer figuras tristes, está bem, Coragem? — É então que me ocorre uma coisa: — Não mudaste de casa, pois não?

— Não — murmura a Janey. — Sal...

— Vou a caminho.



27.

REENCONTRO DE AMIGAS

Agarro o volante e ignoro o adejar das cortinas da Edwina quando aranco para a estrada, assegurando-me de que não excedo o limite de velocidade. São menos de seis quilómetros e meio até à casa da Janey, mas de súbito tudo me parece estranho, as ruas a afunilar ao longe, como se o tempo e o espaço se tivessem alongado.

Só faltam alguns quarteirões quando ouço a sirene. Digo a mim mesma que não é nada — pelo menos nada comigo. Não há motivos para ser.

A sirene aumenta de intensidade e aproxima-se.

Então digo a mim mesma que não quer dizer nada, a não ser que seguem na mesma direção.

Mas ouço-a ainda mais perto.

Depois vejo o carro a chegar ao cume da colina na minha traseira, as luzes intermitentes. Obrigo-me a inspirar e a expirar, os nós dos dedos brancos a agarrar o guiador enquanto olho para o conta-quilómetros, para ter a certeza de que não estou a acelerar por estar assustada.

— Vão passar — sussurro. — Não sejas estúpida. Não entres em pânico.

O carro está mais perto... mais perto. Encosto à berma, as mãos a doer por causa da força com que agarro o guiador. Fecho os olhos com força e faço fígas para que me ultrapassem, que continuem em frente, que não travem à minha frente e...

Mais alto, mais perto. Mais alto, mais perto. Um sopro forte ao passar por mim.

Depois um esmagar de gravilha junto ao passeio à minha frente. Sinto o coração aos pulos no peito.

O carro está a parar. *Estão* aqui por minha causa.

Será por causa da Janey ou do Jim? Será que a Ruth deixou a culpa afeté-la e me denunciou?

As sirenes soam mais baixo do que há pouco. Agora ainda mais baixo.

Abro os olhos a tempo de ver o carro-patrolha a desaparecer por uma rua à direita. Respiro de alívio.

Uma buzina zangada faz-me dar um pulo. Olho pelo retrovisor quando o condutor atrás de mim me ultrapassa e se mete à minha frente com outra buzina dela.

Mostro-lhe o dedo do meio quando, trémula, arranco outra vez. Um minuto depois, viro para a rua da Janey e estaciono à frente da rampa da casa dela.

Pego na bolsa e cruzo apressadamente a lateral da casa, passo para o jardim e subo os degraus para a cozinha enquanto chamo o nome dela.

Um movimento à entrada e lá está ela, o cabelo ruivo encaracolado todo desgrenhado, a cara reluzente das lágrimas e do ranho, uma maçã do rosto e a testa vermelhas e esfoladas.

Um momento depois estamos abraçadas. A Janey uiva no meu ombro enquanto as minhas próprias lágrimas humedecem o colarinho do vestido dela. Passo os dedos pelo cabelo dela e agarro-lhe a nuca enquanto nos comprimimos uma contra a outra como se fosse possível espremer a dor.



28.

UM GOSTO TERRÍVEL PARA HOMENS

Um grito lancinante faz-me dar um salto. A Janey recua com um suspiro e desata a correr pela passagem em abóbada para a sala de estar. Sigo-a aturdida porque já sei o que vou ver quando lá chegar, mas nem posso acreditar. Contudo, a Janey está a arrulhar de forma tranquilizante num tom que só pode querer dizer que...

Teve um bebé. A minha melhor amiga teve um bebé e eu não soube. Olho fixamente para o outro lado da divisão, um vazio no meu íntimo por causa do golpe.

Ela não me disse. Não me mandou uma fotografia. Não pediu conselhos nem tranquilização por qualquer um dos milhões de medos que um recém-nascido acarreta.

É como se a minha vida tivesse ficado paralisada enquanto o mundo da Janey mudou. Sem mim.

Ela olha para mim por cima da cabeça do bebé e, num fragmento de segundo, passa-me pela cabeça virar costas e ir embora. Apenas virar costas à dor. Mas a expressão dela quando nos entreolhamos transparece nostalgia, vazio, solidão e amor, terno e inseguro.

— Esta é a Ava — murmura. Quando se vira para o bebé, escorre-me uma lágrima pela cara. — Olha, meu amor, a tua... a tua tia Sally está aqui.

Encontramo-nos a meio do caminho, a Ava a rumorejar, a agitar a mãozinha, toda contente. Pego-lhe na mão.

— Ela... — Também tenho lágrimas na cara. — Olá, Ava — digo. Ela guincha de regozijo e dou por mim a sorrir, apesar de tudo, enquanto os seus dedinhos dobram nos meus, depois a Janey passa-a para o meu colo e eu

faço-a saltitar enquanto ela se firma nos meus braços. A Janey tapa a boca com a mão trémula.

Tenho o coração preenchido. Reprimo tudo exceto o presente. As implicações de a Janey ter uma filha podem esperar. O marido morto não pode.

Pouso a Ava com muito cuidado no parque para bebés.

— Lamento muito — diz a Janey quando me viro para ela. — Lamento imenso, Sally. Por tudo. Sempre odiei o Jim, mas nunca deveria ter... — Olha para a luz que entra pelas enormes janelas salientes enquanto abraça o próprio corpo com força. — Quis ajudar, mas estava tão sentida contigo e fui tão estúpida que só consegui magoar ambas e...

Abraço-a outra vez.

— Mais tarde — digo.

Um caracol dos seus cabelos ruivos e estouvados entra-me para um olho enquanto se agarra a mim. É como regressar a casa.

— Deveria ter-te informado da Ava — diz, num arquejo. — Mesmo não tendo a certeza de queres saber de mim, deveria ter ligado.

— É *claro* que queria saber de ti. — A minha voz está rouca com todas as coisas que não posso dizer. Abraço-a e tento pensar apenas em como senti a falta dela. Deixo escapar um soluço de riso. — Tinha-me esquecido de como és alta. Como fui esquecer que és uma maldita gigante? — Recuo um passo e limpo a cara à manga enquanto olho em redor. — Onde está o Keith?

— Lá em cima — sussurra e estremece. — Todo este tempo, nunca percebi porque não deixaste o Jim. Não fazia sentido que o deixasses destruir-te a vida daquela maneira, e depois o Keith... começou... — Abana a cabeça, desesperançada. — Ele magoou-me e eu *fiquei*. Fiquei e não sei se compreendo porquê. Teria pensado que as coisas iriam melhorar? Teria pensado que seria mais fácil quando a Ava fosse mais velha?

— Pensei que tu e o Keith eram felizes — digo com ternura.

A expressão dela é tomada pelo desespero.

— *Fomos*. Esteve tudo bem até eu engravidar, e fiquei espantada, porque ambos desejámos o bebé, mas ele detestou como o meu corpo mudou e como deixei de ter tanto desejo sexual. Pensei que as coisas melhorassem quando o bebé chegou, só que então deixámos de conseguir dormir e a vida ficou uma barafunda, e ele compreendeu que nunca mais seria como era... que o bebé ocuparia sempre a maior parte do meu tempo e energia. Nem queria acreditar que aquilo me estava a acontecer... pensei que a culpa era minha por ser estúpida ao ponto de ter um bebé aos 42 anos e... — O fluxo de palavras extingue-se num engolir em seco fraco e triste. — Porque foi que o fiz, Sal? Por que carga d'água deixei que isto me acontecesse?

Cinjo-lhe as mãos nas minhas.

— Nós não *deixámos*. Eles é que o fizeram. E nós não sabíamos como os fazer parar.

O olhar dela prende-se no meu, interrogativo, e depois percebe a resposta.

— Oh, Sally. — Enruga a cara. — Queria estar errada.

Abano a cabeça.

— Disseste que o Keith está lá em cima. Como foi...

— Pensei que ele era um monstro. — Liberta uma risadinha trémula. —

Um monstro a sério das minhas estúpidas histórias. Nem sequer percebi o que estava a fazer. Apenas estava muito, muito cansada, deveria estar meio a dormir e... Meu Deus, vais pensar que enlouqueci. Vais pensar que é justo que me venham buscar e me prendam para sempre.

— Não enlouqueceste. Quando o Charlie e a Amy eram pequenos, nem imaginas as vezes que sonhei que a torradeira ganhou vida, ou tive alucinações em que eles se transformavam em animais, ou... — Encolho os ombros e limpo-lhe a cara delicadamente com a manga, enquanto ela olha para mim com uma esperança atónita.

— A sério? Deveras que isso também te aconteceu?

— Não é possível passar por tal privação de sono e não ter alguns momentos em que perdemos a noção da realidade.

Olha para a Ava, que está no outro extremo da divisão.

— Hoje de manhã, quando acordei e o vi, nem sequer percebi o que tinha acontecido. Depois lembrei-me do sonho... um monstro que nos atacou e eu desferi um golpe com a primeira coisa que me veio à mão... Vai-se a ver e foi a luz de presença da Ava, que se desfez em pedaços e, vá-se lá saber como, o fio eléctrico deve ter entrado em contacto com a pele dele... Lembro-me de ouvir um enorme estrondo... metade da casa ficou às escuras..., mas eu estava tão passada que nem sequer percebi. Apenas peguei na Ava e escondi-me no quarto, mas depois estava tão cansada que voltei a adormecer...

Estremece e fecha o casaco de malha no peito.

— Eles permitir-me-ão ter a Ava comigo na prisão enquanto for assim pequena, mas depois... — Faz uma expressão desanimada. — Se não for eu a ficar com ela, a amá-la, quero que sejas tu, mas o Jim...

— Isso deixou de ser problema.

Ela levanta a cabeça com um movimento brusco, os olhos arregalados com o choque.

— Deixaste-o? Quando? Porque não me disseste?

Sento-me no sofá e pego na mão dela.

— A Ava não te irá perder e tu não a vais perder, porque eu vou resolver isto.

A Janey afasta a mão.

— Tu não podes resolver isto, Sally! O que vais fazer? Ajudar-me a enterrá-lo no jardim? — Levanta-se e caminha para a janela, depois detém-se ao ver a filha. — Pelo menos se me entregar, poderei ser libertada enquanto a Ava ainda for...

— Tens razão. — Espero até ela se virar, depois levanto-me devagar e junto-me a ela ao lado do berço. — Nunca o conseguiríamos fazer sozinhas, mas o mundo é surpreendentemente pequeno e tenho andado ocupada a criar acidentalmente um grupo de autoajuda.

— O teu clube social do confinamento não me ajudará a escapar a um homicídio! Meu Deus, Sally.

— Legítima defesa não é homicídio.

— Não interessa! Mesmo assim, não me ajudarão a escapar ao facto de ter matado o meu marido.

Contraio os lábios.

— Estás a ver, aí é que te enganas. Elas não têm problemas em ajudar-me a escapar ao facto de ter matado o Jim.

A Janey fica lívida e, por um segundo, balança sobre os calcanhares.

— Sei que o meu pequeno grupo de autoajuda *vai* ajudar-me a ultrapassar isto e não me denunciara à polícia por uma simples razão: estão todas no mesmo barco.

Posiciono-me ao lado dela, uma mão a agarrar a grade do berço.

— Nenhuma de nós é uma assassina e todas temos filhos para proteger. Se posso confiar nelas quando só passaram uns dias, tu deverás poder confiar em mim. Vou resolver isto, Janey. Por ti, por mim, por todas nós.

— Não podemos fazer isto — diz, com um arquejo. — Não resultará. — Encosta uma mão trémula à ténua.

— Se correr mal, assumirei a morte do Keith.

Ela arregala os olhos com o choque — e uma esperança desesperada.

— Eu e as outras já fizemos um pacto. Eu e a Ruth temos filhos crescidos. Se a coisa der para o torto, assumiremos a responsabilidade. É melhor ir uma ou duas para a prisão do que todas, por isso podes juntar-te a nós e fazer os possíveis para todas nos safarmos, ou então podes entregar-te. A diferença é que uma dessas opções significa que poderás educar a tua filha.

Fito-a nos olhos com todo o amor, determinação e coragem que vê-la de novo, poder tê-la comigo conforme ultrapassamos esta crise, me deu.

— Como é que vai ser?



29.

CONHECER-TE...

— **D**ou por aberta esta sessão solene do Clube do Enterro das Mulheres do Confinamento — digo ao grupo, reunido num círculo com distanciamento social, no dia seguinte.

Estamos no parque perto do lago dos patos, para a Maryam poder correr por ali à procura de penas enquanto falamos.

— Primeiro ponto da agenda, proponho que não aceitemos novos membros. Todas a favor. — Perscruto o círculo enquanto as outras se entreolham... circunspectamente no caso da Samira, com desconfiança no caso da Janey, com curiosidade no caso da Leila e compreensivamente no caso da Ruth.

A Leila levanta a mão.

— Cinco é quanto basta para fazermos seja lá o que temos de fazer, mas, se formos mais, aumentamos o risco de alguma fazer uma estupidez e ser apanhada e depois denunciar as outras em troca de um acordo... ou só sem querer. Voto em não aceitarmos novos membros... e, decididamente, mais cadáveres não.

— Apoio a votação em não aceitarmos novos membros, mas não devemos brincar com a situação — diz a Ruth, ainda que com delicadeza. — Estamos a falar da vida de pessoas...

— Da morte — corrige-a a Leila.

— Leila. — A Samira suspira e depois vira-se para nós com a mão no ar. — Concordo.

— Quem é a minha coisinha mais fofa? — diz a Janey quando a Ava dá um gritinho na alcofá. — Sim, a mamã concorda, não concorda, querida? Concorda, sim. Cinco é suficiente. Na verdade, pode até ser mais do que